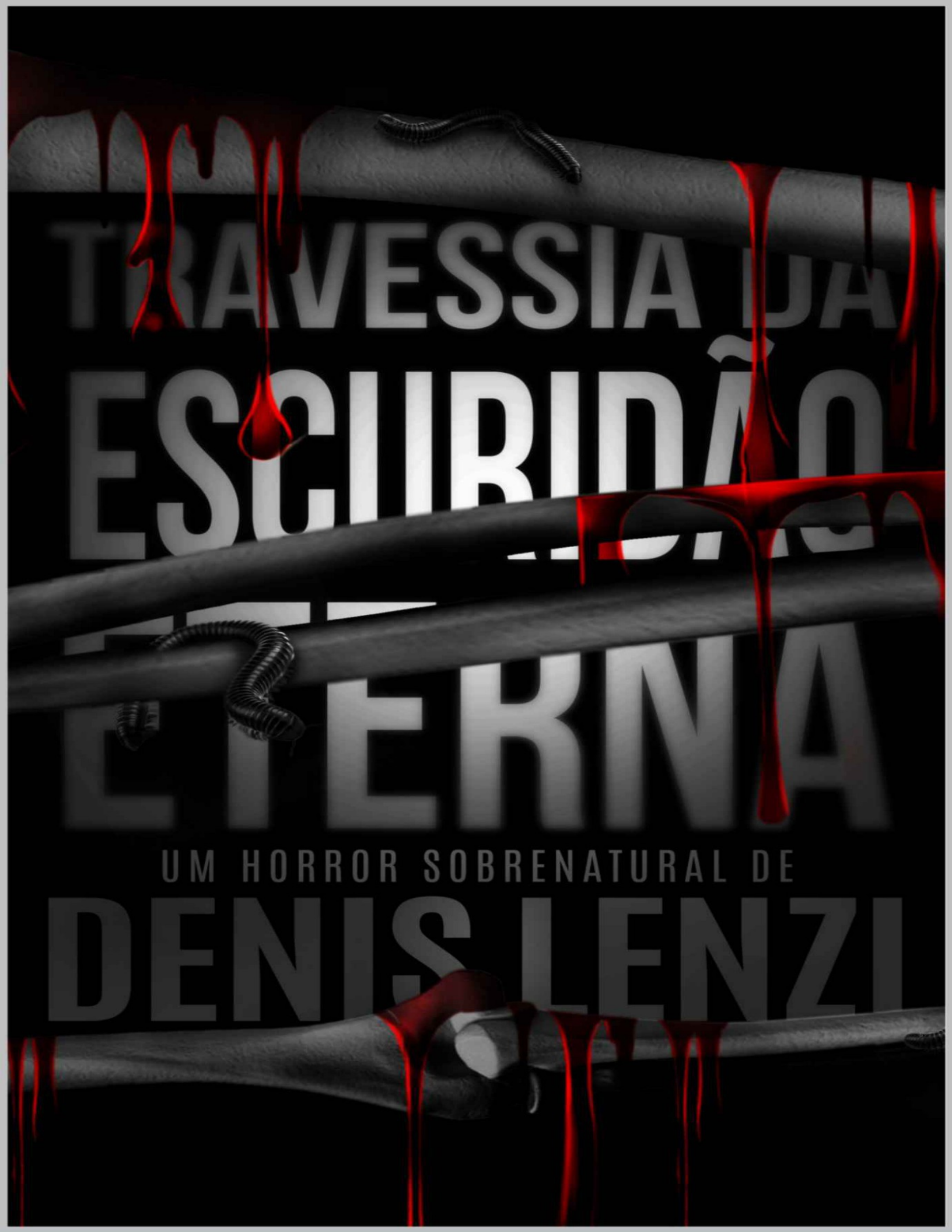




TRAVESSIA DA ESCURIDÃO ETERNA

UM HORROR SOBRENATURAL DE
DENIS LENZI



TRAVESSIA DA ESCURIDÃO ETERNA

Um romance de horror sobrenatural

DENIS LENZI

1ª Edição

2018

Advertência:

Impróprio para menores de 18 anos.

Copyright © 2018 por Denis Lenzi

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra sem a autorização prévia do autor.

Capa e diagramação digital

Denis Lenzi

Revisão

Carla Santos

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, locais e acontecimentos são igualmente produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, locais ou pessoas vivas ou mortas, é total coincidência.

Índice

[Capa](#)

[Folha Rosto](#)

[Ficha Técnica](#)

[Sinopse](#)

[Nota do Autor](#)

[Parte I - Casa Nº 454](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Parte II - Henri](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Parte III - Escuridão](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Parte IV - Felícia](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Parte V - Milharal Negro](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Parte VI - Segredo](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Parte VII - Shirley](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

SINOPSE

Depois de descobrir o segredo da sua esposa, Henri, tomado pela raiva e do desespero, bebe exageradamente, o que desencadeará a sua queda acidental. Porém, ao acordar ele se vê em um lugar escuro, onde a presença da luz é praticamente inexistente. Ele não se lembra de como foi parar ali, nem sabe por que está ali e, muito menos, possui qualquer informação sobre o lugar. Durante a sua travessia desesperada, em busca da resposta sobre esse mundo de escuridão, ele descobre, pouco a pouco, que o lugar era habitado por criaturas assustadoras.

Um livro de horror sobrenatural envolto pelo mistério e com um toque lovecraftiano, a história mostra que o verdadeiro terror não é aquele que fica preso no lugar escuro onde o mal o rodeia, mas sim sobre os temidos seres humanos, cujas verdadeiras naturezas obscuras, capazes de cometer perversidades, muitas vezes maliciosas, são ocultadas perante os olhos inocentes das futuras vítimas.

NOTA DO AUTOR

A ideia para escrever este livro surgiu quando acordei, inquieto e incomodado pela ausência da luz, e me vi em um lugar extremamente escuro. Fiquei imaginando o que poderia ocorrer se pressentisse algo na escuridão, e isso me deixou um pouco amedrontado.

Quando a luz do visor do celular acendeu sozinha, ali vi um vulto branco diante de mim. Por um momento, fiquei pálido, meu corpo petrificou, mas logo vi que era apenas uma simples e inofensiva camisa branca colocada no espaldar da cadeira. A luz do visor do celular se apagou, e a escuridão tomou conta do quarto. Eu ri, é claro, mas foi justamente nessa hora que a ideia surgiu.

Além disso, a gente não sabe o que se pode encontrar no escuro, não é verdade? A mente tem a capacidade de criar a situação para nos deixar com medo, mesmo que seja apenas uma ilusão. E a escuridão faz isso parecer real.

Espero que eu tenha conseguido fazer um bom trabalho neste livro, assim como também espero, sinceramente, que você goste da história e que talvez, após a leitura, você deseje deixar a luz sempre acesa na hora de dormir.

Grande abraço literário,

DENIS LENZI

PARTE I

CASA N° 454

1

Era fevereiro de 1992, na cidade de Osasco, em São Paulo.

Alguém bateu três vezes à porta. Era isso que Fabiana ouviu, quando jogou as roupas sujas acumuladas havia semanas na máquina de lavar roupa. Ela estava no porão da casa, ouvindo a música aleatória do rádio portátil em som baixo. Outra batida da porta. Poderia ser mais fácil se alguém tocasse a campainha, porém ela lembrou que o botão ao lado da porta da varanda estava danificado. *Acho melhor falar com o Roberto para consertar logo a merda da campainha*, pensou ela. Ela já sabia quem lhe chamava lá fora. Já esperava por ela.

— Roberto, pode atender a porta, por favor. É Jennifer! — disse ela em voz alta de modo que o seu marido, no andar acima, pudesse ouvi-la. Não havia resposta dele. Ela se lembrou de onde ele estava. No banheiro, fazendo *número 2*. Coisa tão primitiva e nojenta. *Que maravilha!*

Mais uma batida da porta.

Se ela continuar batendo daquele jeito, vai quebrar o vidro.

Fabiana largou tudo o que tinha nas mãos e foi até a sala.

Do outro lado da porta, avistou, através da tenra cortina branca, a silhueta de uma pessoa que batia levemente na vidraça. A sombra delineava mais uma pessoa, aparentemente uma criança, cuja cabeça repousava no ombro de uma mulher. Era Jennifer Moreira, a sua vizinha, que morava lado, carregando seu filho, um menino de sete anos, cabelos ondulados e rosto sonolento. Seus olhos castanho-claros, assim como os da mãe.

— Oh, meu amor! A mamãe está aqui agora! — disse Fabiana, esticando os braços em direção ao filho nos braços da vizinha.

Com suas mãozinhas, o menino esfregou os olhos, fazendo beicinho. Fabiana pegou-o cuidadosamente, colocando a cabeça dele sobre seu ombro.

— Muito obrigada! — disse ela para a vizinha à sua frente, que esboçou um sorriso gentil. Havia ternura nos olhos dela. Atrás dela, ela podia notar o céu da noite ganhar um risco de luz e logo veio o som do trovão.

— Não há de que! Eu te vejo amanhã, então.

— Parece que a tempestade vai ser bem feia — disse ela ao olhar nos olhos dela enquanto tentava ajeitar o filho no seu colo.

— A previsão do tempo já tinha alertado sobre essa possibilidade de acontecer hoje à noite. Só

espero que não seja *daquela* do ano passado, causando grande prejuízo a nossa cidade — disse Jennifer, preocupada.

A vizinha era uma senhora de quarenta e poucos anos, alta, magra e pálida, pois evitava a exposição ao sol, por ter pele muito delicada. Parecia moldada como uma boneca de porcelana. Os cabelos negros e ondulados, vão até a cintura e estava amarrado em um rabo-de-cavalo. Usava óculos de grau, com armação fina, prata, semitransparente. Estava vestida com uma saia preta que ia até os tornozelos e uma camisa branca de manga longa. Em torno do pescoço destacava-se um colar com um crucifixo de madeira. Uma crente.

— É melhor eu voltar logo para minha casa antes que comece a cair uma chuva forte.

— Espere um pouco! Amanhã nós vamos fazer um churrasco e você está convidada para almoçar conosco. Eu não aceitarei um não como resposta — disse ela, falando baixinho para não despertar o filho, que já dormia em seu ombro.

— Eu aceito o seu convite. Virei sim!

— Que bom! Que tenha uma boa-noite!

— Que Deus lhe abençoe! — disse ela, com as mãos unidas sobre o peito e inclinou a cabeça para abençoar mãe e filho. Saiu em seguida, atravessando o portão e fechando-o cuidadosamente. Depois, seguiu em direção à sua casa.

No meio do caminho, porém, a alguns metros de sua casa, ela se deteve ao ouvir um ruído estranho. Não era pelo barulho do trovão ou do uivo do vento, mas como se algo tivesse quebrado no bosque. Talvez uma queda de alguma arvorezinha. Olhou para trás, com as duas mãos pousadas sobre o crucifixo no peito, e procurou a origem do som. O local estava completamente deserto e escuro, sob o céu com seu festival de luzes de relâmpagos. Examinou atentamente a rua e a única coisa que chamou a sua atenção eram mariposas voitando a lâmpada acesa no alto do poste. Depois, desceu os olhos por aquele poste e viu uma presença atrás do mesmo. Podia ver a silhueta de um homem parado, alto, careca e magro, todo de preto. Ela não gostou daquela presença e assumiu um ar sério. Continuou sua caminhada, agora apressada, com medo daquele homem parado atrás do poste. Assim que chegou em casa, caiu uma forte chuva. Ela deu uma espiada pela janela, para ver se o homem continuava lá. E estava. Parado no mesmo lugar de sempre, sob a luz do poste e da chuva. Ela sentiu um arrepio no corpo e afastou-se da janela.

Com o filho ainda dormindo no ombro, Fabiana atravessou o corredor, onde havia quatro portas, duas de cada lado, e se dirigiu até o final, entrando na porta à esquerda, que era o quarto do menino. O quarto estava escuro, apenas iluminado pela fresta de luz que vinha do corredor. O céu trovejou e a luz de relâmpago assaltou o quarto sem aviso prévio. Fabiana colocou delicadamente o menino na cama dele, ajeitando sua cabeça sobre o travesseiro, cobrindo-o com um lençol azul. Ele mexeu-se um pouco, depois se aquietou adormecido. A mãe pôs-se a admirá-lo tomada de encantamento pelo gracioso filho. Depois, afastou-se lentamente, procurando não fazer o barulho, apesar do trovão lá fora, mas nada disso o assustava. Ela sabia que ele estava acostumado com a tempestade. Era valente e não tinha medo do escuro. Ela saiu, deixando a porta encostada, para permitir a entrada da fresta de luz.

2

Jennifer Moreira trocou as roupas e vestiu uma camisola que ia até os tornozelos, com cabelos soltos, lisos e longos até abaixo da cintura e calçava um par de pantufas. Foi à cozinha escura com intenção de assaltar a geladeira. Luzes de clarões vinham pela janela com cortina fina, quase transparente, que permitia visualizar lá fora através dela. A luz da geladeira aberta iluminava seu rosto cansado e sentia muito fome. Tinha cuidado tanto do menino no período da tarde que nem teve tempo de tomar café. Na geladeira havia poucas comidas, entre elas, uma sobra de frango assado picado dentro da pequena bandeja de vidro coberta com papel alumínio, um salame, um pedaço de queijo suíço, uma caixa de leite integral, um pote de geleia de morango e de requeijão, manteiga, algumas frutas, e ela permanecia parada, indecisa diante da escolha.

Sorriu ao tomar uma decisão que poderia saciar a sua fome inesperada, pegou uma bandeja com frango e um pacote de leite, e levou em direção à mesa enquanto a porta da geladeira movia-se sozinha para fechar. A luz do eletrodoméstico iluminava na costa dela, criando uma sombra negra que emergia sobre a mesa redonda no meio da cozinha e ia esticando até a parede. Jennifer deixou a bandeja e o pacote de leite sobre a mesa à escura, e ela seguiu em direção ao interruptor perto da porta. Apertou e a luz clareou toda a cozinha, quase chegando a visão dela. Ela cobriu seus olhos com a mão, tentando acostumar-se à claridade da luz da lâmpada pela luminária suspensa em cima da mesa redonda. A luz era branca, mas pareceu intensa para ela. Assim que suas pupilas regularizaram a claridade da luz, ela voltou a mesa. Então, no meio dela, viu um papel de ofício com desenhos coloridos dela feitos de giz de cera que o menino tinha feito enquanto estava em casa. Pegou o papel e averiguou atentamente o que ele tinha desenhado. A imagem a deixou surpresa e ela sabia o que significava o tal desenho. Deixou o papel sobre a mesa e foi até a sala, onde pegou o telefone, discando o número de alguém. Menos de um minuto depois, a ligação foi atendida.

— Alô? — perguntou a voz feminina do outro lado da linha.

— Quem fala?

— *Patrícia.*

— Sua mãe está em casa?

— *Sim, está.*

— Preciso falar com ela.

— *Quem é você?*

— Uma amiga. Pode chamá-la, por favor?

O telefone ficou em silêncio por um tempo. Jennifer olhou para a janela com a cortina pouco aberta, permitindo que os clarões de relâmpagos iluminassem na sala por alguns segundos. Alguém atendeu ao telefone.

— *Alô!*

— Carol, aqui quem fala é a Jennifer. Ele está aqui.

— *Tem certeza?*

— Sim!

— *Meu Deus! Que o Senhor tenha piedade de nós* — disse ela pela última vez antes de desligar o telefone.

A ligação ficou muda. Jennifer sabia que a conversa seria breve e desligou o telefone. Ouviu um forte trovão lá fora que a casa parecia sacudir pelo impacto do som. Ela fechou os olhos, baixando a cabeça por um momento, sentindo um pouco zozza. Com os dois dedos esfregou no lado da cabeça, da parte superior, sentindo a pontada de dor, mesmo sendo apenas uma pontada, mas foi bastante intensa. Ao minimizar um pouco da sua dor, ela abriu os olhos novamente, olhando para a tapete oriental no chão com algumas sujeiras e giz de cera que o menino tinha deixado e depois ergueu a cabeça. As lentes dos seus óculos refletiram a imagem da sala onde uma estranha sombra projetava na parede que crescia assustadoramente. E não era a sombra dela.

3

Roberto Campos já estava embaixo da água quente do chuveiro, esfregando sua barriga pouco saliente, resultado de muitas cervejas que tomava diariamente. Ele era todo parrudo, possuía cabelo louro e curto, porém arrepiado, com bigode espesso e barba rala. O vapor tomou conta do banheiro. A luz do banheiro piscou, mas voltou a estabilizar em seguida. A água deslizava pelo corpo enquanto seus olhos fitavam a lâmpada, esperando para ver se voltaria a piscar. Pensou na possibilidade de uma queda de energia por causa da tempestade. Não queria tomar um banho gelado. Porém, tudo permaneceu normal, e o banheiro ganhou uma nuvem mais densa de vapor, umedecendo as paredes e o piso. Voltou então a banhar-se, esfregando o rosto e a cabeça. Em seguida, fechou os olhos e deixou a água corrente acariciar-lhe o corpo, sentindo o perfume do sabonete exalar. Ouviu alguém entrando no chuveiro. Ao abrir os olhos, viu uma mulher nua e sorriu.

— Ele está dormindo agora.

— Até que enfim! — disse ele, todo sorridente, enquanto olhava para o corpo dela, com desejo e tesão. Tocou-lhe a nuca, aproximando seu rosto do dela. — Sinto falta das sensações boas que vivenciamos juntos antes. Você não faz ideia...

— Eu também, meu amor. Eu também. Mas agora temos que cuidar o menino. Ele não dá sossego para nós.

— Eu sei. Agora que estamos aqui, vamos fazer amor. Vamos aproveitar o nosso momento, apenas nosso.

Fabiana tocou-lhe os lábios, que se moviam de desejo. Sem perder tempo, ele puxou-a contra si e beijou-a longamente embaixo do chuveiro, acariciando-lhe o dorso. As mãos de Fabiana alisavam o rosto dele, ela sentiu o sabor cálido e erótico de sua boca. Com os lábios próximos a orelha dela, Roberto sussurrou:

— Te amo, minha delícia!

Fabiana sorriu. O espesso vapor do chuveiro envolveu os dois amantes, transformando-os em sombras. Depois de um momento prazeroso sob o chuveiro, Roberto contorceu o rosto de prazer, alcançando o orgasmo com uma alucinante intensidade. Um delicioso arrepio percorreu todo o seu corpo. Fechou os olhos e expirou, longa e pesadamente, com as pernas bambas. Seu coração palpitava com violência. A água escorria sobre seu prazeroso sorriso.

Fabiana, depois de se limpar, saiu do banheiro. Roberto ficou ali por alguns segundos, aproveitando aquela leve sensação de bem-estar, depois do ato consumado com a mulher. Como o vapor acumulado estava denso, abriu um pouco a janela para dissipá-lo. Lá fora, ventava muito

e a chuva caía torrencialmente. O céu não descansava o festival de relâmpagos.

Saiu do chuveiro e enrolou a toalha em torno da cintura. Foi até o espelho, que estava coberto de vapor. Passou a mão na superfície para desembaçá-la e viu sua imagem refletida. As maçãs de seu rosto ganharam uma coloração avermelhada, que, contrastada com a pele levemente morena, dava-lhe uma ótima aparência. Ele ficou todo gabando-se, quase como narcisista.

Não demorou quando o vapor começou a cobrir o espelho novamente, engolfando sua imagem por completo e embaçando a superfície. Ele baixou a cabeça. As gotas de água deslizavam pelo seu rosto. Depois de enxugar todo o corpo, jogou a toalha no gancho e saiu nu do banheiro, seguindo para o seu quarto, que ficava ao lado. Vestiu uma bermuda, vestiu uma regata branca e justa, que moldava seu corpo, apesar da saliência da barriga, e deixava antever os bicos de seus mamilos. Ajeitou o cabelo com a mão e saiu do quarto. Ao atravessar do corredor, sentiu um cheiro agradável no ar, mas não sabia o que Fabiana tinha preparado para o lanche. Ao chegar ao vão da porta que levava para a sala de jantar, deteve-se. Seu rosto estava estampado de horror.

Fabiana estava de costas no chão, com um braço pousando flacidamente por sobre o seu peito inundado com o sangue que escorria pelo rosto com um enorme corte e profundo. Notou que havia uma pessoa ali, segurando um cutelo, onde podia perfeitamente ver a gota de sangue deslizando pela lâmina cortante. Essa pessoa tinha golpeado no rosto da sua esposa, provocando a sua morte rápida.

— Fabiana! — gritou. E depois olhou para a pessoa que matou a sua mulher.

Jennifer estava sorrindo para ele, com alguns respingos de sangue no rosto e da sua camisola de dormir.

4

Roberto levou um tempo para entender o que tinha acontecido ali, mas sua mente estava totalmente confusa. Ficou em estado de choque com sentimento de horror e, ao mesmo tempo, com medo. Sua esposa estava morta. Assassinada pela sua vizinha. *Mas por quê?* Ao olhar para Jennifer, viu que havia frieza nela, um olhar que somente um psicopata possuiria quando matava uma pessoa inocente.

— Por que você matou ela, sua louca desgraçada?

— Ele me pediu.

— Quem?

Ela olhou para a lâmina do cutelo, onde o sangue deslizava sobre a superfície metálica, refletindo o rosto dela. Ela estava muito séria, pensativa. Depois olhou para Roberto.

— Você tem que morrer. Ele me pediu. Seu filho tem que morrer. Ele me pediu.

— Ele quem, porra?

— Tenho que fazer isso, Roberto. Tenho que fazer, entende? Se não vai ter uma consequência. Vocês precisam morrer.

— Fique longe de mim e do meu filho, sua doente! — exclamou Roberto, apontando o dedo em riste para ela. Ele estava dividido entre o sentimento de tristeza e raiva pela morte da sua esposa.

— Ele não é seu filho. Você sabe disso. É apenas um filhinho de merda abandonado da mamãezinha drogada. Drogada e prostituta.

— Vou chamar a polícia.

— Você não vai. — Ela andou lentamente, sem tirar os olhos dele, que espelhavam aflição e medo. Roberto lembrou do menino. *Meu Deus! Como pude deixar meu filho com ela? Ela poderia ter matado-o!*, pensou ele. Precisava protegê-lo. Começou a recuar, dando alguns passos atrás, e ela o seguiu.

— Mais um passo... — ele disse, todo defensivo. Estava disposto a enfrentá-la desarmado, caso a louca tentasse avançar mais.

— Sim? — perguntou ela, sussurrante. Ela sorriu. A ameaça dele não a assustava. Ao contrário, ela continuava a avançar.

— Eu te mato! — ameaçou ele, entredentes.

— Desarmado? Conseguirá tirar esse cutelo na minha mão?

— Pare!

— Senão...

Ele aguardou o momento certo para desarmá-la, mesmo que não soubesse exatamente como. Somente na hora do ataque de defesa ele saberia como fazer. Ela era uma senhora fraca e magra ao contrário dele, que era forte e robusto. Ele tinha uma grande vantagem sobre ela. Uma chance maior de sair ileso.

— Estou avisando, pare onde está!

Ela parou de caminhar em direção a ele, que estava agora a um metro de distância dele. Para ele, era perto o suficiente para fazer um ataque surpresa ao saltar contra ela, empurrá-la no chão e desarmá-la. Os dois se mantiveram imóveis. Um olhando ao outro, esperando o movimento do outro.

— Prometo que sua morte será rápida, Roberto. Você se juntará com sua esposa em breve, isso se conseguir achá-la — disse ela enquanto manjava o cutelo cuidadosamente. — Depois será o menino, que vai ser a cereja do bolo.

— Você não vai conseguir porra nenhuma! Não agora! — disse ele e então correu na direção dela.

Ela reagiu, evitando o contra-ataque do Roberto, que caiu no chão, e soltou gargalhada. Com um movimento brusco, ela moveu o cutelo habilidosamente e cortou um lado do rosto dele, cuja lâmina deslizou profundamente sob a camada de pele, abrindo-a com facilidade como abrir a barriga do peixe, e por pouco quase atingiu o olho esquerdo dele que poderia cegá-lo. O sangue desceu profusamente, ele colocou a mão para cobrir a ferida aberta, para estancar o sangramento. Ficou desorientado, e ela não perdeu uma chance de aproveitar a fragilidade dele ao chutá-lo com requintes de crueldade. Atingiu o tórax dele, que fê-lo gemer de dor. Podia ouvir o osso do tórax estalar. Depois outro chute, que empurrou mais para lado, com o corpo virado de lado, contorcido de muita dor. Era uma dor que ele nunca tinha sentido antes. Já tinha lutado com muitos homens com socos, porradas, pontapés, mas nunca tinha experimentado algo neste nível que beirava a insanidade do que fez com ele. Ela ergueu o cutelo para cima, sem tirar os olhos do rosto dele coberto de sangue quando, de repente, foi interrompida ao ouvir uma voz dócil e assustada de um menino.

— Titia?

O rosto de Jennifer virou e o viu parado no vão da porta do corredor, sonolento e sem entender nada do que ela estava fazendo com seu pai.

— Filho, vai para o seu quarto! — ordenou o pai, temendo pela vida do menino.

— Titia, o que está fazendo?

— A titia está morta. Igual à mamãe. Não essa mamãezinha. A outra que você jamais vai conhecê-la. Você quer se juntar com ela, meu amor?

— NÃÃÃO! — berrou Roberto, agora tomado por uma força descomunal. O instinto da paternidade falava mais alto do que o próprio medo e a fraqueza. Conseguiu empurrar a assassina, lançando-a no chão. Ela soltou o cutelo involuntariamente, mas não perdia a graça de soltar mais uma gargalhada irritante, insuportável de ouvi-la.

— Filho, vai para o seu quarto! AGORA! — ordenou ele em voz alta para seu filho, que, assustado pela reação do pai, saiu correndo com lágrimas nos olhos, tremendo de medo.

Jennifer se levantou e tomada pela fúria colérica, pegou o cutelo caído no chão e, em seguida, aproximou-se dele. Roberto sabia o que aconteceria daqui para frente; Viu que a sua vida terminaria ali e tudo o que fez foi olhar, mais uma vez, uma última vez para o corpo da sua esposa, ali inerte. Mal teve tempo para poder chorar, para as lágrimas descer do seu rosto quando a lâmina do cutelo cravou no seu crânio, partindo ao meio. Do mesmo jeito como um machado conseguia partir uma tora de madeira ao meio. O sangue expeliu em profusão pela ferida aberta, misturado com o seu grito de dor. Em menos dez segundos, ele despencou no chão, sem vida, com olhos abertos e o sangue ainda saindo na boca.

O trovão ecoou fortemente e logo em seguida toda a energia do bairro foi interrompida. A escuridão reinou no lugar.

5

Boi, boi, boi

Boi da cara preta

Pega esta criança que tem medo de careta.

No corredor escuro, a silhueta de Jennifer era projetada pelos clarões de relâmpagos enquanto caminhava lentamente com um cutelo na mão. A lâmina encharcada de sangue do Roberto pingava, deixando rastros vermelhos pelo chão atapetado. Ela continuou cantarolando tranquilamente enquanto mexia o cutelo de um lado para o outro para acompanhar o ritmo da sua canção de ninar mais assustadora já criada pelos brasileiros. Quem, em sã consciência, cantaria uma música num tom de ameaça para uma criança dormir?

Não, não, não

Não o coitadinho

Ele está chorando, porque ele é bonitinho!

Ela parou em frente à porta do quarto do menino e empurrou-a silenciosamente, abrindo-se sozinha com um ranger das dobradiças metálicas causando um verdadeiro calafrio para o morador mais corajoso da casa. Ao adentrar do quarto, olhou para o menino por baixo do cobertor diante dela.

Não, não, não

Não o coitadinho

Ele está chorando, porque ele é bonitinho!

— Titia? — perguntou o menino por baixo do cobertor. Ele tinha ouvido a voz amena da tia, a

mesma voz que ela costumava fazer para ele quando contava uma história ou canção que o tranquilizava.

— Venha, meu pequeno anjo!

O menino puxou o cobertor para vê-la, mas quando a viu ele teve um pressentimento ruim sobre ela. Como se um anjo ao lado dele estivesse alertando sobre essa mulher disfarçada como uma bela donzela com intenção de matar os pobres animais indefesos. Havia algo diferente nela: o cutelo na mão dela. Podia ver claramente respingos de sangue no chão. Outra luz de relâmpago. O menino reparou a face assustadora da Jennifer. Estava longe de ser aquela tia dócil e cândida, que sempre fora. Começou a afastá-la lentamente.

— Vai ficar tudo bem — disse ela enquanto mexia o cutelo, como uma varinha mágica movendo de um lado para o outro, esperando para lançar o seu feitiço mortal que o ceifaria num questão de segundos.

— Onde está a mamãe?

— Você se encontrará com ela — disse ela. — Durma, meu bom menino.

— Não! Estou com medo de você com essa coisa aí na mão. Por que está com essa coisa com sangue? Onde está o papai?

— Durma! — ordenou ela com um sorriso impaciente e a vontade maior de dar um golpe final nele.

— Eu quero ver o papai!

— Vai dormir, porra! — berrou Jennifer, numa reação súbita que deixou o menino aterrorizado. Ele nunca tinha visto o lado perverso da tia. Ela apontou o cutelo quase tocando no rosto do menino. Assustado pelo comportamento dela, ele saiu correndo em direção à porta, mas Jennifer o impediu e com uma mão lançou-o para longe, como se ele fosse um boneco de plástico, atingindo na parede. Ele caiu no chão e ao levantar-se ficou totalmente trêmulo, chorando.

— Papai! Quero o papai!

— O papazinho está MOOOOORTO! A mamãezinha está MOOOOORTA! Você vai MORREEEEEER!— ela gritou.

— Eu quero meu papai. Papai!

Jennifer ficou sem paciência pelo grito de choro do menino. Não havia humanidade nela, tampouco a bondade de vê-lo acuado e assustado. Não aguentando mais a tortura de ouvi-lo como um bezerro apavorado pronto para ser abatido no matadouro, ela aproximou-se dele, com a lâmina do cutelo reluzindo, pronta para parti-lo ao meio.

— Não me machuque! Não me machuque. Por favor! Por favor! Não quero dodói! Por favor,

eu prometo que vou ficar bonzinho. Vou ficar bonzinho.

O menino ajoelhou, com as mãos dadas, implorando para ela não o machucar com o cutelo que tanto o amedrontava. Tinha medo de ficar machucado e de ver sangue. Ele não entendia a morte e nem sabia para que servia. Tinha visto pessoas e animais mortos, mas não compreendia por que as pessoas não acordaram. Achava que eles estavam dormindo, um longo sono, cujo tempo lhe era desconhecido. O que mais o deixava aterrorizado era a ferida. Não suportava isso. O cutelo com sangue do pai pingando o deixava apavorado.

Jennifer suspirou pela patética súplica do menino; e para abreviar toda aquela tormenta, ela levantou o cutelo no ar, pronto para desferi-lo mortalmente. Porém, para sua surpresa, um facho de luz surgiu de repente, iluminando o rosto sofrido e choroso do menino e logo em seguida um tiro se fez ouvir no quarto. A mão da Jennifer foi atingida por uma bala, fazendo o cutelo cair quase em cima da cabeça do garoto por um triz. Enfurecida, ela virou o rosto para trás e viu alguém que a deixou ainda mais com raiva. Seus olhos estavam tomados pela fúria colérica e ela reagiu ao berro. Tentou pegar o cutelo caído quando veio o segundo tiro.

Seu pescoço foi atingido, onde um buraco esguichava de sangue pela artéria rompida. Trêmula pelo choque, ela virou para ver o menino mais uma vez e então sorriu até perder as forças. O sangue expelia sobre o garoto, banhando-o. O rosto dela foi tomado pouco a pouco pela serenidade, sem nenhuma dor por estar perdendo a consciência. Logo em seguida caiu no chão, sem vida.

O menino ficou calado, trêmulo. Viu o seu corpo coberto do sangue dela e depois para o cadáver diante dele, banhado em uma poça de sangue.

— Está tudo bem! — disse uma voz masculina serena. Queria tranquilizá-lo. Ele estava parado pelo vão da porta do quarto. Era um homem de vinte e poucos anos, segurando uma arma automática e na outra mão uma lanterna, trajando um uniforme da polícia militar.

— Venha, garoto! Prometo que vou cuidar bem de você.

O menino correu em direção aos braços do jovem, que largou a lanterna e o levantou do chão, permitindo que a criança pousasse a cabeça no seu ombro para sentir-se tranquilizado. Ele podia sentir o corpo do menino ainda tremendo, chorando muito. Apesar do massacre, ele estava feliz por ter conseguido chegar a tempo de salvar o pequeno depois que viu os dois corpos na sala. A vida da criança era valiosa demais para ser ceifada. Olhou para o corpo da mulher sobre a poça de sangue, que continuava inerte; e, como não podia ficar por muito tempo no local, levou-a para fora quarto, de modo a manter o garoto longe daquele cenário de horror e daquela carnificina promovida pela tia Jennifer.

6

Horácio Mueller, o vizinho do outro lado da rua, estava parado de pé no meio-fio próximo ao carro de polícia, segurando um guarda-chuva enquanto observava o policial se aproximando, com o menino no colo. Seu semblante com sobrelhas grisalhas, devido ao fato de ter cinquenta e poucos anos, estava preocupado depois que ouviu os barulhos e gritarias vindo daquela casa, tanto que ele chamou a polícia para checar o que estava acontecendo.

Ao ver o menino coberto de sangue ficou chocado e não era preciso ser um expert no que tinha acontecido em casa. Alguma coisa horrível aconteceu lá. Nem o pai, nem a mãe apareceram junto com eles. E nem a vizinha da casa ao lado. Curioso, ele tentou aproximar-se do policial para puxar conversa, mas este, sério demais, gesticulou para ele ficar ali, quieto e não atrapalhar o serviço dele.

Assim que o jovem policial deixou a criança no banco de trás da viatura e fechou a porta, ele chamou o reforço do departamento da polícia, mencionou o código que se referia ao crime de morte e assassinato, sob a forte chuva, sem importar por estar todo molhado. Enquanto esperava a chegada dos reforços, olhou para a casa, tentando entender o motivo dos assassinatos.

Ao ver que ele estava quieto, encostando-se ao carro de polícia e observando longamente a casa, Horácio aproveitou para chegar ao lado dele e, então, perguntou:

— Há algo que eu possa ser útil, policial?

O policial virou o rosto sério para ele, todo ensopado.

— Não, deixe que o meu reforço chegue primeiro para resolver a parada aí na casa. O negócio ficou feio.

— Então, eles... o Roberto e a mulher dele...

O policial balançou a cabeça afirmativamente.

— Meu Deus! E a vizinha? Eu vi a vizinha entrando na casa. Ela também está morta?

— Não posso falar sobre isso.

Horácio olhou pela vidraça da janela do carro da polícia e viu o menino lá dentro, calado e em estado de choque. Ele soluçava e ainda tremia muito.

— Pobre menino!

O policial olhou para a criança, sem sequer dizer uma palavra para Horácio para não fornecer

informação demais. Ele lamentou pelo garoto estar passando por tudo aquilo.

— Esse menino tem uma marca de tragédia desde que nasceu. A mãe dele foi encontrada morta na floresta.

O policial suspirou. Não queria que Horácio estendesse a conversa e sim que o deixasse a sós enquanto aguardava o reforço e o IML para recolher os corpos após a perícia da polícia.

— Senhor, com todo o respeito, eu não quero ser muito rude, mas prefiro que você me deixe ficar sozinho. A sua presença aqui pode até atrapalhar o meu trabalho. Peço gentilmente que o senhor volte para sua casa e fique lá. Você saberá mais informações quando sair a notícia no jornal.

Horácio o olhou por um momento enquanto a água da chuva descia profusamente pelo guarda-chuva, formando uma fina cortina de água em torno dele. Então compreendeu e decidiu se afastar, assentindo com um sorriso educado. Ele afastou-se do policial, correndo apressadamente para entrar logo em sua casa, próxima dali, onde, pela janela do lado, uma mulher observava seu marido e depois o policial.

O policial olhou novamente para a casa. Ele conhecia a família do menino. Roberto era primo da Melissa, mãe do garoto, e assumiu o papel da paternidade para cuidá-lo depois que a mãe do menino fora encontrada morta em uma floresta. Ela estava com os braços marcados de hematomas pelas agulhas, indício de que era uma usuária de drogas pesadas. Morta por overdose, segundo o laudo da perícia do IML. Ele mesmo foi chamado para verificar o corpo encontrado pelas crianças que se aventuravam pela floresta, para brincar de escoteiros. O encontro delas com o corpo, já em estado de decomposição, deixaram-nas traumatizadas. Naquela época, o filho da Melissa tinha apenas dois anos e até agora ele nem sabia quem era sua mãe de verdade, achando que a Fabiana era a sua mãe natural. Agora o destino quis pregar cruelmente com o menino, tirando seus pais adotivos. Horácio estava certo sobre o menino. Que ele estava marcado de tragédia, onde quer que fosse. Pobre menino! Depois, o policial tentou entender o porquê de Jennifer – uma pessoa conhecida pelo bairro todo por ajudar os moradores da rua, dando alimentos e roupas, para que nada faltasse na vida de quem vivia na rua em condição deplorável – se tornar uma assassina, a ponto de quase matar uma criança? Não compreendia por que ela fez isso. E qual foi o motivo? Depois pensou de repente na sua própria família. Tinha uma esposa e dois filhos, um menino de doze anos e uma menina de oito anos. Mesmo sendo policial havia muito tempo, ainda sentia o medo ao pensar no que podia acontecer com elas como aconteceu com o menino. Não tinha como confiar muito nas pessoas que tomavam conta das suas crianças. Algumas podiam ser boas, mas outras não. Já recebeu denúncias de babás que maltrataram as crianças, mas eram casos isolados. O mesmo acontecia das pessoas que agrediam idosos, deficientes mentais. Até mesmo ameaçavam de morte pessoas impossibilitadas de se defender dos seus algozes. Havia também vizinhos que matavam outros por motivos descabidos, como cobrança, sujeira no quintal, pequenas coisas que causavam uma grande tempestade, desencadeando a morte de alguém em virtude de cabeça quente. Havia também aqueles que matavam cachorros das vizinhanças, por não suportarem os latidos. Até gatos. Sentiu um aperto no coração. *O mundo ficou louco, pensou ele. Não dá para confiar em mais ninguém.*

Ele olhou para a casa, sentindo que estava sendo observado. Com a mão pousada no coldre aberto, onde guardava a sua arma, ele apontou a luz da lanterna e tentou localizar a presença de alguém. Semicerrou os olhos castanho-claros para localizar o menor movimento de alguém na proximidade da casa, mas não viu nada, apenas sombras das matas na parede. Mesmo que não tivesse conseguido ver, ele pressentia que alguma coisa circulava naquela casa nº 454, sob o céu que não parava de trovejar.

PARTE II

HENRI

7

*Looking up there's only sky
Rest your head I'll take you high
And we won't fade into darkness
Won't let you fade into darkness
Where were we now, you'll be safe
Hold my hand, just in case¹
(Fade Into Darkness - Avicii)*

Acordei ao ouvir a música tocando no rádio, que ficava em cima do cômodo ao lado da minha cama, servindo como um despertador. Ele tocava diariamente (exceto domingo, que era o dia do meu merecido descanso. Até o próprio Deus descansou no seu sétimo dia depois da criação da terra, não é verdade?), sempre às sete da manhã, com as músicas aleatórias, geralmente em *rock'n'roll* e *pop* clássico que eu apreciava muito e com bom gosto. Quem me sugeriu trocar o alarme pelo uso da música do rádio foi Felícia, minha esposa. Foi ela que me deu de presente o rádio despertador quando completamos um ano de casamento. Isso foi há quatro anos, se não me engano. O rádio continuava sendo de grande utilidade para mim. Um presente que valeu a pena. Minha esposa tinha um bom gosto de escolher o que mais me agradava. Era ela sempre que comprava as cuecas, meias, roupas, e tudo o que eu precisava e nunca reclamei.

Olhei para o lado e vi o rosto da Felícia, dormindo de bruços. Ela estava de lingerie, seus cabelos longos e loiros caíam parcialmente sobre seu rosto, com lindos lábios carnudos, que me convidavam a beijá-la e despertá-la do seu sono de ninfa. Mas eu me detive. Não queria acordá-la, não nessa hora. Ontem, ela chegou depois da meia-noite, exausta, quase sem energia. Trabalhava como enfermeira no período da tarde à noite, em um hospital público. Quando estava esperando por ela, eu estava louco de tesão para transar, pois fazia duas semanas que não fazíamos sexo. Porém, quando a vi, toda cansada, achei que era melhor para outro dia, quando ela estivesse bem-disposta. Quem era eu para forçá-la o que eu queria e ela não? De que adiantava fazer um bom sexo se ela não estivesse à vontade? Afinal, o amor é feito de cumplicidade, respeito mútuo e compreensão. Se ela não estava a fim, significava que não queria e ponto final. Eu tive que respeitar por ela. Os homens com quem eu tinha convívio sempre me diziam que, quando as mulheres diziam *não* significava que *sim* e vice-versa. Isso era pura crendice deles! Babacas que não aceitavam um não. *Vão se foder, machismo de merda!*

Nunca fui um homem agressivo. Raramente agia como tal, porém sem nenhuma intenção de machucar as pessoas. Eu era uma pessoa que mais se encaixava como *latia muito, mas não mordia*. E também não era machista, como os meus amigos eram, dizendo-me, orgulhosos, que mandavam a mulher na cama, para tratá-las como uma mulher submissa, pois era para isso que elas foram feitas para exercerem seus papéis. Discordei, logicamente. Falei com eles sobre o meu ponto de vista de como realmente devíamos tratar as nossas mulheres e eles, ao saberem como eu tratava a minha esposa, me zoaram e gargalharam alto em todo o bar. *Fracote. Pau mandado. Não é homem de verdade. Frescura. Viadinho*. Foram essas palavras depreciativas dirigidas a mim e eu nem liguei para isso. A verdade era que alguns deles traíram suas esposas e foram separados. *Bem-feito para eles*.

Quanto a minha esposa, eu só tinha elogios a ela. Era uma mulher bonita e inteligente, que conhecia mais vocábulos difíceis do que eu, por ler mais livros, tanto que ela tinha uma estante cheia de livros variados só dela, enfim, ela era muito culta. Ao contrário de mim, um homem simples que nem sequer completou o ensino médio e que não tinha muita afinidade de ler livros, apenas jogos de futebol, notícias variadas e uma meia dúzia de latas de cervejas bem geladas para embebedar até cair no sono depois de um dia todo trabalhando na minha fazenda. Ela trabalhava como enfermeira e ganhava bem com isso, não tanto como gostaria, mas para mim ela ganhava bem. Ela fazia questão de me ajudar a dividir as despesas da casa, que era grande. Se ela realmente quisesse fazer alguma coisa útil para mim, quem seria eu para negá-la? Por que tinha que preservar a minha masculinidade para provar que não precisava dela e que eu fazia tudo sozinho? Não havia nada errado nisso quando precisava de ajuda, principalmente de uma mulher. Se ela quisesse pagar conta no bar ou restaurante, ela podia fazer sem eu me envergonhar por isso. Agora, nos últimos seis meses, ela se mostrava muito cansada. Pudera, o lugar onde ela trabalhava era um bocado longe. Quase uma hora e meia de carro para chegar ao local de trabalho, um hospital público de grande porte para todos os tipos de atendimentos, incluindo pronto-socorro 24h. Mas o hospital ficava em uma cidade vizinha, basicamente uma metrópole. A minha, que ficava no interior de São Paulo chamada Alto Alegre, possuía apenas dois pequenos ambulatorios criados pela prefeitura para atender os moradores rurais.

Quando ela chegou ontem, exausta, tudo o que fez foi tomar banho, comer um lanche e depois para a cama junto comigo. Ficamos apenas abraçados, com as minhas pernas entrelaçados com as dela, acariciando os cabelos dela enquanto o rosto dela colava no meu peito, dormindo. Isso era o amor. O sexo, tudo o que podia fazer era ser paciente e esperar que ela tirasse uma folga. Aí sim poderíamos fazer uma noite muito especial, acompanhada com um bom champanhe e espaguete com molho de tomate. Seria o momento perfeito para nós.

Depois de bocejar e espreguiçar, saí da cama despido e fui ao banheiro onde tomei uma ducha rápida. Em seguida, eu me arrumei, usei a calça e uma camisa branca de manga curta, que moldava meu corpo em boa forma. Pronto! Em menos de dez minutos, eu estava tudo pronto. Nunca fui uma pessoa vaidosa e não queria perder meu tempo para caprichar o meu visual. Afinal de contas, eu era homem rústico. Tudo o que importava para mim era o bem-estar, apenas isso. Ajeitei o meu cabelo apenas com a mão, saí do banheiro; mas, antes de sair do quarto, olhei para a minha esposa na cama, ainda dormindo, com sua bunda empinada para cima. *Linda!* Sorri maliciosamente e depois saí.

Fui a cozinha onde preparei um lanche matinal e reforçado. Com uma xícara de café com leite

quente na minha mão, eu observei a paisagem pela janela. Um vasto campo milharal sob o céu azul-claro. Um celeiro pintado de vermelho onde guardei a colheiteira de milho e outras máquinas para trabalhar no campo, e também materiais e ferramentas, coisas bem velhas mesmo, que pertencia aos meus avôs. Perto do celeiro havia um estábulo de madeira para seis ovelhas, que esperavam ansiosamente por mim, para levá-las a um campo. Quando a minha tia faleceu, que Deus a tenha, em decorrência de parada cardíaca depois de muitos anos com sua saúde debilitada, que a mantinha sempre acamada, ela me deixou este lugar. Ela me acolheu quando eu era criança, depois do que aconteceu com a minha família. O passado envolvendo a morte da minha família era algo que eu não queria mais lembrar. Meu nome tinha aparecido no jornal, teve repórteres chatos tentando me entrevistar. Mas, graças à firmeza da minha tia que os expulsou, e até mesmo assustou-os usando uma espingarda, que até hoje eu a tenho guardada em casa em caso de invasão ou intruso com má intenção na minha propriedade. A minha tia tinha sido muito boa comigo, me tratou bem e lutou muito por mim, para que eu tivesse um bom estudo, mesmo que não tenha o ensino médio concluído, porque, naquela época, com meus 16 anos, eu tinha que largar a escola para poder ajudar a minha tia na fazenda quando ela começou a ficar doente, ficando sem condições de gerenciar o negócio de plantação de milho. Tudo o que ela podia fazer era recortar várias notícias de jornais que achava interessante, era o hobby dela. Eu tinha que trazer alguns jornais todos os meses para ela. Ela queria ficar antenada no que acontecia ao redor do mundo: guerra, sequestro, celebridade, política. Assuntos não faltavam para a nossa mesa durante o almoço e jantar. Enquanto ela ficava concentrada no hobby dela, eu cuidava do negócio. A venda do milho era nosso ganha pão, dependíamos dela para sobrevivermos. Teve alguns momentos que houve seca e prejuízos da plantação pela falta de chuva e, por causa disso, tive que trabalhar em fábrica de leite e fazer outros bicos para juntar dinheiro e pagar as despesas, incluindo os remédios da minha tia, que eram absurdamente caros. Esse Brasil tinha tudo para infernizar a vida do brasileiro, com todas essas porras de impostos em excessos. Só faltava o governo criar imposto pelo ar que respiramos. Enfim, deixando de lado a política que mais me aborrecia, eu tinha que assumir a responsabilidade de tomar conta da fazenda dela. Ela fez tudo por mim e eu seria ingrato se virasse as costas para ela. Afinal, era minha única família e eu não tinha lugar onde cair morto. Serei eternamente grato a ela por uma segunda chance.

Agora, depois que ela se foi, eu me tornei um homem responsável com muita experiência, depois de muitos erros e acertos. A colheita de milho seria daqui dois dias, mas, mesmo assim, eu tinha que cuidar bem dela, para que não houvesse uma nova praga que pudesse prejudicar minha plantação, e também torcer para que não chovesse, senão teria que estender nos próximos dias para fazer a colheita. Olhei para o relógio e vi que eram quase oito horas. Eu tinha um dia cheio pela frente.

Coloquei o boné velho e surrado na minha cabeça e calcei os tênis também velhos. Levei as minhas ovelhas para um passeio no campo. Eu tinha oito ovelhas antes, mas alguém roubou duas delas. Quando dei sumiço delas, a princípio, pensei que foi um animal esfomeado que as atacou, porém não encontrei os corpos delas, que deveriam estar destroçadas com tripas espalhadas em algum lugar da minha fazenda. Elas simplesmente sumiram. Foi então que cheguei a conclusão que alguém roubou-as. Fiquei puto de vida! Depois do sumiço delas, coloquei um dispositivo de alarme, de um jeito bem simples e caseiro, que era um fio e algumas latas vazias que, quando alguém tropeçasse, faria o maior barulho que assustaria as ovelhas e com isso chamaria a minha atenção, pronto para correr com a espingarda na minha mão e atacar o filho da puta para não ousar mais tocar o dedo na minha criação. Só que, por incrível que pareça, o ladrão não apareceu mais. Melhor ainda.

Deixei o meu rebanho pastando. Examinei à minha volta para certificar-me de que não havia sinal dos predadores. Tudo estava bem. A brisa da manhã estava bem agradável. Percorri toda a colina e, chegando ao topo, olhei para baixo. As ovelhas estavam todas lá aglomeradas. Fixei então o meu olhar no horizonte e contemplei as vastas montanhas e os mil tons de verde das florestas reluzindo pelo brilho do sol. As inúmeras rochas espalhadas na região tornavam o cenário ainda mais bucólico. Gostaria de ficar mais tempo ali apreciando tão exuberante paisagem, mas não podia perder tempo. Tinha muitas coisas a fazer. Para quem vive na casa de fazenda não era uma tarefa fácil de viver, mas eu gostava e era feliz aqui. Voltei a olhar para o meu rebanho, vi uma ovelha se afastando das outras, e estava entrando entre as pedras grandes. *Ovelha Safada!* Desci correndo para capturá-la. Não podia perdê-la de vista. Dei mais uma última olhada em meu rebanho, para ter certeza de que as ovelhas não se afastavam umas das outras. Tudo certo. Elas permaneciam tranquilas no campo, próximas umas das outras, comendo as matas.

Fui até as pedras e rochas, cercadas por arbustos e matagais. Não muito distante dali, avistei um bosque fechado, com vegetações tão densas, que, visto de longe, assemelhava-se a um manto negro. Subi por uma daquelas imensas rochas, na esperança de localizar a fugitiva ovelha entre as rochas. Porém, fui surpreendido por algo que me preocupou: um lobo cinzento. O faro apurado voltava-se para uma direção. Tinha encontrado a sua presa. Eu bem sabia o que ele farejara. Sem perder meu tempo, comecei a descer a rocha. No meio do percurso, catei um graveto para poder usar como arma, caso precisasse me defender do famigerado lobo. Escolhi um bem grande, espesso o suficiente para protegê-lo diante de um possível ataque da fera. Resolvi seguir pela mesma trilha por onde o lobo acabara de passar. Quando cheguei, vi minha ovelha desgarrada espremendo-se contra as pedras, apavorada. O lobo rosnava e mostrava os dentes afiados, estava prestes a saltar sobre a presa. Porém, minha chegada o surpreendeu e virou para mim, rosnando. Com o graveto em punho, corri aos berros e espanquei fortemente o lobo, que soltou um uivo de dor e se embrenhou bosque adentro, desaparecendo de minhas vistas.

Olhei para a ovelha desgarrada e sorri. Estava feliz por ela estar ali, intacta e viva.

— Aqui está você, sua malandrinha! Da próxima vez, pode não ter a mesma sorte, viu? — falei, com o dedo em riste, como se fosse minha filha aprendendo uma lição.

Peguei-a pela orelha e conduzi-a de volta ao local onde estava o rebanho. Fiquei ali vigiando-o. Queria aproveitar mais um pouco, estava tendo um dia tão bom. Deveria chamar a minha esposa para vir comigo, mas não quis incomodá-la. Ela precisava dormir bastaste antes de ir trabalhar. Conheci Felícia na praça da cidade há seis anos, quando eu estava sozinho depois que a minha tia se foi. A solidão da casa me fez querer ter alguém na minha vida. Foi amor à primeira vista, numa tarde ensolarada de verão. Parada à margem do lago, ela contemplava o passeio dos gansos e seus filhotes no meio das águas. Aquela imagem pictórica apoderou-se da minha mente. Uma imagem esplêndida, incrivelmente onírica. Felícia era dona de uma beleza radiante e ímpar. Um verdadeiro anjo que fisgaria para sempre o meu coração apaixonado. Timidamente, eu me aproximei da moça e começamos a conversar. Falávamos sobre o tempo, a graciosidade dos gansos, a minha vida e a dela, sobre seu trabalho como enfermeira e, por fim, sobre a simpatia mútua que sentimos um pelo outro. A partir daquele dia de verão, passamos a nos encontrar com frequência. E, a cada encontro, mais apaixonados ficávamos. Um ano depois, pedi-a em casamento. Foi um casamento bem simples mesmo, com poucos amigos e familiares dela. E agora, estávamos juntos há cinco anos. Cinco anos maravilhosos, mesmo com algumas brigas por motivos mais descabidos, mas que no fim ficamos em paz e fizemos muito amor na cama, que durou a noite toda.

9

Ao meio-dia, eu preparei o almoço. A minha esposa acordou, usando apenas um short curto e uma regata, onde podia antever bicos endurecidos a despontar na minha direção. Coisa mais linda de vê-la. Ela me abraçou por atrás e beijou na minha nuca enquanto eu preparava almoço.

— Dormiu bem, meu amor? — perguntei.

— Hum-hum... — respondeu ela, ainda me abraçando. O calor do corpo dela junto com o meu me dava uma sensação prazerosa. Era bom sentir-me amado por ela e vice-versa.

— Tá com fome?

— Muita! Tanta que eu vou comer sua carne humana agora mesmo! — E ela mordeu levemente o meu ombro. E depois riu junto comigo. Eu sempre gostei quando ela acordava muito bem-humorada.

Almoçamos em silêncio na sala, com trocas de olhares e cumplicidade. Meus dedos entrelaçados nos dela. Sorri, admirando-a. Estava feliz por estar ao lado dela. Depois disso, ela saiu para se arrumar. Tinha que sair uniformizada para o trabalho. Quando ela ficou toda arrumada, com bolsa e chave do carro na mão, eu me despedi com um beijo. E beijei-a três vezes. Ela ficou quase sem fôlego e sorriu para mim, dizendo que era melhor parar antes que entrássemos em ponto de ebulição.

— Meu amor, por que você não falta do trabalho e vamos ficar em casa? — perguntei, com meu sorriso matreiro e com muito desejo por ela. Minhas mãos estavam coladas nas nádegas dela, apertando-as com força. Ela tinha uma bunda bem volumosa, durinha, que me deixava excitado. Estava louco de desejo. — Apenas nós dois e ninguém mais vai nos incomodar. Estou com muito tesão por você. Vamos transar agora, meu amor?

— Não, meu amor, hoje não! Não posso faltar ao meu trabalho. É melhor pedir ao seu amiguinho para sossegar e vê se comporta direitinho. Te amo muito. À noite, a gente se vê— disse ela, dando-me mais um beijo antes de sair apressadamente e entrar no carro. Pela janela, eu podia ver o rosto dela, que sorria acenando para mim antes de guiar o veículo para a estrada de areia que levava para a rodovia.

Fiquei sozinho em casa e o meu tesão se foi. Confesso que fiquei bem chateado, mas eu tinha que ser paciente. Depois de lavar as louças, eu fui mexer no motor da minha máquina no celeiro, para deixá-la pronta bem antes do dia de colheita. Era por volta três horas da tarde quando ouvi o carro roncando alto se aproximando. Eu já esperava essa visita. Tinha recebido a ligação de um homem que viria me encontrar nesse horário.

Eu me aproximei do homem parado na varanda da minha casa, com um envelope grande amarelo na mão. Já sabia do que se tratava e isso deixou o meu coração desembestado. À medida que me aproximava dele, mais nervoso eu ficava, limpando as minhas mãos sujas de óleo preto depois de manusear o motor da máquina, que, a propósito, já estava funcionando direitinho, pronta para trabalhar no grande dia de colheita. O homem que me esperava tinha uma baixa estatura, menor que a minha, quando parei em frente dele e podia sentir o cheiro do seu hálito de cachaça barata vendida em qualquer bar vagabundo.

— Boa tarde! — cumprimentou-me estendendo a mão.

Apertei a mão dele e logo em seguida ele me deu o envelope sem nenhuma enrolação. Peguei-o com a mão quase trêmula de tanto nervosismo

— Tem certeza de que você realmente quer ver isso? — perguntou o homem.

— Eu te paguei para fazer o serviço para mim e não como conselheiro — respondi rude, mas eu já tinha tomado uma decisão no dia em que contratei-o para investigar uma pessoa. Eu precisava saber a verdade.

O senhor deu de ombros.

— Você está certo, rapaz! A vida é sua e não cabe a mim lhe dar palpite. Seja lá o que você fará depois de ver as fotos, eu espero que você não faça besteira.

Eu o olhei com um sorriso em silêncio. Meu polegar deslizava sobre a textura do envelope, sabendo que, por trás desse papel, havia fotos em evidência que poderia mudar a minha vida. Será que estava pronto para vê-las? Senti o meu coração batendo descompassadamente. O sentimento do medo e da decepção percorriam no meu âmago no exato momento em que os meus dedos tocaram no envelope. Nunca me senti assim, mas não consegui controlar o que a minha mente me insistia havia semanas sobre a minha esposa. *Ela está me traindo? Com quem? E por que ela fez isso comigo?* Foram essas as três perguntas importantes que martelavam a minha cabeça. E eu merecia respostas, por mais dolorosas que fossem.

Ele ficou impaciente pelo longo silêncio que pairava no ar e decidiu quebrá-lo ao bater as mãos e esfregá-las, que, creio eu, para chamar a minha atenção. Quando o olhei, notei que ele parecia estar ansioso para sair da minha propriedade.

— Bom, o serviço está entregue. Eu vou indo agora. Tenha uma boa-tarde, senhor! — despediu-se sem eu olhá-lo. Meus olhos fixavam somente no envelope. Ouvi os passos dele se afastando, depois a batida da porta do carro, o motor roncando alto e então o carro deu uma meia-volta até se afastar, deixando apenas a poeira da estrada jogada no ar.

10

Ainda não abri o envelope. Não enquanto eu não estivesse preparado pelo que irei ver. Tudo o que eu fiz foi lavar o meu rosto no banheiro e depois me vi refletindo no espelho. Meus olhos castanho-claros pareciam sem vida, vencidos pelo cansaço e pela mente atormentada de incerteza e medo. Eu não estava com um bom aspecto. Pálido, depois de me sentir muito mal só de pensar na ideia de que a minha esposa fosse capaz de fazer algo para me trair. *Cinco anos de casamento.* Mesmo que tivéssemos nossos momentos de altos e baixos, ela teria coragem de fazer isso, de jogar nossos cinco anos fora? Não consegui abrir o envelope para ver as fotos e só de pensar na possibilidade de vê-las já sentia taquicardia, mãos trêmulas, medo e insegurança. Fechei os olhos e respirei profundamente. Talvez não fosse ela nas fotos, e sim que o detetive particular tivesse seguido a mulher errada, que fosse alguém parecida com a minha esposa. Desejava que fosse por isso e que a minha esposa continuasse sendo fiel e que me amasse muito. *Oh, Deus!* Como desejei que fosse por isso e acabasse de uma vez por toda a minha agonia só de pensar que eu era um homem cornudo. Não queria virar motivo de piada entre meus amigos por não saber segurar bem a minha mulher. Quanto mais pensava nas risadas deles, quase perdi o meu controle, chegando ao ponto de chocar no espelho com o punho cerrado, mas me detive. Não podia perder o controle. Não agora. Tudo o que eu precisava para acabar de vez com a minha agonia era ver as fotos. Para o bem ou para o mal. E depois disso, dependendo do resultado das fotos, teria que ver que rumo eu ia seguir. Se ela me traiu, eu estaria pronto para conversar e perdoá-la por eu não ser um homem suficientemente... agradável? Ou eu pediria o divórcio? Ou eu daria-lhe uma segunda chance para me amar novamente? Não sabia, eu não sabia mais o que pensar sobre isso. Foram cinco anos. Não era um dia. Um ano. Eram cinco anos praticamente juntos, na mesma cama, no mesmo teto, com nossas escovas de dentes juntos, conhecendo nossas intimidades, nossos defeitos, nossas qualidades. Como dar um fim nisso depois de conviver juntos por cinco anos? Amava-a demais. Sempre amei e a tratei como uma rainha. Onde foi que eu errei para ela querer sair e ter um caso com outro homem? Não fui bom o suficiente para ela, principalmente na cama? Não sei! Só saberia quando ela me explicasse. Ela não poderia jogar esses cinco anos no lixo. Esperava que eu estivesse completamente errado quando eu abrisse o envelope. *Oh, Deus, como eu queria estar enganado e julgando a minha esposa precipitadamente.*

Saí do banheiro e caminhei pelo corredor no andar acima e, antes de chegar a escadaria, eu me detive e olhei para a porta trancada. De todas as portas destrancadas, aquela era a única que permanecia trancada. E havia um motivo para isso. Para me lembrar que ninguém, nem eu mesmo, entrasse nesse quarto, que pertencia à minha tia. Quando eu trouxe a minha esposa, na época em que namorávamos, ela me perguntou o porquê daquela porta, a única de todas, estar trancada. Eu expliquei para ela que era um lembrete, para que ninguém mexesse nas coisas dela guardadas no quarto, nem nas roupas, nem nos pertences pessoais dela. Nem fotos, documentos, tudo o que tinha lá dentro não podia ser mexido. Falei para ela que, segundo a crença da minha tia, quando uma pessoa morria em um quarto, todas as coisas deveriam ser mantidas do jeito como estavam, para que o espírito pudesse sossegar. Se um objeto ou qualquer pertence dela

fosse removido, poderia despertar a ira do espírito, por temer que perdesse seu lugar e não fazer parte de nós. Eu até que tinha dúvida se isso era verdade, mas preferia não correr risco e manter tudo como estava, para deixar a alma da minha tia em paz. Que Deus a tenha! E até agora a minha casa estava bem tranquila. Lógico que ela não acreditou em mim, mas me respeitou.

Fui tomado pela onda de sentimento de nostalgia quando eu vivia com a minha tia antes da sua morte e que ela tinha sido não somente como apenas uma tia como também uma mãe de verdade para mim. Ela me dava tantos conselhos e aprendizados, que, graças a ela, me tornei como eu sou agora. Decidi, pela primeira vez em muitos anos, entrar no quarto dela.

Peguei o molho de chaves, onde uma delas estava pintada de vermelho, que era obviamente para indicar que era a porta proibida do quarto da minha tia. Abri-a e entrei no quarto escuro, que cheirava a mofo depois de muitos anos sem nenhuma limpeza. As cortinas estavam fechadas. A luz da claridade do corredor iluminava no quarto escuro, onde podia ver uma nuvem de poeira acumulada levantando depois que abri a porta, trazendo uma correnteza de vento para dentro. Adentrei e comecei a recordar o lugar.

Lembrava que a minha tia ficava ali na casa quase o dia todo, vendo a televisão instalada na parede onde exibia vários programas. Eu podia visualizar melhor a minha tia ali na cama vazia. Vestia um pijama leve, que permitia ver os grandes e flácidos seios pendendo para os lados. Era uma senhora gorda de quase cinquenta e poucos anos. A barriga era grande e inchada, e o pescoço mostrava uma papada saliente. Na parede acima da cama havia uma grande cruz de madeira, com a imagem de Jesus crucificado. Lembrava o rosto da tia, que tinha uma expressão bastante serena. Seus cabelos eram brancos desarrumados, o rosto redondo, com manchas ao redor dos olhos. Os óculos, presos a um cordão no pescoço, pousavam sobre seu peito, próximos às mãos. Seus pés, grossos e enrugados, para fora da cama. Seu perfume característico de pessoas idosas. Lembrava que eu sempre tirava os óculos do cordão dela quando ela adormecia e colocava-os sobre a mesa de cabeceira, onde havia um copo de água com uma dentadura dentro, a qual parecia sorrir diretamente para mim. Agora, depois de passar anos, vendo o mesmo copo, porém sem a água, a dentadura continuava ali dentro, coberta de poeira e teia de aranha. Fiquei torcendo para que a dentadura não mexesse nada nessa hora mais tensa porque, se isso acontecesse, era bem capaz de eu infartar, me mijando todo, tamanho susto que ia levar. Ao lado do copo vazio com dentadura, havia uma Bíblia, com capa de couro, exibindo em letras douradas: Novo Testamento. Quando ela estava prestes a morrer, ela pegou a minha mão e me disse em voz baixa:

— Henri... não confie... Tenha... cuidado...

Eu perguntei a ela sobre quem seria essa pessoa que não deveria confiar. Se era alguém que eu conhecia ou ela. Não sabia ao certo.

— Fique... lon... caminho... escuridão — ela balbuciou sem nenhum sentido, as vezes pronunciando coisas ininteligíveis e sem nexos.

Eu lembrava uma vez que ela havia me dito que vira o Espírito Santo, em forma de pássaro, todo brilhante, sobrevoando no quarto dela. E também que chegou a ver Jesus Cristo na televisão acenando para ela. Era comum minha tia relatar essas e outras coisas estranhas. De repente, eu

me senti muito incomodado nesse quarto, como se mexesse no túmulo dela sem nenhuma permissão. Temi que eu estava importunando o sono eterno do espírito da minha tia, eu decidi sair do quarto e trancar a porta. Senti o meu coração disparado e suava frio. Senti calafrios. Mais do que nunca. Mas eu sabia que era tudo psicológico. Foi culpa da minha família e sua crença maluca. Afastei-me da porta, trancando-a e descí para a cozinha. Estava na hora de encarar a verdade, por mais dolorosa que fosse.

11

Uma garrafa de *Jack Daniel's* sobre a mesa, um copo de vidro enchido até pela metade, sem gelo. Meu pé esquerdo batia no chão sem parar. Meu corpo ardia, fruto do estresse combinado de raiva e da frustração. O envelope em cima da mesa, na minha frente, me impulsionava, me esperando para abri-lo. As fotos lá dentro zombavam de mim, para revelar o quanto fui idiota e frouxo por acreditar no amor dela por mim. Peguei o copo e tomei um gole de uma vez. Enchi o copo de novo. Olhei para o envelope.

Papel amarelo. Liso.

Terceiro copo.

Meu pé batia insistentemente no chão. Olhei para o relógio na parede. Cinco horas da tarde. Minha esposa estava trabalhando no hospital ou trepando com outro homem?

Quarto copo.

Meu coração estava acelerado, enquanto batia o pé nervosamente. Puta que pariu! Que se foda. Peguei o envelope, tirei as fotos de dentro dele. Dez fotos em alta resolução e em cores. Em cada foto havia o rosto dela se contorcendo de prazer.

Ela em cima de um rapaz boa-pinta, corpo bonito; perto dele, eu era um ogro. Ela em cima dele, ambos nus. Ela dando bunda para ele. Meu sangue fervilhou.

Segunda foto. Ele, com sua cabeça por entre as pernas dela, e ela contorcendo de prazer, de olhos fechados. Ela nunca quis que eu fizesse com ela, mas com outro podia? *Filha da puta! Desgraçada.*

Terceira foto. Os dois sentados no sofá da casa dele, beijando-se. A mão dela apalpando a genitália dele por baixo da cueca. *Traidora! Vadia!*

Quarta foto. Agora com o rosto dele em close. Todo bonitão, sorridente, com o polegar na boca dela. A roupa que ele estava usando era branca, com jaleco. Ele era enfermeiro. Os dois trabalhavam juntos no hospital. Por isso que ela chegava muito tarde, sempre cansada e pouco a fim de fazer sexo comigo. Foi fodida por esse filho da puta desgraçado.

Felícia, você me decepcionou. Fechei os olhos e chorei. Chorei muito que nem uma criança que perdeu os pais. Puta que pariu! *Por que você fez isso comigo?* Eu fui tomado pela raiva, eu me afastei da mesa, peguei a garrafa de *Jack Daniel's* e saí de casa. Cinco anos jogados fora. Berrei por todos os lados. *Vagabunda! Traidora!* Jurei que acabaria com a raça dela quando ela chegasse em casa.

Gritei mais, assustando as minhas ovelhas, que ficaram agitadas pela minha reação. Eu fui para o campo, bebendo toda a garrafa e andei de um lado para o outro, xingando ambos. *Filho da Puta! Vou te matar quando eu te encontrar. Tu és um cara morto! Vadia!* Ninguém podia fazer isso comigo. Não comigo! Meus amigos iam rir de mim, me zombar. *Fracote! Viado! Não sabe segurar a rédea da sua mulher?* Isso que eles vão me dizer. A garrafa ficou vazia. Queria beber mais até meu corpo não suportar mais. Joguei-a longe, que bateu em umas das rochas. Fiquei bêbado, vi o meu mundo girar. As estrelas riscando o céu, o campo iluminado pela luz pálida da lua, as copas das árvores farfalhando, um vulto alto, careca e negro parado me observando, não sei quem era, não tive tempo de perguntá-lo, tudo o que via era o mundo virando, como um redemoinho de imagem indistinguível diante dos meus olhos. Fiquei cambaleante, entorpecido de fúria e frustração, e tropecei em algo escuro no meu caminho. Perdi o equilíbrio e caí rolando no chão. Meu corpo ficou girando, como uma roda desprendida acidentalmente do carro em alta velocidade, até atingir no solo. Bati a cabeça e fiquei atordado até que eu apaguei.

PARTE III

ESCURIDÃO

12

Gritei com toda a minha força, na esperança de que tudo não passasse do pior pesadelo da minha vida. Gritei para ver se a angústia se dissipava. Gritei para ver se conseguia voltar para o meu mundo real, para o meu quarto, onde deveria estar, com todo o corpo suado por conta desse pesadelo. Mas não aconteceu. Em vez disso, eu acordei e me vi neste lugar totalmente escuro. Nem mesmo podia ver meus atributos físicos. Por isso fiquei gritando o tempo todo. Mas nada adiantou.

Tentei ver em que lugar estava. Tentei procurar um ponto de luz, um reflexo brilhante, estrelas no céu, ou qualquer tipo de luz, fosse natural ou artificial, mas não vi nada. Apenas um vasto escuro que se estendia a minha volta, sem fim. Parecia que estava em um universo sem estrelas, sem sol, sem planetas.

Gritei mais uma vez, na esperança de que alguém me ouvisse, na esperança de que alguém soubesse que estava vivo, de que estava perdido. Na verdade, não sei exatamente como cheguei aqui e, quando isso aconteceu, apenas me dei conta de que estava na escuridão tão rápido quanto um estalar de dedos. Além da escuridão, o lugar era frio pra caramba. *Porra! Eu devo estar louco. Deve ser um pesadelo*, pensei. Era a única explicação. Não era louco. Se era, nunca percebi isso. Quando tentei gritar mais uma vez, usando todo o fôlego disponível, uma segunda voz interveio, me surpreendendo.

— Senhor, fique calmo! — pediu uma voz feminina. Talvez fosse de uma jovem mulher entre vinte e trinta anos. — Você está me ouvindo?

— Sim, estou te ouvindo! — respondi olhando para todos os lados, como um cego tentando localizar a origem da voz.

Não sei se ela estava perto de mim ou longe, mas a voz parecia bem perto, mas não pude encontrá-la, se estava à esquerda ou à direita... Ou à minha frente, ou será que estava atrás de mim? A escuridão não me facilitava muito. E mais, deixava-me apreensivo, com um desejo intenso de procurar um isqueiro no bolso da calça de moletom. Mas não o encontrei. Era de enlouquecer! Precisava de uma luz o mais urgente possível. Ficar nesta porra de lugar escuro por muito tempo deixava qualquer um louco!

— Por mais que grite, é perda de tempo! Poupe seu fôlego — ela explicou. Sua voz era calma, mas seu tom parecia triste. — Acredite em mim! Não é nenhum sonho. Nem pesadelo. Você está em um lugar que nenhuma pessoa conhece. Está acontecendo de verdade.

— Onde exatamente estamos? — perguntei. — Por que está escuro aqui? Não consigo nem ver a porra da palma da minha mão! Que lugar é este?

— Não sei, eu bem que poderia te ajudar e falar sobre o lugar, mas Deus sabe o quanto tentei entender ou descobrir alguma coisa. Não achei uma explicação para isso. Parece que somos dois náufragos no meio do mar escuro. É isso que somos. Mas há coisas lá em cima, com asas, não sei, mas quando ouço o som da flauta, sei que estão vindo. Temos que prestar atenção ao que acontece à nossa volta. Estamos em perigo, acredite, aqui não é um lugar seguro para ficar.

— Eu estou confuso, não estou entendendo nada. O que está havendo?

— Eu também me pergunto a mesma coisa, mas não adianta tentar achar a resposta. Estou aqui faz... — Ela silenciou-se de repente.

Ouvi o estranho som surgir em algum lugar na escuridão.

— Ouça-me!

Parei por um momento para ouvir e fiquei muito assustado. Nunca tinha ouvido algo como aquilo. Era um som estranho, muito próximo do que parecia ser uma flauta tocando, porém as notas musicais entoavam algo novo, desconhecido para mim. E junto com elas veio um cheiro fétido, que fez meu estômago revirar.

— Mas que som é esse? E esse cheiro, meu Deus?

— Apenas ouça... o som... A *Coisa* está vindo! Fique quieto, até a *Coisa* passar. Proteja-se!

Depois que ela falou, fiquei ainda mais apavorado. Tentei imaginar o que poderia emitir um som tão intenso, longo e agudo. A escuridão me deixou aborrecido, incomodou-me e estava me causando uma enorme angústia. Permaneci quieto, ouvindo o som que parecia vir sobre nós. O cheiro repugnante também. Tive a sensação de que a *Coisa* era enorme. *Porra, espero que não!*

O som da flauta ficou mais perto e mais intenso. Meu coração palpitou, prestes a explodir. Ajoelhei-me no chão, que era gelado. Será que estava sobre uma camada de gelo? Não sabia! Não podia ver nada que havia no chão. Cerrei meus punhos, pronto para enfrentar seja lá o que fosse aquilo, mas a verdade era que, mesmo tomando coragem, eu estava com muito medo. A escuridão me deixava vulnerável.

Por um tempo, o som permaneceu soando, longo e intenso. O terror cresceu dentro de mim, consumindo a minha alma sem deixar tempo para o sossego. Então, ouvi um grito do homem que deixou meus olhos arregalados e com as pernas bambas.

13

Não sei quanto tempo se passou depois daquele grito horrível que durou alguns segundos, mas o silêncio veio. Seja lá o que fosse a *Coisa* que emitia o estranho som mortal, ela se foi. Assim como o cheiro horrível. Talvez tivesse pegado a pessoa que gritou e o levou. Não sabia! O que mais me importava era que eu estava salvo. Meu coração parou de palpitar, mas o frio tomou conta de mim. Como queria ter um casaco para me aquecer... O frio e a escuridão estavam me matando, comprimindo minha alma a cada segundo que passava.

Levantei-me, procurando sei lá o quê, na escuridão sem fim. Com os pés descalços, dei alguns passos pisando no solo gelado.

— Olá! Você está aí? — chamei.

Mas ela não me respondeu. Será que não ouviu o meu chamado? Ou será... que a *Coisa* a pegou?

Parei por um momento ao ouvir as batidas vindo de algum lugar perto de mim. Pareciam dois corações que batiam freneticamente, ambos em ritmos diferentes.

Tum, Tum, Tum.

Tum, Tum, Tum.

Junto às batidas dos corações, ouvi as respirações opressivas. Será que era ela? Havia outra presença ali? *Merda!* Que aquela *Coisa* não tenha pousado e esteja entre nós.

— É você? — perguntei temeroso, olhando às cegas na escuridão. Desesperado, voltei a bater em mim mesmo, procurando enxergar ao meu redor. Se tivesse uma visão infravermelha, eu me sentiria mais seguro. Infelizmente, não tinha nenhum equipamento que pudesse facilitar o meu campo de visão naquela escuridão.

— Você está aí? Responda-me!

— Estou aqui, senhor!

— Pensei que tivesse perdido você.

— Eu também, até ouvir a sua voz. Estava tapando os ouvidos porque não suporto mais ouvir aquele homem gritando. Dá-me muito medo e eu só penso em voltar para casa.

— Eu também! Você me falou que éramos só nós dois aqui. Mas havia mais uma pessoa aqui.

— Não por muito tempo, senhor. As pessoas vêm e vão. Alguns falam em outras línguas que não conheço.

— Mas de onde as pessoas estão vindo para chegar aqui?

— Da mesma maneira como nós chegamos aqui. Escute, senhor. A *Coisa* vai voltar, como das outras vezes. Quando o som vem, algo terrível acontece. Tinha uma outra pessoa aqui comigo. O som surgiu de repente como agora. Ele gritou e, depois de um tempo, nunca mais falou comigo. Acho que ele... — Ela fez silêncio.

Pude ouvir o soluço dela. Estava chorando de medo... Tristeza. Acredito ser devido a um misto de sentimentos provocado pela longa permanência na escuridão. Acho que ela ficou ali mais tempo que eu. Ela continuou:

— Ele está morto! Consegui encontrá-lo depois e pude tocar seu corpo, mas o dele... — Ela ficou em silêncio e retomou: — O dele estava todo destruído. Senti o sangue escorrer entre os meus dedos. O cheiro... a carne dele... Parecia ter sido atacado e destruído por algum animal selvagem. Foi horrível! Ainda sinto o cheiro de morte. O cheiro dele no meu corpo. Eu... eu passei tão mal! Mas estou feliz que você esteja aqui para conversar, eu me sinto mais tranquila. A solidão no escuro está me deixando louca! Tenho vontade de gritar de novo, mas sei que não vai adiantar. E não quero atrair aquela *Coisa* com o grito. Ah, Deus! Tenho medo, tenho muito medo de enlouquecer!

— Fique calma! Estamos juntos nessa. Qual é o seu nome?

— Meu nome é Annelise.

— Eu sou Henri. Você está aqui há mais tempo que eu, correto?

— Sim, eu acho que sim! Já estou aqui faz muito tempo. Aqui é o inferno, entende? Não é um lugar normal. Só tem coisas terríveis aqui!

— Acabei de acordar há pouco! Na verdade, não sei exatamente se acordei, apenas me dei conta de que estou aqui. Quero dizer, não tenho menor a ideia de como vim parar aqui — expliquei, caminhando às escuras, em direção à voz dela. Pude sentir seu cheiro. Um perfume de essência floral com toque de laranja.

— Sim, eu sei! Ouvi-o gritando! E não, Henri! Não é um sonho. É real! Estamos aqui na escuridão!

— Ouço a sua voz, mas estou tentando localizá-la! Onde está você?

— Estou aqui! Sempre estive aqui. Consegue me alcançar seguindo minha voz?

— Não adianta, Annelise! Sua voz parece não vir de nenhum lugar. Não estou conseguindo... — Calei-me de repente quando algo me chamou a atenção. — Estou vendo uma coisa. Acho que te encontrei, Annelise.

— Sério? Você pode me ver aqui?

— Sim, parece que você está usando uma camisa branca, ou cinza, acho eu. Até que não foi tão difícil assim.

Ela não me respondeu. Havia um silêncio perturbador reinando naquela escuridão. Alguma coisa estava acontecendo. Eu podia sentir isso.

— Annelise?

— FIQUE LONGE DAQUELA COISA, Henri! — ela berrou.

Assustado, meu coração quase escapou pela boca ao ouvir o grito dela. Fiquei arrepiado. Ah, céus! Se não era Annelise no meio da escuridão, que presença era aquela? Quando dei mais alguns passos, notei que a silhueta começou a mudar de forma. Estava crescendo, como um corpo em forma de nevoeiro.

— Mas que porra! A coisa cresceu... É enorme! O que... Como é que isso é possível?

— FIQUE LONGE DELA!

— Não! Não é real!

— AFASTE-SE DELA, HENRI! Pode ser que essa coisa tenha matado meu amigo! — ela me alertou. Sua voz emitia um misto de aflição e medo.

Meu coração disparou como um louco. Meu corpo começou a tremer e a suar em demasia, mesmo naquele lugar gelado.

— Essa porra não é real!

— AFASTE-SE DELA, HENRI!

O corpo em forma de nevoeiro desapareceu assim que pisquei os olhos. Virei-me em todas as direções me esforçando para encontrá-lo, mas não o vi mais. Tinha sumido. Fiquei aliviado e logo comecei a entender o que aconteceu. Pelo menos, era o que eu achava.

— Calma, Annelise! Ele se foi. Não era real. Nossos olhos criam falsas imagens, vendo algo imaginário emergir na maldita escuridão.

— Como podemos ter certeza disso?

— Você está aqui faz tempo. Você não chegou a ver algo que, na verdade, não era aquilo?

— Não, Henri! Apenas ouço as coisas. As vozes me dizem coisas horríveis, mas sei que não são reais.

— Isso mesmo, Annelise! É apenas o nosso maldito medo que cria isso em nossa cabeça! A escuridão nos faz imaginar e ter sensações que não existem. Veja, ainda estou aqui. Ela não está

mais aqui. Viu, Annelise? É nossa cabeça.

Ela não me respondeu. Talvez estivesse pensando no que acabei de falar. Para entender tudo. Depois de alguns minutos, quebrei o silêncio agonizante na escuridão.

— Você está aí, Annelise?

Apesar do silêncio, eu ouvia apenas a minha respiração e a batida do meu coração.

— Annelise? Annelise, você está aí?

Uma sensação de aflição começou a surgir à flor da minha pele.

— Annelise! Fale comigo! Você está aí?

Nenhuma resposta. Ela se foi.

— Annelise! — gritei.

14

Eu não vou ficar aqui para sempre. De jeito nenhum! Tenho que sair daqui, pensei assim que comecei a andar.

Não podia ficar parado naquele lugar por muito tempo. Nem poderia ficar de pé, pois a minha coluna já estava começando a doer. Precisava me sentar. Precisava da minha cama. Precisava do meu *Jack Daniel's*.

— Henri, estou aqui!

Enfim, a voz de Annelise voltou, quebrando o silêncio.

— O que aconteceu?

— Estava ajoelhada, rezando! Senti algo na minha cabeça. Uma coisa pesada. Isso me assustou e rezei para ver se isso passava.

Quando ouvi isso, meus pelos se arrepiaram.

Céus! Isso é tudo coisa da nossa cabeça. Nada disso é real.

— Achei que estivesse morta — falei. — Não vou ficar parado aqui esperando uma luz se acender. Se não fizermos nada, vamos passar uma eternidade no escuro.

— Mas de que adianta tentar sair daqui, se não há uma saída, Henri? Cheguei aqui antes de você e não encontrei nada, mas aquelas coisas me atacavam, machucavam meu corpo... Eu podia jurar que iria morrer. Mas não sei por que não morri. Não sei o que está acontecendo aqui.

— Espere...

— O que você está fazendo agora?

— Estou tocando o chão, preciso saber no que estamos pisando... O chão está gelado, parece que estamos sobre uma superfície de gelo, não sei, mas não há vestígios de água ou neve, é apenas liso e frio. Mas aqui em cima não está frio. O chão, sim. Que estranho!

— Você não tem alguma teoria sobre que lugar é este?

— Ainda não, mas juntos vamos descobrir. A última coisa que eu me lembro é de que eu estava bêbado demais e caí, batendo a cabeça. Quando abri os olhos, já estava aqui e só vi a escuridão. Esta porra de escuridão me dá agonia. Parece que fiquei cego. Pensei que tinha desmaiado e que estava no meu quarto, com a luz apagada, mas só percebi que estava errado

quando não encontrei nenhuma parede ao meu redor. Tentei alcançá-la, mas parecia não existir. Foi aí que descobri que havia alguma coisa errada, e falei para mim mesmo que era tudo um sonho, que não era real e que eu precisava acordar. Mas não. Ainda estou aqui. Até ouvir você!

— Será que...

— Será o quê?

— Que nós morremos e estamos em um limbo, algo assim? Ouvi falar que as pessoas que morrem vão para um limbo para decidir se irão para o Paraíso ou para o Inferno.

— Eu não acredito nisso.

— Que explicação você tem, então?

— Não sei, mas, de um jeito ou de outro, descobriremos! E você? Qual foi a última coisa de que se lembra antes de vir parar aqui?

— Eu... eu estava com uma pessoa, mas o resto... eu não me lembro! Já tentei, mas não consigo me recordar. Parecia que eu havia sido apagada de repente e... eu... eu realmente não sei! Não me lembro de nada! Eu não me lembro de porra nenhuma!

— Mantenha-se calma, ok? Estamos passando pela mesma situação! Acredito que deve haver mais pessoas aqui, em algum lugar, precisamos andar por aí. Tente se lembrar, por favor! É muito importante descobrirmos o que nos trouxe aqui, se estamos lidando com a mesma coisa. Não estamos aqui à toa, tem que haver um propósito.

— Não! De novo, não!

— Que foi?

— O som... Parece que está descendo, acho que a coisa nos encontrou aqui.

Ela estava certa. Comecei a ouvir o som lá em cima, descendo em nossa direção.

— Não... não...

— Temos que correr! Agora! — falei e comecei a correr às cegas, no escuro.

— Henri! — gritou a mulher.

Parei de correr. Pressenti que ela estava em perigo.

— Annelise!

— Henri! A *Coisa* me pegou! Ajude-me!

— Annelise! Estou indo agora!

Parecia que ela estava sofrendo alguma dor. Estava chorando muito de medo e terror. Pude ouvir alguma coisa mastigando, rasgando, um barulho de líquido se chocando contra o chão, quebrando algo que não saberia dizer exatamente o que era.

— A *Coisa* está comendo minha perna! Como dóóóó! Ajude-me! Ajude-me! Pelo amor de Deus, me ajuda!

— Annelise!

— Como dói! Está comendo o osso da minha per... Deeeeeeeus! Deeeeeeeus! Me ajudaaaaa! Está doeeeeeendoo! — berrou estridente, que ecoou na escuridão.

Minhas mãos tremeram. Fiquei sem reação. Tentei localizá-la, mas foi em vão. O berro, assim como o eco, tornava tudo muito angustiante e doloroso de ouvir. Detive-me ali mesmo, petrificado pelo medo e pelo terror. Ajoelhei-me no chão, sentindo-me inútil por não conseguir vê-la e salvá-la. O grito parecia durar uma eternidade até que, pouco a pouco, tudo silenciou.

Senti minha garganta se fechar. Estava chorando por dentro, mas não podia abrir a boca para não ser ouvido e pego pela criatura. Precisei ficar em silêncio, sem me mexer, até ter certeza de que a *Coisa*, seja lá o que fosse, estivesse fora do meu alcance. Não sei se permaneci ali por trinta minutos ou por algumas horas. Senti as lágrimas verterem em meus olhos, descendo pelo meu rosto.

Meu coração demorou muito para se acalmar. Minhas mãos ainda tremiam. Ah, céus! Nunca senti tanto medo na minha vida. Sempre fui um homem corajoso, participei da Guerra do Golfo, testemunhei os horrores da guerra, vi amigos morrerem naquele maldito combate. Mas nada se comparava ao lugar onde estava. Fiquei calado quando senti que havia algo ao meu redor, mas não tinha a mínima ideia do que era. Tive a sensação de que havia milhares de olhos me encarando.

É minha imaginação. É o medo me pregando uma peça.

Permaneci por um tempo sentado, com a bunda colada no chão gelado, com os braços enlaçados em torno das pernas. Comecei a me mover para frente e para trás, como uma criança em um canto, esperando que alguém pudesse salvá-la e arrancá-la daquele pesadelo. Mas ninguém veio. Estava sozinho e esquecido no escuro.

Não! Não ia ficar aqui parado. Tinha que reagir. *Seja homem, Henri! Levante-se e reaja*, pensei. Precisava me motivar para seguir em frente. Como um soldado que não se acovardava diante de uma dificuldade. Como um soldado treinado que encarava um desafio, mesmo que estivesse propenso a tomar um tiro na cara. Era viver ou morrer, seguindo em frente. Melhor do que ficar sentado e parado, sem chance de conseguir uma conquista. *A liberdade.*

Foda-se! Levantei-me, disposto a encarar a situação e dar um fim a tudo isso. Tinha que sair da escuridão. Mas eu podia ouvir uma respiração bem próxima, porém distinta. Longa, ofegante e pesada. Havia alguém ali na minha frente. Disso eu tinha certeza. Não era o medo pregando uma peça em minha mente. Ou será que era? *Ah, céus! Que seja apenas minha mente.* Senti um calafrio percorrendo meu corpo. Meu coração bombeou acelerado.

— Annelise? É você? — perguntei, imaginando a mulher rastejando sem a parte inferior do corpo, deixando um longo rastro de sangue e vísceras no chão gelado, procurando minha ajuda.
— Você está bem? Você está viva?

Ela não me respondeu. Então ouvi o bater dos dentes que não cessava nunca. Não sei se eram dentes batendo, mas o som parecia o mesmo. Mas, pelo que pude ouvir, pareciam centenas de dentes batendo, me olhando na escuridão. Os barulhos dos dentes batendo fez os pelos do meu corpo e da nuca ficarem tão eriçados, como um gato arriado diante da ameaça que não podia ser vista. Porra, *havia mais alguém* bem na minha frente. Quantas tinham eu não sabia, mas senti que eram muitas. Os dentes batiam cada vez mais. Por mais que eu tentasse ficar calmo, não conseguia. Estava paralisado de medo e de terror quando senti um ar quente da respiração atingir no meu rosto. O cheiro era horrível. Cheiro de coisa morta, da podridão de carne. Pelo ar que passou em mim, eu não tinha mais dúvida de que a coisa era grande, grande pra porra, caralho!

— AFASTE-SE DE MIM! — berrei com toda a minha força.

15

O medo me fez mijar na calça. O cheiro de urina no piso gelado pairava no ar e estava insuportável. Não acreditei que fiz isso. Senti um fio do líquido quente deslizando pelas minhas pernas enquanto eu tremia. O medo consumiu minhas forças e tive que me deitar no chão. Pude sentir a minha bunda sentando sobre a poça de urina. Fiquei ali parado por um tempo, até que aquilo desaparecesse. Ou que me atacasse, me matasse e me devorasse de uma vez por todas. Fiquei ali, esperando o momento do meu fim. Mas o tal momento não chegava e continuei vivo. Nem mesmo aquela coisa quis me atacar ou comer parte do meu corpo, como aconteceu com a pobre Annelise.

A respiração que senti daquele ser assustador se foi, e o silêncio imperou. Fazia tempo que não o ouvia mais. Os dentes batendo cessaram. O meu corpo tremia devido à onda de frio que emanava do chão gelado. A eterna escuridão começou a me deixar sonolento. Tentei dormir, mas não consegui porque o chão era frio demais, e isso me incomodava bastante. Voltei a ficar de pé, mas em pouco tempo me senti cansado, sentindo-me perdido. Andei para algum lugar, mas não sabia se havia caminhado em linha reta ou em círculos.

Queria gritar para ver se havia mais alguém ali, mas não quis correr o risco de atrair aquela *Coisa*. Mesmo que eu quisesse gritar, ninguém poderia me ouvir. Ou poderia? Tentei entender o porquê estava vivendo naquele breu. Annelise podia estar certa. Era o próprio inferno! Só podia ser o inferno para gerar aquelas coisas vivas.

Continuei andando. Nada mudava ao meu redor. Tudo na mesma. Não ouvi mais nenhuma voz. Era apenas eu ali. Estar solitário vivendo na escuridão sem fim era a pior coisa que eu poderia vivenciar. Senti saudade de Annelise, que era uma ótima companhia, mesmo por um breve momento.

Eu me detive quando ouvi de novo a respiração. Tão perto... Quem seria desta vez? Esperava que fosse humano. Ah, céus! Rezei para que não fosse uma criatura que vivia na escuridão. Senti que alguma coisa (ou algo?) me seguia. Esforcei-me para enxergar, mas a minha imaginação falava mais alto... Traidora!

Um vulto alto, com o corpo esguio, todo branco, olhava para mim. Por um momento, pensei que era impossível que eu enxergasse algo no escuro. *Como é possível isso?* Mesmo com essa pergunta na minha cabeça, senti muito medo. Não era um homem de ficar com medo facilmente. Já andei no beco escuro da cidade, andei na floresta à noite, dirigi um carro no meio da tempestade. Nunca fiquei com medo. Mas agora fiquei. E muito. O que estou vendo ali era imaginação minha? Aquilo era real? Porra! Não sabia! Tudo o que eu podia ver era que a coisa estava olhando para mim. *Para mim!*

Foi ela que devorou Annelise? Foi ela que me infernizou, me provocando, para alimentar o

meu medo? Meu coração disparou novamente.

Estremeci. A verdade era que não havia nada ali, apenas a respiração de alguém ou alguma coisa. Tentei imaginar... Quem mais poderia ser?

Visualize-o. Faça um esforço! Seu inútil, seu idiota!

Se tivesse um par de óculos com visão noturna seria mais fácil, mas, na verdade, não queria ter um, pois temia ver o que não desejava.

Andei para trás, porque pressenti que havia algo na minha frente que avançava em minha direção. Sobressaltado, meu coração bateu mais forte, e temi que pudesse morrer de infarto. Continuei me afastando daquela presença na escuridão, até que senti dedos agarrando o meu braço, cravando as unhas na minha pele.

Gritei.

Senti uma puta dor quando as garras da *Coisa* cravaram na pele do meu braço. O pânico tomou conta de mim. Eu agitei o meu braço para livrá-las, mas fui sacudindo com violência de um lado para o outro e cheguei a pensar que estava prestes a perder o meu braço. A *Coisa* rosnava alto. Era muito assustador ouvir o som gutural sem poder vê-la na sua verdadeira forma. A dor era tanta, que comecei a chorar, e senti o meu sangue deslizar por minha pele. Então, a *Coisa* me lançou para longe e caí rolando. Bati a cabeça e apaguei.

Quando acordei, perdi a noção do tempo. Eu não sabia se foram trinta minutos ou três horas. Depois lembrei do meu braço. A dor era tanta, que acreditei, por um segundo, que eu tinha perdido-o. Tateei o meu braço e lá estava ele, intacto, apesar das feridas. Depois de recuperar-me do susto e do choque, eu me levantei. Tinha que sair dali. A *Coisa* poderia estar de perto de mim. Ou não. Mas não quis arriscar. Continuei andando. Ah, céus! Como eu queria tomar um *Jack Daniel's* e dormir na minha cama. Cama grande, macia, confortável. Mas, em vez disso, estava nesta porra de lugar esquisito que nem sabia onde ficava. Tinha que haver uma saída. Sempre havia uma. Parei de andar, sentindo-me cada vez mais frustrado. Tinha andado mais do que pensava e não encontrei um lugar seguro ou alguém que pudesse me ajudar a sair da escuridão. Tudo continuava como antes. *Porra!* Senti dor em minha coluna e nas minhas pernas. Fiquei muito tempo em pé. Cansado e fraco, fechei os olhos, apenas para descansar minhas pálpebras, que já estavam pesadas. Estava com muito sono. O frio já não era mais tão incômodo, porque meu corpo estava indiferente ao que eu sentia agora, fosse frio ou calor. Senti dor no braço, onde estavam as feridas geradas pelas garras, mas, pelo que tateei, senti que não sangravam mais. Será que os cortes não foram tão profundos assim? Se fossem, eu estaria perdendo muito sangue e ficaria muito fraco, o que não foi no meu caso. Pelo menos, eu estava bem, por ora. Deitei no chão sem me importar com o frio. O que eu queria mesmo era dormir. Era tudo de que eu precisava. Dormir por um bom tempo e não precisar acordar mais.

Acordei ao sentir algo pesado se movendo sobre o meu corpo. Por um momento, pensei que estivesse em meu quarto, dormindo no chão e com a luz apagada. Senti que havia algo grande e pesado sobre mim. Uma coisa gigantesca que se esfregava em mim como um animal no cio. Tateei às escuras. Era um corpo volumoso, de carne flácida e fria. Devia pesar mais de duzentos quilos. Ou talvez mais. Senti meu corpo ser esmagado e fiquei com dificuldade para respirar, tanto que meus pulmões formigaram ante a batalha por oxigênio.

Toquei a cintura da criatura e sua imensa barriga. Podia sentir suas peles dobradas, umas sobre as outras. Assustado, tateei as coxas *daquilo* e me surpreendi com o tamanho delas. Ambas eram imensas, o que fazia com que minhas mãos parecessem como as de uma criança recém-nascida. Tentei derrubar aquilo, mas não consegui. Era pesado e grande demais, e parecia que eu estava sob algo descomunal.

Ouvi um gemido feminino na escuridão. Ao tateá-la, percebi que era uma mulher imensa e

desproporcional. Senti as mãos grandes, grossas e carnudas tocando no meu peito, na minha cabeça, nos meus braços. Minha cabeça visualizou a imagem de uma criatura grotesca, que sorria para mim, babando. O excesso de saliva escorria por sua boca e pingava sobre o meu corpo, que em pouco tempo ficou coberto por aquele melado gosmento e fedido à podridão. O cheiro era a pior parte. O cheiro me lembrava um frango cru e apodrecido, e visualizei de imediato ninho de vermes vivos crescendo por dentro dele.

— Não! — gritei, com as duas mãos empurrando os dois grandes seios flácidos que caíam sobre sua barriga. Ela se esfregou em mim de forma mais acelerada e gargalhou estridente. As risadas ecoaram por toda a escuridão. Fiquei desesperado e enfurecido ao mesmo tempo. Com as mãos, arranquei pedaços das carnes das coxas da criatura. Continuei arrancando enquanto ela gargalhava.

Chorei, tentei fazê-la parar. Foi inútil! Fiquei descontrolado e, enfiando meus dedos rígidos violentamente, furei a imensa barriga cheia de dobras e arranquei as carnes sem piedade, com os punhos cerrados. Senti as entranhas geladas, fétidas e gosmentas, espalhando-se pelo meu corpo inteiro. A criatura estava indiferente e continuava soltando gargalhadas, esfregando-se mais e mais sobre mim.

E eu, num desespero total, berrei com toda a minha força.

A mulher grotesca se foi. Senti o cheiro de podridão da carne espalhada sobre o meu corpo. Eu tinha arrancado tudo daquela criatura imensa, até que ela desapareceu. Estava livre, mas me senti muito perturbado e horrorizado com o que aconteceu comigo. *Porra, caralho!* Eu me senti sujo, repugnante e desprezível. Não queria mais passar por tudo isso novamente.

Como o cheiro estava me deixando nauseado, eu me levantei. Estava todo sujo, fedendo à urina e sangue. Meus pés pisaram sobre as carnes da mulher grotesca espalhadas pelo chão. Escorreguei, como se tivesse pisado em manteiga, e rolei de costas. Com o impacto, bati a cabeça na superfície e fiquei inconsciente por um tempo.

Só abri os olhos quando ouvi o vento sussurrar. Parecia um canto de lamento. Senti minha cabeça latejar de dor. A minha visão estava negra. A escuridão continuava ali.

— Onde está a luz, pelo amor de Deus? Eu preciso de luz! Por favor, acenda! Acenda apenas por um minuto, é tudo que lhe peço! Por favor, acenda a luz! Apenas uma luz! Dê-me uma luz! — implorei, imóvel, fitando a escuridão, na esperança de que houvesse um Ser, do bem ou do mal, que atendesse a minha súplica.

O vento ainda sussurrava.

Pela primeira vez, reparei uma coisa que não tinha me dado conta no momento em que ouvi o sussurro do vento. Eu pude *sentir* o vento. Se havia vento, havia uma passagem. E isso significava apenas uma coisa...

Havia uma saída!

Tenho que apressar logo! Não posso perder a chance!, pensei ao levantar-me e percebi que não havia mais carnes espalhadas pelo chão, apenas pó. Mas foda-se! Precisava ir atrás da origem do vento. Comecei a avançar contra o vento que soprava em minha direção, que uivava e me envolvia com um cheiro estranho que não sabia definir.

O vento começou a circular em torno de mim. Avancei com esforço na escuridão, sentindo uma onda de calor. O uivo do vento ficou mais intenso. Parecia querer me impedir de continuar a busca pela saída. Eu sabia disso, mas não desisti. O cheiro tornava-se cada vez mais forte. Parecia de plástico queimado, porém altamente tóxico, o que causava uma sensação de acidez ao entrar em contato com minhas narinas. Não sabia como reconhecer o tal cheiro e muito menos como descrevê-lo. Mas sabia que não era comum.

Meu corpo estava contra o vento, que quase me derrubou, mas consegui me manter equilibrado e de pé. Continuei avançando. Não ia desistir facilmente. Preferia morrer tentando permanecer vivo nessa escuridão. O uivo do vento se tornou um grito gutural, como o de outro mundo, o que me assustou pra cacete! Mas nada me impediria de continuar seguindo em frente. À medida que eu avançava, vi um minúsculo ponto branco luminoso. Como uma estrela distante que se aproximava lentamente em minha direção em uma imensidão negra. Tudo o que eu conseguia ver era o ponto luminoso, que parecia cada vez mais próximo conforme eu avançava, mas continuava sendo minúsculo como se ainda estivesse fora do meu alcance. A voz feminina ainda repetia a oração da Ave-Maria. Parei por um momento, sentindo-me debilitado. O vento, com o seu som gutural, ainda me cercava, com mais força, como se eu estivesse no meio do olho de um tornado. Não consegui tirar os olhos daquele ponto cintilando na imensidão negra. Respirei fundo, com os punhos cerrados. Senti uma fúria crescendo dentro do meu peito.

Não posso desistir! De jeito nenhum!

— Vou alcançá-lo, custe o que custar! Mate-me se quiser, mas não vou desistir porra nenhuma! — gritei para o vento, que não cessava nunca.

Comecei a correr contra a ventania, como se nadasse contra a correnteza de um rio que desembocava numa grande catarata. Meu corpo se inclinou para frente, com os pés firmes no chão. Meus braços foram lançados para trás e senti a pele do meu rosto ser esticada como massa de modelar pela força do vento que me atingia com tamanha intensidade. Apertei os olhos e vi o ponto cintilante perder o brilho, ou talvez se afastar.

— Não! Não! Nãããã! — gritei, esticando com vigor o braço contra o vento, com a mão tentando alcançar o ponto luminoso que desaparecia por completo. Gritei mais uma vez e, em seguida, dei-me por vencido, fazendo o vento me erguer acima do solo e me lançar para longe, para algum ponto da escuridão.

Senti um impacto doloroso. As minhas costas atingiram uma superfície sólida e repleta do que pareciam ser pedras arredondadas, machucando a minha coluna.

— Porra! Dói pra cacete! — gemi de dor.

Logo em seguida, meu corpo afundou e senti a água gelada me envolver. Estava submerso, com coisas sólidas ao redor do meu rosto. Bati as pernas na água para evitar que eu afundasse mais.

Ouvi a gritaria de uma mulher. Seria a mesma que não parava de orar para Nossa Senhora? A voz era diferente. Parecia mais como a de uma adolescente. Tateei os objetos que batiam uns nos outros ao redor da minha cabeça fora da água. Ao pegar um deles, examinei-o como um cego, para identificá-lo. Senti que havia dois buracos na parte de cima do objeto, e abaixo havia um buraco em forma de triângulo assimétrico. Em seguida, senti, na parte inferior, peças que mais lembravam dentes humanos. Finalmente eu consegui visualizar melhor o que se tratava o tal objeto.

Estava segurando um crânio humano?

18

Não restava nenhuma dúvida de que era um crânio mesmo. Não tinha como me enganar pelo seu formato. E pior: não era apenas um. Eu estava no meio de crânios que boiavam na superfície da água. Fiquei horrorizado e finalmente comecei a entender por que alguém estava berrando.

Com repulsa por estar em meio a tantas caveiras e sentindo cheiro de ossos podres, nadei apressadamente para fugir daquele mar de ossos que me cercava e tentei alcançar a terra firme, se houvesse uma na minha frente. Meu rosto ainda se chocava contra as caveiras, aquele cheiro podre revirava meu estômago, mesmo não tendo comido nada desde que cheguei naquele mundo de escuridão permanente. A escuridão do inferno!

Passaram-se mais alguns minutos e continuei nadando, afastando as caveiras com os braços. Quanto mais eu afastava, mais surgiam, emergindo da água, como se multiplicassem.

Um grito ecoou. Ela não parava de gritar. Isso me deixava nervoso. A escuridão permanecia.

Porém, além do grito da mulher chata e histérica, ouvi um som familiar.

O som da flauta. A *Coisa* voltou.

A mulher – ou adolescente – ainda gritava, e isso me aborreceu. O grito dela estava atraindo a atenção daquela coisa.

— Cale a boca, sua histérica! As *Coisas* podem te ouvir se continuar gritando! Fique quieta se quiser viver! — gritei, na esperança de salvar a vida de alguém não muito longe dali. Ou perto de mim.

Mas ela não cessou o berro. Continuava gritando. Eu podia ouvir alguém se debatendo no mar de ossos, que se quebravam.

O som chegava cada vez mais perto. Temendo ser atacado, decidi mergulhar a minha cabeça sob as centenas de caveiras apodrecidas. Só deixei os meus olhos e orelhas fora da água. Fiquei ali, imóvel, apenas com minhas pernas nadando silenciosamente, com os braços um pouco abertos, para manter o equilíbrio enquanto as cabeças começavam a unir-se umas às outras ao redor do meu rosto quase submerso. Podia ouvir o barulho de algo se mexendo no ar passar sobre mim por um momento, como se houvesse uma criatura alada a pairando no ar, me procurando. E seguiu em direção ao grito feminino.

Permaneci quieto e calado enquanto ouvi alguém gritar ainda mais de agonia e terror, o que durou mais de três minutos. Depois disso, o grito cessou e o som se foi.

Subi à superfície da água, sentindo o meu coração disparar. Estava cansado. Cansado de tudo: do medo; do horror; do sofrimento; da dor. Comecei a ter dificuldade para diferenciar o que era real ou não. A escuridão criava uma falsa sensação de algo real.

Comecei a nadar em alguma direção, sentindo um frio vazio por dentro. A solidão se unia à escuridão, exceto pela companhia das caveiras. Mal pude acreditar quando senti o solo firme alcançar meus pés por baixo da água. Tinha chegado à terra firme. Comecei a rir, mas tive que conter a risada com medo de despertar a atenção das *Coisas* que se escondiam nessa escuridão maldita. Saí da água todo ensopado e com muito frio. Mas, por outro lado, eu estava limpo. Depois de tanta energia gasta para nadar, comecei a sentir fome e mais cansaço do que nunca. Deitei de costas no chão de areia, que me fez recordar os momentos na praia. Deixei meus braços abertos, os olhos fitando o nada.

Então, ouvi uma voz feminina não sei de onde.

— Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

— Olá! — Eu me levantei, mas não fiquei de pé. Estava morto de cansaço de ficar pé por muito tempo. — Quem é você?

— Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte.

— Você me ouve, senhora? Eu posso te ouvir!

Eu podia ouvir a voz dela, mas não a encontrava e muito menos a direção em que ela estava. Ela repetia a mesma oração da Nossa Senhora até que sua voz se distanciou e, de repente, ficou em silêncio. Fiquei decepcionado. Achava que eu tinha uma chance de encontrar alguém, mas, por algum motivo, não podia me unir com outras pessoas para sair desse mundo. Voltei a deitar no chão, olhando para o nada. Minhas pálpebras estavam cansadas, e eu ouvia as batidas aceleradas do meu coração, que me deixavam mais tranquilo.

Meus olhos não aguentaram mais ficar abertos e logo os fechei.

Ofegante, respirei com dificuldade, mas logo comecei a relaxar.

Meus ouvidos começaram a criar um som que não existia. Mas o falso som fantasmagórico já não me assustava mais.

Finalmente adormeci, com a sensação de que estava dormindo em um lugar confortável e pacífico, apesar do som irritante nos meus ouvidos, que foi ficando cada vez mais intenso, como um apito capaz de estourar os tímpanos.

De repente, uma explosão tão forte quanto um trovão me assustou. Abri imediatamente os olhos. Vi um clarão intenso que iluminou meu rosto molhado. Fiquei assustado e, ao mesmo tempo, feliz pelo clarão ter dissipado a escuridão, mesmo que por breves segundos. Ajoelhei-me e estendi as mãos para louvar alguém lá em cima que decidiu dar um pouco de luz a mim. Veio outro clarão e reparei minhas mãos e meus braços. Eles estavam cobertos de *sangue*.

Aterrorizado, meus olhos arregalaram.

Outro clarão. Desta vez, vi o meu corpo inteiro em questão de segundos antes de voltar a escuridão, a minha calça de moletom estava encharcada de sangue.

Ouvi o som de mais um trovão, que ecoou por todos os lados e surgiu outro clarão, permitindo que eu visse o que tinha na minha frente.

Esbocei um ar de espanto e de horror, com a boca escancarada. À minha frente, havia um imenso mar de sangue, que desaparecia no horizonte escuro, e nele boiava uma infinidade de caveiras. Milhares delas flutuavam e se moviam de um lado a outro pela correnteza de água vermelha. Eu havia nadado em um mar de *sangue humano*.

19

Choque! Era isso que senti quando vi o cenário inimaginável. Os clarões continuavam iluminando o mar sangrento. Era uma visão dantesca. Senti meu estômago revirar ainda mais e comecei a recuar. Ao me virar, sob os clarões das luzes, pude enxergar outro cenário, ainda mais horrendo que o mar de caveiras, para o meu puro pavor.

Estava diante de uma vasta terra de areia alaranjada, como um deserto, repleta de corpos humanos, de todas as idades, sexos e etnias. Havia milhares deles, que se estendiam até o fim do horizonte. Não havia cabeças nos corpos, que estavam destroçados. Era como se ali tivesse ocorrido um ataque brutal, no qual as criaturas arrancaram primeiro as cabeças para serem devoradas e as lançaram ao mar. Imaginei esses seres rasgando e devorando as carnes dos cadáveres ali na terra.

Pude ver os ossos expostos debaixo das carnes dilaceradas. Alguns corpos estavam com os abdomens abertos, com as entranhas espalhadas pelo chão, manchados de sangue seco. Outros foram quase totalmente devorados. O cheiro – *mas que merda!* – era horrível e nauseante. Mas não pude voltar para o mar. Tinha que seguir em frente.

Os clarões começaram a diminuir, e eu sabia que tinha pouco tempo para sair daquela terra de cadáveres. Desviei dos corpos e parei quando vi um deles, com as vísceras repletas de vermes brancos, que rastejavam sobre o corpo, devorando-o. Essa foi a última vez que vi o clarão, e logo na sequência a escuridão reinou no lugar mais uma vez.

Implorei para que a luz voltasse. Ajoelhei-me na terra, colocando as mãos acidentalmente sobre um corpo destroçado. Horrorizado, levantei-me, perdido, às cegas, e comecei a correr. Pisei nas entranhas, esmagando-as, e logo tropecei em um dos corpos. Levei um tombo e senti a minha cara mergulhar na carne putrefata. Pequenos seres vivos começaram a rastejar por meu rosto. *Que coisa nojenta!*

Desesperado, levantei-me enquanto tentava me livrar dos seres rastejantes grudados em meu rosto. Assim que consegui me livrar, continuei a correr. Não queria ficar ali nem por mais um segundo. Tinha que ir o mais longe possível, antes que qualquer verme nojento pudesse rastejar sobre mim de novo. À medida que corria, tropeçava, caía incontáveis vezes, sujava-me de sangue e me deparava com as entranhas, mas continuei correndo. Tudo parecia ir de mal a pior, e para onde eu fosse sempre acharia um lugar pior que o anterior.

Jesus! Prefiro morrer a viver nesta porra de lugar do inferno! Aliás, será que morri mesmo?

Em vez de correr, decidi ir devagar, com cautela, com as pontas dos pés tateando a frente para evitar novos tropeços. Quando tocava os corpos, passava por cima deles e prosseguia. E foi assim que fiz durante toda a travessia.

À medida que eu caminhava por um tempo, mais eu tinha que concordar com Annelise. Realmente não havia saída daqui. Pior: talvez não existisse uma saída. Caminhei o tempo todo, em busca de uma porta, mesmo que fosse pequena, mas nem sinal dela. Nem mesmo luz à vista. Nunca andei tanto durante toda a minha vida, por sobre milhares de corpos destroçados cheirando a podridão. O cheiro me causou uma forte náusea. Vomitei algumas vezes até não sobrar mais nada que tinha no meu estômago. A última vez que eu comi foi um hambúrguer na lanchonete. *Oh, céus!* Eu daria toda a minha alma por apenas um hambúrguer para saciar a minha fome. Uma coisa que notei era o fato de eu estar com fome e, como não achei nada que eu pudesse comer, eu morreria por inanição. Porém, isso não aconteceu comigo e me deixou muito intrigado.

Agora, vinha a parte ruim: minha garganta queimava toda vez que tentava engolir um pouco de saliva, resultado da lesão depois de tanto vomitar. Mesmo que eu tivesse vontade de vomitar ali, não ousei. Não ali, no meio de todos esses corpos ao meu redor. Segui em frente, andando sem parar... *Onde está a porra da porta de saída?* Meu pensamento ficou embaralhado de várias lembranças, como por exemplo: comida farta na mesa, o sorriso da minha esposa, de divertir com ela na montanha-russa... fui pensando nessas imagens agradáveis e felizes até que, não sei por quanto tempo andei, vi que não havia mais corpos mortos no chão. Estava vazio. Não senti mais o cheiro de carnes mortas. Tudo foi deixado para trás. Até que enfim! Já estava ficando muito enjoado. Pensei que ia morrer de tanto enjoado.

Mas ainda tinha um longo caminho a seguir pela frente. Desejei que o fim estivesse perto dali e ao mesmo tempo temi pelo que viria. Lembrei-me do ditado: *depois da tempestade, vem a calmaria!* Mas eu tinha uma forte impressão de que não viria calmaria, pelo menos, não para mim. Ao contrário disso, eu reparei que sempre surgia um obstáculo pior atrás do outro. Senti-me como se estivesse vivendo dentro de um jogo de videogame criado por um cara aficionado em filmes de terror e do gore para brincar com os pobres mortais como eu.

Continuei em frente, tinha que tentar. Mesmo com fome, cansaço e sem conseguir dormir um pouco. Na verdade, eu estava sentindo falta de uma cama de espuma com lençol de cetim dourado. De uma fruta cítrica e gelada, recém-saída na geladeira, para saborear o sabor e aliviar o meu corpo quente e suado. De uma ducha de água morna com espumas de sabonete para molhar meu corpo fedido pelo suor e pela podridão de carne impregnada na minha pele. Do frasco de perfume para passar no meu pescoço e no meu peito. Do sol nascendo pela janela do meu quarto e descendo por trás das montanhas vistas somente no campo rural, depois de uma caminhada junto com ovelhas, como eu costumava fazer com mais frequência. Mas agora, aqui estava eu, nessa porra de lugar!

Comecei a chorar por várias coisas: medo, desespero, solidão, fome e cansaço. Estava muito machucado para seguir adiante. Era demais para mim. Não podia compreender o porquê de estar aqui. O que foi exatamente que eu fiz? Eu não matei ninguém, não fiz pacto com o demônio, não falei mal em nome de Deus, não tomei nenhuma droga e tampouco roubei ou enganei as pessoas. Sempre fui uma pessoa trabalhadora e honesta, sempre amei uma única mulher da minha vida, sempre a tratei bem e a satisfazia dando-lhe o prazer que ela necessitava. Até ajudei aos mais necessitados. Tentei lembrar alguma coisa que eu tivesse feito de errado para que eu merecesse estar aqui. Parei de andar quando me lembrei do passado, de quando eu era criança. Tinha dez ou onze anos quando matei todos os filhotes de um passarinho com uma arma que pertencia ao meu

pai, para em caso de furto ou invasão do ladrão da nossa residência. Lembrei-me de que a cada bala que atirava, um miúdo corpo de filhote estourava, com a carne destroçada espalhando sobre outros filhotes vivos. E repetia até não sobrar um filhote vivo. Eu me lembrei de que eu ria quando fazia isso. *Mano do céu! Que insano eu fui!*

Lembrei-me do rosto furioso do meu pai, que me apreendeu e deu um tapa no meu rosto. Ele me levou à força para o quarto, em castigo. Depois que escondeu a arma, eu nunca mais voltei a vê-la. Eu desejava não estar me lembrando disso. Arrependi-me por ter feito isso com os passarinhos. Será que isso justificava eu estar aqui? Talvez sim, não sei!

Tentei lembrar outra coisa. Briguei algumas vezes com rapazes por ciúme, por causa de uma menina no bairro, que dava para todo mundo, garotos ou garotas. A mesma menina que, anos depois, tornou-se uma garota de programa.

Várias lembranças, boas e ruins, surgiam na minha mente enquanto caminhava. Precisava saber o motivo que me trouxe até aqui. Tentava descobrir o que eu tinha feito de errado no passado, a ponto de me fazer pagar um preço alto para eu estar nessa maldita porra da escuridão.

À medida que andava com toda a minha agonia pelo cansaço que me consumia, ouvi um barulho na minha frente de algo arrastando no chão. Detive-me, temendo que fosse aquela criatura-seja-lá-o-que-for voltando para me pegar. Senti a aflição crescer dentro de mim, lentamente, conforme o som aumentava. Podia sentir uma energia estranha, pesada, algo nada agradável. Seria a Morte? Fiz um esforço para enxergar alguma coisa ali na minha frente. Nada. Contudo, o barulho ainda vinha arrastando. Os pelos na minha nuca se levantaram como um cão em alerta. O barulho se aproximava e eu não conseguia ver nada na minha frente. Senti frio, de repente, em minhas mãos e pernas. Estava gelado. Alguma coisa ali estava causando essa sensação de frio. Pensei sair correndo em direção oposta, mas não consegui. Estava petrificado e temi que os meus passos pudessem chamar a atenção da *Coisa* no escuro. Então, o barulho cessou. Esfreguei minhas mãos para livrar-me do suor gelado pelo medo. Mas a sensação continuava me incomodando. Porém, eu senti que estava sendo observado por algo imóvel perto de mim.

Depois de um longo silêncio, ouvi a voz sussurrante e feminina:

— Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

Era a mesma voz que ouvi antes. De repente, vi uma imagem que surgiu diante de mim numa fração de segundos, como um piscar de olhos, como um *flash*, mas suficiente para perceber que se tratava de uma mulher. Assim que a escuridão a envolveu por completo, não perdi meu tempo e tentei localizá-la.

— Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

— Quem é você? — perguntei para a mulher misteriosa.

A escuridão ainda reinava, como sempre.

— Você está aí?

— Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Henri.

A mulher finalmente surgiu. Como se uma fresta de luz iluminasse somente ela em um gigantesco palco do teatro envolto na escuridão. Foi isso que me pareceu.

— Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Henri.

Era uma mulher indo em minha direção lentamente sem movimentar suas pernas, achei que ela estava flutuando. À medida que ela se aproximava, eu podia perceber que era uma freira por causa da sua roupa, com a mão colocada no peito mostrando os seios expostos, através dos buracos da roupa. Não consegui ver seu rosto. Seria ela mais uma imaginação minha?

— Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Henri.

Ela estava agora mais perto de mim. Consegui ver o rosto dela, que me deixou chocado. No lugar do rosto com olhos, nariz e boca, vi um orifício estranho, tudo o que eu podia dizer era que mais parecia um ânus fechado. Podia ouvir o sussurro da voz dentro dela. Devia ser ela que eu tinha ouvido recitar a oração. Mas a voz estava baixa para eu conseguir entender o que dizia. Aproximei o meu ouvido perto do orifício estranho no rosto dela e tudo o que consegui entender foi o que mais me chocou:

— Fode-me, Henri!

Fiquei horrorizado, meus pelos eriçaram, uma sensação muito ruim percorreu todo o meu corpo. Afastei-me dela, olhei para o seu rosto e gritei. O orifício abriu e revelou todos os seus dentes. Lembrava muito a boca de lampreia, a mais horrível que já vi na minha vida.

Fui tomado de pânico sem precedente, saí correndo feito um louco. Não queria nem ver mais, aquela imagem da freira monstruosa me perturbou por completo. Mesmo estando longe, mas bem atrás de mim, ainda podia ouvir as risadas dela. Aliás, risadas de um homem com voz profunda e grossa.

20

Estava sem fôlego depois de tanto correr. Não conseguia tirar a feição horrível da freira. Estava horrorizado por causa daquilo. Meu corpo continuava totalmente arrepiado. Nunca senti tanto medo na minha vida.

Quando parei por um momento para recuperar meu fôlego, algo chamou a minha atenção. Um minúsculo ponto luminoso apareceu novamente na escuridão. Nunca pensei que eu fosse ficar feliz em ver aquele pontinho brilhante, como se houvesse uma esperança impregnada nele em meio a um mundo sombrio.

Apressei para alcançá-lo, sabendo que não duraria muito tempo imóvel e que a qualquer momento desapareceria ou se afastaria de mim como acontecera antes. Corri e percebi que o ponto luminoso estava descendo, como se tentasse tocar o solo. Quando dei mais um passo, não senti mais o chão sob os meus pés. Fui lançado para o abismo. A sorte era que não era alto. Se fosse, já teria morrido espatifado. Quando choquei no solo, caí rolando como se estivesse em uma terra inclinada. Parecia um escorregador feito de lixa. Havia areia e cascalhos, que arranhavam meus calcanhares, minha bunda, minhas costas nuas e meus cotovelos.

À medida que descia, mais me machucava. Não demorou muito quando meu rosto mergulhou no chão, revestido de cascalhos ou talvez cascos de ostras do mar, não sei ao certo. Não conseguia enxergar o que era. As palmas das minhas mãos tocaram a superfície que parecia coberta de pedras cortantes, machucando-as. Tinha certeza de que as cortei, e muito. Levantei-me, e senti a dor dos meus pés ao pisar no solo afiado. Seriam cascalhos ou cacos de vidros? Ignorei esse detalhe e comeci a procurar o ponto luminoso ao meu redor. Não demorou muito quando o encontrei, imóvel, em pleno do ar.

— Por favor, não vai embora! Preciso de você, minha boa estrela! Por favor, fique aí por um momento — supliquei. Ela era minha esperança.

A luzinha permaneceu imóvel, oscilando no ar. Parecia ouvir a minha súplica e, em vez de me afastar-se, veio lentamente em minha direção. Fiz um esforço para ignorar as dores dos meus pés enquanto caminhava. Podia visualizar as carnes sob meus pés rasgando e sangrando. Mas não ousei tirar meus olhos daquela luz, a minha boa pequena estrela, ainda oscilava no ar, me esperando para alcançá-la. À medida que chegava mais perto, sorri. Ela continuava tão pequenina, mesmo que eu me aproximasse caberia na palma da minha mão. Apressei mais alguns passos com o braço esticado, quase chegando a tocá-la, e podia ver a luzinha branca e azulada iluminar a palma da minha mão pela primeira vez depois de tanto tempo na escuridão. Podia ver minha mão cheia de cortes, com o sangue brotando nas feridas. Encostei-me levemente na pequena esfera luminosa, que possuía uma camada sólida, porém maleável, tal como uma gelatina, porém envolta pela fumaça translúcida, para ver o que acontecia ao tocá-la. Não senti o calor, nem frio. Mas tive uma visão, em um *flash* que saltou dos meus olhos.

Uma mulher, de cabelos lisos e castanhos, gritando, com duas mãos de luvas amarelas agarrando no seu pescoço. Ela estava deitada sob o corpo de um homem, em uma mesa grande.

Balancei a cabeça, sem entender nada. Recuei a minha mão da estrela. Sabia que tinha algo a ver com a luz. Voltei a tocá-la novamente, para certificar-me de que era isso mesmo.

Uma mão enluvada dele apertava o pescoço dela enquanto a outra rasgava com violência a camisa dela, que revelou seus seios com sutiã de renda branca. Os olhos dela estavam arregalados.

— Não! Não! Isso não é real! — gritei. Estava chocado pelo que via. Aquilo não era real. Não era eu que estava fazendo isso com ela. Não era eu o homem estrangulado. A visão ainda permaneceu diante dos meus olhos. Ouvi o grito dela, que ecoava na escuridão, como um eco que não cessava.

Ela gritou apavorada. Suas lágrimas deslizaram por seu rosto contorcido de dor e medo. Ele forçou-a virar enquanto com rasgou a calcinha dela. Ela berrou.

— Não! — gritei. Estava sentindo-me agoniado e impotente diante daquilo. — Não!

— Para, por favor! — gritou ela.

— Deixe-a em paz, seu desgraçado! — implorei, mas nada adiantou. Eles não me ouviram e sequer me viram. Era como se eu estivesse invisível para eles. Que apenas eu podia vê-los e tudo o que acontecia sem poder fazer nada.

Ele agarrou o cabelo dela e a puxou para si. Com a cabeça dela sendo puxada para trás, ele bateu na nádega dela com força brutal com a outra mão, deixando uma marca avermelhada na sua pele. Meu coração batia fortemente. Estava me sentindo desconfortável vendo tudo isso.

Eu larguei a esfera. A visão desapareceu. Melhor assim. Porque eu sabia exatamente o que viria a acontecer a seguir. Eu sei quem eram aquelas pessoas. Eram meus pais.

Eu me lembro naquele dia. Não tinha como esquecer, principalmente quando você era testemunha de um assassinato cometido pelo seu pai, que era um policial, cujo papel era servir e proteger os cidadãos. Eu tinha doze anos, estava vendo na tevê o desenho animado do famoso Coiote perseguindo o Papa-léguas. Apesar de o desenho ser um tanto infantil para a minha idade, eu achava muito engraçado, principalmente as artimanhas atrapalhadas do coiote abobalhado. Naquele tempo, eu tinha espinhas no rosto que eu tanto odiava, de tanto espremê-las quase todos os dias. Era magrinho, praticamente um ossudo ambulante, fisicamente falando, e apesar do meu atributo físico não ser a melhor coisa, a minha melhor qualidade era a ousadia e determinação. Minha irmã mais nova, Sophia, de oito anos, estava sentada no chão, escrevendo poesia, toda distraída, nas folhas de caderno e canetas coloridas. Ao lado dela, havia uma linda e colorida caixinha de música, que tocava serenamente. Era uma espécie de tenda, nas cores branco e rosa. Sob a tenda cônica, havia quatro pequenos e graciosos cavalos, que subiam e desciam à medida que o mecanismo girava lentamente, acompanhando a música. Tudo parecia tranquilo quando eu e a minha irmã ouvimos alguém gritar. O grito vinha da nossa própria casa.

Sophia se levantou e olhou para a porta. Ouvimos alguém brigando, derrubando coisas, com ruídos de objetos caindo e se quebrando. Eu e ela nos entreolhávamos, sem entender bem o que estava acontecendo. Fiz um sinal para a minha irmã ficar ali quieta e não sair do quarto. Sophia obedeceu e permaneceu no quarto enquanto eu saí bem devagar e pus-me a caminhar pelo corredor. Foi quando avistei, no final dele, um homem caído, com o rosto ensanguentado. Seus olhos abertos e sem vida pareciam me encarar. Era o meu tio, o marido da minha tia que tanto me cuidou. O meu tio era cunhado da minha mãe. Então ouvi o grito da minha mãe, que implorava a alguém para que não a machucasse. Ouvi também o ruído de um móvel batendo em alguma superfície.

Uma grande poça de sangue se alastrava ao seu redor, quase alcançando as pontas de meus dedos dos pés descalços. Havia sangue escorrendo de sua garganta, ou talvez do peito, que ia escurecendo à medida que encharcava quase todo o seu corpo. Foi esfaqueado até a morte. Ele tentou sair da cozinha e ir pela saída da porta da casa, mas não resistiu e caiu ali mesmo. Continuei a ouvir a voz de minha mãe, que chorava, aos berros, bem como as batidas de um móvel contra uma parede. Andando lentamente pela sala, com as pernas trêmulas, segui em direção à cozinha. Do vão da porta, vi minha mãe chorando. Atrás dela o meu pai, cuja calça estava baixada até o chão, deixando suas pernas brancas à mostra. A mão do meu pai, coberta de luva amarela, puxava os cabelos dela enquanto os quadris, que revelavam pálidas nádegas, moviam-se violentamente para frente e para trás, num constante movimento que não cessava nunca. E a outra mão segurava um facão de carne. Permaneci estático e em silêncio, observando aquela cena deplorável e angustiante. Nada podia fazer. Não conseguia despregar os olhos do rosto aflito da minha mãe, contorcido de dor. Os meus olhos encheram de lágrimas, horrorizado ao ver a cena.

Meu pai olhou bruscamente para mim. Nunca tinha visto seu rosto tomado de fúria colérica. Ele estava tão diferente que não parecia mais o meu pai de antes. Ele nunca tratou tão mal minha mãe e ninguém. Sempre foi um homem carinhoso e prestativo. Era o bom policial. Por que, de repente, ele estava agindo daquela forma e machucando minha mãe? Por que ele matou o meu tio? Havia algo errado nele, além da sua atrocidade perversa e cruel. Vi filetes de sangue escorrerem entre as coxas da minha mãe. Entendia exatamente o que se passava. Meu pai começou a rir. Depois olhou para o dorso da sua mulher e colocou um facão embaixo de sua mandíbula. De repente, num movimento brusco, puxou-lhe a cabeça para trás e fez um corte profundo em seu pescoço, rasgando-lhe a pele.

Ela berrou alto, o sangue espirrou. E o grito logo se transformou em silêncio, quando o corpo caiu sobre a mesa, enquanto o meu pai ainda metia nela, soltando gargalhadas. Eu fiquei apavorado, nada fiz para ajudar minha mãe. Era tarde demais. Meu corpo estava todo trêmulo, tamanho horror que presenciei. Afastei-me da porta da cozinha, ainda ouvindo as batidas da mesa contra a parede. Passei por cima do cadáver do meu tio e atravessei o corredor, aflito e calado. Entrei no quarto dos meus pais, aproximei do guarda-roupa e o abri. Procurava algo entre os pertences dos meus pais, que havia lá dentro: roupas, sapatos, cintos, roupas íntimas. Sabia onde procurar, pois sabia onde meu pai a guardava. No meio de várias caixas de sapatos, peguei uma de cor preta. Ao destampá-la avistei o que procurava: a arma do meu pai, uma pistola automática que possuía trava de segurança. Determinado, segurei-a com as minhas duas mãos. Senti seu peso, mas sabia segurá-la muito bem. Meu pai, antes de ser um louco assassino sem nenhum motivo aparente, havia me ensinado a manuseá-la, para o caso de precisar me defender de algum risco que ameaçasse minha vida e a da família. Só que eu não imaginava que o maior perigo dentro da casa seria o meu próprio pai, que virou um ser deplorável.

Sai dali e fui para o meu quarto, onde vi a minha irmã com a cabeça para fora da porta de seu quarto. Sophia me espiava com curiosidade e medo. Podia me ver segurando uma arma. Depois, avistou o corpo do tio caído sobre uma poça escura de sangue. Apontei o dedo para Sophia e gesticulei silenciosamente, ordenando para ela entrar ao quarto. Entramos no quarto e fechei a porta, trancando-a. Depois falei baixinho para ela entrar no guarda-roupa feita sob medida, que era grande e que preenchia toda a parede. Eu tinha uma ideia para despistá-lo. Era a única maneira de nos salvar. Porém, o meu pai bateu na porta três vezes do outro lado.

— Abra a porta, filho.

Eu fiz um sinal de silêncio para a minha irmã, que me olhava confusa.

— O que o papai tem? — perguntou ela.

— Ele não está bem!

— Ele tem que ir pro médico ver o que papai tem de dodói.

Ele bateu na porta novamente, mais forte, que nos assustou.

— Abra a maldita dessa porra da porta, Henri!

— Não deixe o papai ficar bravo, Henri. Abra.

— Não! Ele pode nos machucar.

— Papai nunca nos machucaria.

— Eu sei, mas ele não é o papai. Ele está diferente.

— Abra a porta, porra! — berrou meu pai e logo em seguida a porta foi atingida por um pontapé violento. E depois outro e mais outro.

— Entre no guarda-roupa e fica quieta lá.

— Melhor abrir a porta. Papai está bravo.

— Não é para abrir a porta, sua boba.

— Papai! — gritou a menina.

— Minha filha! Abra a porta para o papai. Venha com o papai! — disse ele, em voz baixa e dócil.

— Já vou abrir a porta, papai!

— Isso, minha princesinha! Venha com o papai! Henri está fazendo coisa muito para mim. Fez mal para a mamãe e agora ele quer fazer mal a você.

— Isso não é verdade. Ele está mentindo;

— Cuidado com ele, minha filha. Ele pode te machuca como fez nas outras vezes. Venha com o papai. Não vou deixar ele te machucar.

Eu temi pela vida da minha irmã e impedi que ela se aproximasse da porta. Quando a minha irmã viu a arma na minha mão, ela ficou com medo de repente. Pensou que eu ia fazer mal a ela. O pai conseguiu convencê-la de que eu era o maior perigo. Por causa disso, ela correu e foi em direção ao meu pai. Antes que chegasse ao alcance do pai, eu agarrei o braço dela e falei para não ir com ele, que o papai não era mais o mesmo, que o papai ficou louco. Sophia não quis me ouvir, ela não estava pensando direito e tampouco viu que o pai segurava uma faca. Ela estava apavorada demais para pensar direito. Quando a minha irmã ficava com medo, fosse no temporal, fosse o bicho-papão debaixo da cama ou do guarda-roupa, ou até mesmo do bicho lá fora, era correr para os braços do papai para sentir-se segura. Foi isso que ela fez. Tentei segurá-la e puxá-la de volta para o nosso quarto. Mas ela abocanhrou o meu braço, tanto que seus dentes quase cravaram na minha pele, que pela dor, eu a soltei. Ela correu em direção a porta e abriu-a.

— Papai!

Antes que a menina pudesse abraçar o pai para sentir-se segura, eu vi meu pai prestes a golpear o facão em direção à cabeça da minha irmã. Fechei os olhos rapidamente, não tinha coragem de vê-la ferida. Só ouvi o grito dela, mas era um grito rápido. O grito deixou o meu coração acelerado, de desespero. Será que meu pai fez o mesmo com a minha irmã? Ele não faria

com ela. Ela amava tanto o meu pai. Depois ouvi o barulho de algo caindo. Um baque surdo. Ao abrir os olhos, vi-a caída no chão, com o crânio rachado ao meio e sangrava profusamente.

Eu gritei, tremendo de choque. Eu chorei. Eu enfureci. Eu o amaldiçoei. Apontei a arma para ele. Eu estava petrificado, com as minhas duas mãos trêmulas segurando a arma automática. Nesse momento, a voz de meu pai, antes de virar um assassino deplorável, veio à minha mente. A imagem dele era de um homem sereno que demonstrava a sua preocupação por mim, tanto que me levou a um lugar no mato onde podíamos treinar com a arma para defender de qualquer tipo de perigo que pudesse ameaçar a minha vida. Naquela época, eu tinha dez anos, um ano antes de eu fazer as coisas horríveis com os passarinhos.

— *Agora, destrave o botão de segurança.*

Eu sabia do que ele falava. A trava da arma. Destravei o botão de segurança.

Meu pai sorriu para mim segurando a faca ensanguentada, que pingava no chão. Exibia um sorriso de satisfação pelo seu ato assassino.

— *Mire naquela garrafa de vidro. Imagine que a garrafa é uma pessoa, ou um animal perigoso* — dizia na minha mente: — *Segure bem a arma e não tire os olhos da garrafa.*

Meu pai aproximou-se.

— *Assim que você apontá-la para a garrafa, mantenha-se firme, segure bem a arma. Isso não é um brinquedo. Isso machuca as pessoas. Mas só faça isso em caso de urgência. Só atire se, por acaso, aparecer alguma pessoa malvada querendo machucar pessoas boas como nossa família. Lembre-se disso! Segure bem a arma e aperte o gatilho.*

Ele parou em minha frente, balançando a faca.

— *Largue isso, meu filho!* — pediu, enquanto apontava a ponta afiada da faca para mim.

Eu chorei de medo. Medo de atirar no meu pai, mesmo que ele tenha matado minha família. Não podia olhar nos olhos dele. Fechei os olhos, nervoso, e ao mesmo tempo concentrava tudo o que o pai do passado, o pai bom, dizia sobre segurar a arma.

Você vai sentir um impacto que vai empurrar suas mãos, mas é assim mesmo, mantenha-se firme e não deixe a arma cair. Entendeu? Se deixar cair, o inimigo pode ir atrás de você e de sua irmã. E pode fazer coisas terríveis com vocês. Eu não quero que nada de mal lhes aconteça. Lembre-se disso!

Ouvi meu pai dando passos a mais na minha frente.

— *Solte a arma, meu filho! Eu sei que você não quer me machucar.*

— *Se achar que o malfeitor ainda está respirando, atire mais uma vez, até que ele não se mexa mais. Desta forma, você e sua família estarão salvas. Lembre-se bem disso, meu filho. Lembre-se disso!*

— Sim, papai! — respondi baixinho, pausadamente, em minha mente. Meus olhos verteram em lágrimas. — Eu me lembro disso! — E então abri os olhos e apertei o gatilho.

O tiro foi bem alto, que quase me ensurdeceu. A bala atingiu no ombro dele e ele urrou de dor, mas não largou a faca. Podia vê-lo com o rosto colérico, encarando-me. Podia ver a lâmina da faca reluzir. Vi-o apertar com força o cabo da faca e dar alguns passos apressados em minha direção, berrando como um louco. Apertei o gatilho mais uma vez. Um novo tiro, um novo buraco no peito e um grito gutural do pai. A faca caiu no chão. Depois tudo ficou calmo, exceto o meu choro. Fiquei ali de pé, o tempo todo, com a arma ainda na mão. Na dúvida, esperava que ele se levantasse de novo, e eu atiraria novamente. Apenas esperei ali por um bom tempo. Esperei e esperei.

Eu me lembro do som das sirenes da polícia se aproximando e as luzes giratórias de cor vermelha surgiram na janela do quarto. Não demorou muito quando ouvi a porta da sala sendo arrombada e em segundos surgiram dois policiais armados. Apertei o gatilho, pensando que era o meu pai assassino, mas por pouco não feriu nenhum dos policiais. Um deles agarrou a arma com destreza e a tirou, deixando-me desarmado. Quando piscou, olhou no chão e viu os corpos do pai, depois da minha irmã e do meu tio.

Os policiais fizeram algumas perguntas para mim, mas não lembrava qual era. Eu não dizia nada, apenas fiz sinal de sim com a cabeça trêmula. O policial que estava na minha frente, ainda apontava para mim, com os dedos no gatilho. Depois disso, eu fiquei olhando para o nada, para o vazio, como se não enxergasse os policiais ali, e nem mesmo ouvi o policial dizer algo para mim. Não havia mais som ao meu redor. Apenas um silêncio profundo que chegava a ser perturbador. Estava em estado de choque. Fora de si.

Num piscar de olhos, eu me vi em outro lugar. Estava em uma grande sala, totalmente branca, desde o chão, parede, mesa e cadeiras. Senti o ambiente gelado. O ar-condicionado estava ligado. No teto havia luminárias metálicas com lâmpadas fosforescentes, que mais lembrava um ambiente futurístico. Mas não era o futuro. Era presente e eu estava no hospital psiquiátrico.

Uma mulher de quarenta e poucos anos, sentou-se na minha frente e exibia um sorriso terno. Era minha tia. A mesma tia que me cuidou até a sua morte. Era uma mulher que usava óculos de grau grosso, cabelos puxados para trás e amarrados em um rabo de cavalo e vestia uma roupa escura. No pescoço carregava um crucifixo. Minha tia dizia algumas coisas, mas eu não prestava atenção e sequer percebia que estava na sua frente, tentando-me trazer para a realidade. Ela segurou o crucifixo, com um olhar triste. Falava, falava e nada adiantava para despertar o meu estado de choque.

Pisquei e ela não estava mais ali. No lugar da sala em que estivera antes, agora eu estava deitado no quarto branco do hospital, com a janela com grades e cortinas semiabertas, deixando antever a vista para o céu estrelado. Um enfermeiro negro e robusto surgiu carregando uma bandeja prateada e um copo descartável de água. Fez-me tomar uma pílula e um gole de água, ainda em estado catatônico. Fechei os olhos.

Abri os olhos e vi um homem sentado, falando algumas coisas sobre como eu estava me sentindo, se tive mais pesadelos, se eu estava conseguindo me alimentar bem, e outras perguntas

rotineiras. Era o meu psiquiatra. Fechei os olhos, sentindo-me mais cansado do que nunca. Era o efeito do remédio que me dava todos os dias. Estava ficando cada vez mais grogue.

Abri os olhos e vi que estava em um lugar livre, rodeado de pacientes problemáticos em frente à instituição psiquiátrica. O sol estava radiante, o céu azul, os cantos dos pássaros, os verdes da paisagem pareciam mais verdes do que nunca. As cores estavam mais fortes, radiantes, vivas, devia ser por causa do efeito do remédio. Eu não estava sozinho. Minha tia estava ali, segurando a minha mão. Falava as coisas para mim. Pedia que eu melhorasse logo e que sentia muita saudade de mim. Fechei os olhos e a escuridão tomou conta de mim por um tempo sem ter certeza se foi por algumas horas, dias, ou semanas, se era segunda-feira ou sábado, se era fevereiro ou dezembro, disso eu não sabia, pois tinha perdido a noção do meu tempo.

Abri os olhos e vi que estava dentro do carro da minha tia. Ela parecia tão feliz, mas seus olhos estavam tristes. Tinha perdido seu marido, que meu pai matou. Ela tentava entender por que meu pai fez isso, por que matou a irmã dela e a afilhada. Eu podia jurar que vi as lágrimas descenderem no seu rosto, mas sempre as escondia, disfarçava que estava tudo bem com ela. Ela queria se mostrar uma mulher forte. Mas eu sabia que não era verdade. Eu sabia que ela estava agoniada, mas não quis dividir esse sentimento de dor e perda comigo. Tinha que me cuidar, era prioridade dela. Fechei os olhos enquanto o vento lá fora soprava meu rosto.

Abri os olhos e estava na sala de estar na casa da tia. Estávamos na mesa de jantar, onde havia pratos, copos de água e uma panela com sopa quente. O cheiro no ar era apetitoso. A tia orava pela minha melhora e pedia que as almas da minha família descansassem em paz. Fechei os olhos. Estava com sono por causa do efeito do remédio que ainda tomava e fui levado pela minha tia para a cama no quarto do andar superior. De lá, ninguém mais iria me incomodar durante a noite toda, na esperança de que eu voltasse a melhorar.

Eu lembro, mas eu não tinha certeza se sonhei ou se eu estava sonhando acordado. Mas eu lembro bem que via as sombras das copas das árvores projetadas nas cortinas do meu quarto, que, às vezes, ora permaneciam imóveis, ora movimentavam-se para os lados, embaladas pelo sopro intermitente do vento. Eu lembro que eu balbuciava algumas palavras. Levei a mão ao meu peito como se sentisse um aperto no meu coração.

— Fique longe de mim! — falei, não sei por que. Talvez, estivesse delirando por causa do remédio. Acho que as sombras das árvores me assustaram muito. Não sei. Lembro-me de que o meu punho estava cerrado, cravando as minhas unhas afiadas na palma da mão, que começou a sangrar.

— Fique longe de mim!

As minhas unhas cravavam mais fundo ainda em sua pele, e as gotículas de sangue iam se transformando em manchas escuras pelo tapete, à medida que se alastravam.

Vi as cortinas se moverem lentamente, levantando-se no ar. Lá fora irrompeu um clarão no céu escuro, seguido do som de um trovão. A tempestade não tardaria a chegar. Assim que surgiu o clarão na janela, surgiu a silhueta de um homem. Um par de olhos brancos me fitava.

— Não... Não... Não... — falei em voz baixa e contida, quase sufocado. — Fique longe de

mim!

Eu estava tendo um sonho ruim ou via algo ali? Não sabia! Não sabia mais diferenciar o que era real ou sonho. Os clarões dos relâmpagos iluminavam o quarto.

O estranho intruso aproximou-se e foi então que vi seu rosto. Era o rosto do meu pai. Estava com um sorriso estampado na face. Eu gritei.

Pela fresta da porta, a luz do corredor fora acesa e logo em seguida surgiu uma pessoa, que abriu a porta e apertou o interruptor ao lado. A luz iluminou o quarto. Era minha tia, que olhava assustada. Ela olhou para a janela aberta, onde as cortinas ainda ondulavam. Começou a chover torrencialmente. Procurei o meu pai, mas não havia mais ninguém no quarto. Apenas eu e ela.

Os assassinatos da minha mãe, da minha irmã e do meu tio foi o que mais me abalou e, depois que comecei a viver com a minha tia na casa da fazenda, nunca mais falei com ninguém, nem colegas da escola, nem amigos e nem da vizinhança. Apenas contei uma vez para Felícia, depois de beber muitas cervejas. Ela ficou comovida pela minha história e me deu um amor tão grande que me fez sentir bem estando ao lado dela. Agora, ao me ver sozinho no mundo da escuridão, vendo aquela esfera, que trouxe a visão do meu pai matando a minha mãe, flutuando para longe, até perdê-la de vista, não sei por que ela fez isso comigo, qual era intenção dela. Queria que eu me atormentasse do meu passado? Não sabia, só sabia que não gostei dela. Não queria mais tocar naquela esfera. Não queria mais aquela lembrança, que me machucava até agora. Decidi pegar outra. Precisava de uma delas para iluminar o lugar durante a minha travessia na escuridão sem fim. Peguei uma e aguardei a visão aparecer. Porém, passando alguns minutos, não aconteceu. Tomei cuidado para não segurá-la com força para não espremê-la, por ser tão frágil.

Segui em frente e, depois de um tempo na travessia, graças à luz, já podia enxergar o que estava ao meu redor e que me deixou muito impressionado e aterrorizado ao mesmo tempo. Eu estava atravessando as montanhas de ossos. *Putá que pariu!*

Não queria ficar mais um minuto ali parado naquelas montanhas. Precisava seguir adiante. Para a minha sorte, encontrei um par de botas de soldado sujas e velhas, com seus cordões soltos. Como meus pés estavam machucados, precisei usá-las antes de prosseguir em uma longa caminhada. Peguei-as, virei-as para lançar todas as poeiras de ossos acumuladas por dentro dela e calcei-as. As botas eram maiores que os meus pés, mas era melhor do que andar descalço. Comecei a andar, para longe dali, sempre ouvindo as solas de borracha esmagando os pedaços de ossos. Escalei três montanhas de ossos e desejei que esta fosse a última. Já não aguentava mais escalar e estava quase sem fôlego, com gotas de suor pingando na minha testa. Senti-me atordoado, mas não queria descansar de jeito nenhum. Ou morrer tentando ou viver sofrendo na escuridão eterna, este era o meu novo lema de sobrevivência. Andei e, quanto mais avançava, mais percebia que não havia mais colina na minha frente. Até que enfim!

Continuei prosseguindo. Meus olhos ficaram cansados, com a sensação de que eu não havia dormido há dias, porém não conseguia dormir e tampouco fechar os olhos, mesmo que fosse um breve descanso. Comecei a ouvir coisas que não existiam. E ver imagens que não eram reais, como os vultos imaginários surgindo na escuridão, como se fossem manchas semitransparentes que pudessem ser vistas através da escuridão, mas eu sabia que não era real.

Depois de uma longa caminhada, eu encontrei algo que chamou a minha atenção. Havia outra esfera luminosa brilhando na vastidão da escuridão a uma distância dali. Comecei a acreditar que fosse uma pessoa que segurava aquela luz assim como eu com a minha fiel luzinha. Corri para alcançá-la, e quanto mais me aproximava da segunda esfera, outras esferas luminosas surgiram do nada, como se a escuridão estivesse cuspiendo-as na minha frente. E veio muitas outras. O

lugar, que era um breu, se transformou em um universo de esferas luminosas, que volitavam em todas as direções. Estava cercado por elas, suas luzes iluminavam todo o meu corpo sujo. Fiquei encantado pelas danças luminescentes. Soltei a esfera de luz na minha mão, e esta juntou-se às outras, como se estivesse se libertando.

Eu nem fazia ideia de quanto tempo fiquei ali para ver o espetáculo das esferas luminosas. Caminhei mais, encantado por elas. Foi a única coisa boa que eu encontrei depois de todos os infernos que passei. Uma sensação de tranquilidade finalmente me apoderou. Comecei a sorrir, mesmo meus olhos permanecendo tristes e cansados. Comecei a tocar algumas delas, e estas recuaram de mim. Sorri. Tudo era lindo, mágico e encantador. Após caminhar por um tempo no meio às milhares de esferas luminosas, comecei a enxergar algo na minha frente, graças a luminosidade. Porém, o que vi fez o meu sorriso morrer.

Havia um amontoado de corpos. Milhares deles. Corpos de homens, mulheres e crianças. De todas as idades. Podia jurar que estava diante de um campo de concentração. Recordei-me da fotografia dos judeus mortos colocados em pilhas para serem lançados à vala da morte. Contudo, havia mais uma coisa que chamou ainda mais a minha atenção.

Havia mais corpos sendo jogados no alto da escuridão e caíam exatamente sobre o topo da pilha de mortos, sem cessar. Alguns rolavam abaixo, juntando aos outros. E depois percebi que havia algo que saía pelas bocas, que abriram involuntariamente, dos corpos recém-chegados: esferas luminosas. Olhei para elas, que volitavam acima da pilha, e logo entendi do que exatamente se tratava.

As esferas eram as almas dos mortos.

Fiquei chocado naquele momento. Eu tinha carregado a alma de uma pessoa na minha mão o tempo todo sem saber disso e isso me deixou estarecido. Fiquei triste de repente, vendo as belezas das esferas, perdidas, volitando num lugar dominado pela escuridão. Mas a tristeza não vinha somente em mim, mas nas delas também: almas de pessoas que cometeram maldades. Algumas se suicidaram, outras mataram pessoas ou venderam suas almas ao diabo em busca de sucesso e glória. Seria por isso que estava no inferno? Onde estavam o fogo e os gritos infernais? Tinha ouvido falar sobre o inferno, mas não foi tudo isso que imaginei. A escuridão no inferno era pior do que estar cercado pelas chamas, pelo fato de não ver as coisas que me rodeavam. Isso sim era o pior inferno!

— Eu não posso estar aqui! Isso é um grande engano! — falei para mim mesmo enquanto olhava as almas esféricas volitarem por todos os lados, iluminando meu rosto aflito e angustiado. — Eu não matei ninguém. Nem me droguei. Nem machuquei as pessoas. O que foi que eu fiz para estar aqui, Mano do Céu? O que foi que eu fiz? — Minha voz era alterada, e meus olhos marejaram. Ajoelhei. — Eu não devia estar aqui! Se estou morto, eu não podia estar aqui! Isso não está certo!

Senti meu coração apertar cada vez mais. Um misto de tristeza, medo e raiva me dominavam. Olhei para as belas esferas que iluminavam no alto. Então, uma delas desceu e começou a me rodear, como se me observasse. Sua luz levemente brilhante emitia uma cor verde azulada, e parecia querer me acompanhar. Ergui a mão em sua direção e esta, em vez de recuar, aproximou-

se lentamente, até tocar na palma da minha mão. Um *flash* surgiu rapidamente diante dos meus olhos.

Ali vi o rosto de uma adolescente de dezesseis anos estampado de dor.

— Por favor, não me mate, não me mate, não me... — ela implorou enquanto as mãos de luvas de couro apertavam cada vez mais no pescoço da jovem. Ela cuspiu sangue e seu rosto começou a ganhar uma cor arroxeada enquanto tentava respirar com esforço, mas não conseguiu. E então, ela perdeu a consciência e um jorro de sangue ressurgiu, como se pintasse uma tela vermelha na minha frente.

Recuei imediatamente, afastando a minha palma da esfera luminosa, que, por sua vez, recuou e começou a subir, juntando-se às outras. Olhei por um tempo para aquela esfera da alma, e logo a perdi de vista, e não consegui mais localizá-la, por ser igual as outras. Abaixei a cabeça, pensativo por um tempo, até começar a compreender.

Aquela esfera que eu tinha pegado antes era a alma do meu pai. Não era à toa que ele veio em minha direção. Ele me reconheceu como sendo seu filho que tirou sua vida. Depois, voltei a olhar para cima, reparando em cada uma, entre milhares. Foi então que eu entendi tudo: apesar de suas belezas esplendorosas, a maioria delas eram almas de assassinos, criminosos e pessoas que feriram o princípio do valor da vida humana. Mas eu não tinha certeza se era isso mesmo. Para descobrir mais algumas coisas a respeito delas, tinha que tocá-las e ver o que tinham para me mostrar.

Avancei, esticando o braço para o alto, tentando pegar uma delas. Algumas recuaram, outras passaram facilmente sobre os meus dedos e finalmente uma delas abaixou perto de mim e eu a apanhei rapidamente.

A luz brilhou intensamente no meu rosto e permaneci parado, olhando-a por um tempo, esperando algum tipo de *flash*. Não tardou muito quando veio uma imagem.

O algoz mostrou para os seus três amigos, na faixa de vinte e poucos anos, com copos de cervejas nas mãos, a cabeça de um gato que foi decapitado com um facão. Ele balançou a cabeça do animal no ar e seus amigos começaram a gargalhar. Assim que atirou-a no chão, seus amigos começaram a jogar futebol com ela.

Larguei a esfera da alma de matador de gatos, sentindo repugnância. *Maldito desgraçado!* Minha alma ficou toda corroída pelo que acabei de ver. Infelizmente, eu sempre soube que o matador de gatos não era o único que fazia isso, havia milhares deles ao redor do mundo. E talvez todos estivessem ali entre as esferas de almas. *Bem feito, seu filho da puta!*

Peguei outra esfera. A curiosidade tomou conta de mim. Precisava encontrar uma resposta que algumas delas talvez pudessem me dar ou oferecer alguma pista sobre essa porra de escuridão desse lugar. Surgiu outra visão.

Uma mão com unhas pintadas de vermelho, com algumas marcas de pintas na pele, segurava um machado. Ela atravessava no longo corredor, provavelmente uma casa de madeira, e estava um pouco escuro, mas havia claridade da luz que atravessava pelas janelas. Assim que entrou no

quarto, parou na frente de uma cama de casal. Um homem, aparentando ter cinquenta anos, estava dormindo e roncava alto. Ela aproximou-se dele e, então, ergueu o machado. O homem abriu os olhos lentamente, mas quando viu a mulher na sua frente, ele esboçou a face do terror. O machado desceu e eu larguei imediatamente a esfera luminosa, que voltou a voar, juntando-se com as outras.

Fiquei pálido. Estava assustado. Todas carregavam imagens terríveis, brutais e sangrentas. Eu não desejava mais ver aquilo novamente. Era demais para mim! Por mais que tentasse pegar uma delas, para descobrir alguma coisa que pudesse levar a uma pista, precisei pegar para usá-la durante minha caminhada na escuridão. Era o único jeito. Ou caminhar às cegas ou segurar uma esfera com uma imagem de um assassinato brutal. Realmente não estava sendo nada fácil para mim.

Decidi pegar uma por uma até achar uma que tivesse sido menos terrível. E foi assim que fiz. Peguei uma delas. E surgiu uma imagem de alguém que carregava uma serra elétrica. Larguei segundos depois, já sabendo o que viria a seguir. Peguei outra, que surgiu uma imagem de um policial esmagando o rosto do seu parceiro com um taco de beisebol. Larguei. Peguei outra. Outra imagem mostrava uma mulher colocando o bebê recém-nascido dentro do micro-ondas... Larguei rapidinho. Porra! Aquela mulher estava ruim da cabeça. Não queria nem saber que fim levou aquele bebê. Peguei outra e surgiu alguém jogando membros dentro das malas.

Senti-me mal todas as vezes que tinha visões sangrentas e, não aguentando mais, vomitei, mesmo não tendo mais nada no meu estômago. Não tinha comido fazia tempo. Sentia fome, cansaço e náusea. Estava prestes a mergulhar na loucura. Permaneci firme, tentei ser forte. Queria sobreviver a qualquer custo. Respirei fundo, fechando os olhos por um momento, sentindo a palpitação do meu coração, temendo não aguentar mais as visões, mas precisei pegar uma delas, a mais leve de todas.

Abri os olhos, focando nas esferas luminosas e enquanto as pegava, todas sempre traziam imagens mais terríveis que as outras, revelando que os humanos, da ausência do sentimento e da consciência, eram, de fato, capazes de cometer a maior atrocidade da história.

A cabeça de um idoso estourou, lançando o miolo contra a parede, com um pedaço de cérebro que deslizava nela. Larguei a esfera. Minha cabeça estava atordoada depois de testemunhar várias mortes diferentes, de formas terríveis. Tive que parar por um momento. Porém, algo aconteceu. As esferas subitamente começaram a recuar ao mesmo tempo para a mesma direção. Alguma coisa as afugentou. Para não perder a minha esfera de luz, avancei atrás delas, e comecei a pular, para alcançar uma delas, não importando se teria uma visão da morte brutal, pois precisava da luz. Pulei várias vezes e consegui pegar uma delas. Tropecei, e torci o pé. Porra! Doe pra cacete! Desequilibrado, meu braço chocou no chão de ossos, cortando-o, e sangrava. Mas não deixei escapar uma esfera verde-azul. Porém, não surgiu nenhuma visão. Que estranho! *Provavelmente aparecerá mais tarde*, pensei. As esferas começaram a se espalhar em direções diferentes, como se estivessem desorientadas. Eu não compreendia o que estava acontecendo até que ouvi passos vindo daquela pilha de cadáveres. Foi então que descobri o motivo. Ali, surgiram várias criaturas humanoides, com seus corpos esguios e longos, pernas e braços longos também e mãos com garras negras. Seus olhos eram grandes, brancos e opacos, que emitiam leves brilhos na escuridão. Não havia nariz no seu rosto, apenas buracos como uma caveira, e sua

boca era redonda, que abria e fechava, como se fosse um ânus, e ao torno deste havia dentes pontiagudos. Suas peles eram cinzentas. Havia dezenas deles, que surgiram andando em quatro, como um animal canino, porém, em forma humana. Seus olhos brancos focavam nas esferas luminosas e ficavam imóveis por um momento.

Eu me levantei sem tirar os olhos daquelas criaturas cinzentas e comecei a recuar enquanto olhavam para as esferas, que volitavam desorientadas. As criaturas emitiram sons de silvos, estridentes, que ecoavam por toda parte, assustando tanto a mim quanto as esferas, que agora dispararam loucamente, com suas luzes cada vez mais intensas, como se estivessem na defensiva. A esfera na minha mão sacudiu com violência, tentando sair dali, mas a mantive com força por dentro da minha mão em punho. Porém, como ela brilhava com tanta intensidade, começou a queimar a minha palma. Gemi de dor, mas resisti, segurando-a com força enquanto senti o cheiro da minha carne queimando, soltando fumaça.

As criaturas, que estavam na pilha de esqueletos, de repente saltaram numa velocidade inacreditável e alcançaram no alto, onde capturaram as esferas luminosas com suas garras e ao tocarem no chão, enfiaram-nas pelas suas bocas redondas e cheias de dentes, mastigando-as com violência. As luzes pouco a pouco perderam seus brilhos, até não sobrar mais nada. As almas dos assassinos, criminosos, pedófilos, estupradores eram dilaceradas e trituradas pelas bocas das criaturas infernais, dando um fim às suas existências imprestáveis e sem nenhuma chance para voltar ao reino de Deus ou dos vivos. Depois disso, as criaturas saltavam para capturar outras. As esferas fugiam, como uma lebre do lobo. Mas suas fugas eram inúteis, pelo fato das criaturas serem ágeis demais.

Temí ser atacado por aquelas criaturas, que não notaram minha presença e aproveitei minha oportunidade de sair dali o mais rápido possível enquanto a esfera queimava com intensidade na palma da minha mão. *Porra, dói pra cacete!* Corri enquanto deixava as esferas para trás, sendo atacadas e devoradas pelas criaturas vorazes.

Mesmo ficando sem fôlego, continuei correndo, sentindo a dor de queimadura na minha mão que segurava a esfera luminosa, que de azul-verde se transformara em vermelho-alaranjado. Mesmo com uma puta dor, não queria deixá-la escapar e perder a chance de iluminar o ambiente escuro. Tive que aguentar por um bom tempo, até que, depois de deixar para trás as esferas luminosas sendo devoradas pelas criaturas, a minha esfera voltou a sua cor normal. Não senti mais o seu calor, mas a minha palma ainda doía pela queimadura. Diminuí a minha velocidade e fiquei ofegante. Meu coração disparava fortemente, capaz de saltar do meu peito. Pela luz da esfera, ainda podia ver a terra coberta de ossos. Andei devagar, cansado e muito machucado. Nunca vivenciei uma vida totalmente suja e fedida como agora. “Realmente, eu estou precisando de um bom banho quente”, pensei segurando a esfera luminosa na frente do meu rosto. “Como faz falta uma boa comida. A água, ah, como eu queria um gole de água”. Deliciei-me ao recordar de um copo cheio de água. Senti a falta da água limpa e fresca escorregar pelo meu lábio. Senti meus olhos inchados. Estava me sentindo na pele de Robinson Crusoé, o sobrevivente que viveu na ilha. Mas o Sr. Crusoé teve uma sorte danada por estar em uma bela ilha, com céu azul, sol, lua, chuva, árvores, mar, peixes, água de coco, tudo o que a natureza oferecia para ele sobreviver. E eu não tive a mesma sorte! Estava no inferno. Nada de céu azul, árvores, mar, água de coco, peixes. Nada. Apenas um mar de sangue que não prestava para nada e muito menos para beber. E a terra era só de ossos humanos.

Comecei a rir. Pouco a pouco, minhas gargalhadas começaram a ecoar. Era tão bom rir para extravasar toda a minha loucura. Depois eu me calei e olhei para a minha esfera. Fiquei olhando-a por um tempo. Então, pensei no que a alma da esfera teria feito de tão horrível com alguém a ponto de chegar ao inferno. Mal pensei nisso, um forte clarão surgiu em uma visão.

Agora eu estava observando através do ponto de vista de uma alma assassina quando ainda era viva. Estava em um formoso parque, com muitas árvores com suas folhas vermelhas, que se moviam suavemente pelo sopro de outono, desprendendo dos seus galhos. As folhas voavam abaixo, pousando delicadamente sobre o gramado verde repleto de folhas coloridas. Havia pessoas circulando no parque. Homens, mulheres, crianças e idosos desfrutavam seus momentos de prazeres da vida e da alegria. Por trás das grandes árvores coloridas podia se ver os arranha-céus de alguma cidade. Mas não consegui reconhecer o local e nem sabia onde ficava isso. Apenas estava diante de um parque qualquer, em um lugar aprazível.

Olhei para baixo e vi as mãos de uma mulher desconhecida, com as unhas pintadas de preto e não havia nenhum anel de casamento, noivado ou de namoro. Apenas uma pulseira com bolinhas roxas. Suas mãos eram jovens, talvez vinte e poucos anos. Ela vestia um sobretudo roxo que ia até os joelhos. Mais abaixo podia ver as botas pretas com detalhes em zíper e belas pernas sob a meia-calça. Ela estava sentada em um banco em frente ao parque.

Havia jovens atléticos que corriam pela calçada, passando na sua frente e um deles, um

moreno, deu uma piscadela para ela. Acenou com a mão para ele, que sorriu por sobre seu ombro enquanto corria.

Assim que abriu o zíper da sua bolsa, que era grande e de couro preto, dentro dela havia uma bomba armada: cinco bananas de dinamites amarradas com fita crepe sob um relógio digital que fazia contagem regressiva. Faltavam nove minutos e meio para a detonação. Ela fechou o zíper e pegou-a ao levantar-se. Caminhou tranquilamente, com suas botas batendo na calçada de asfalto e olhou para o céu nublado e cinzento, depois para as copas coloridas das árvores. A jovem devia amar o outono. Ela caminhou com a bolsa pendurada no seu ombro. Faltavam sete minutos e vinte segundos para a detonação automática. Andou sobre o gramado, em direção ao playground onde havia crianças de todas as idades brincando. As risadas delas contagiavam as pessoas ao redor delas, menos ela, que sentia repulsa. Assim que se aproximava sem tirar os olhos do playground, algumas pessoas acenaram para ela, que levantava a mão, cumprimentando-as.

— Boa tarde, querida. Você está linda hoje! — disse a mãe de uma das crianças brincando no playground. Ela exibiu um sorriso amarelo e seus olhos demonstravam preocupação.

— Obrigada — disse a mulher de sobretudo, que caminhava tranquilamente ao playground, que agora estava a alguns passos dali.

As crianças corriam em torno do playground com risadas altas. Uma delas, um menino de cabelos pretos e cacheados correu em direção a ela, com os braços esticados.

— Mamãe!

A mulher de sobretudo roxo ajoelhou, abrindo os braços abertos para o menino, que pulou em cima dela, soltando gargalhadas.

— Fiquei com saudade de você, meu filho!

— Eu também, mamãe! Por que você não vai para a casa do papai?

— É muito complicado, meu filho! Mas o importante é que estou aqui para te ver e te abraçar mais. Juro que jamais vou deixar você. Vamos ficar juntos, para sempre. Para sempre. Sempre. Seu pai não vai nos separar de jeito nenhum. Sabe por que, meu anjinho?

O menino balançou a cabeça, olhando ternamente para o rosto dela, que não conseguiu ver como era.

— Nós dois iremos para um lugar muito especial. Onde ninguém jamais nos separará. Nunca mesmo! Nem mesmo seu pai, nem justiça, nem policial, ninguém! Apenas nós dois.

— Que bom, mamãe! Eu estava com muita saudade de você — disse o menino com o rosto consternado e a abraçou.

— Ei! Que diabo você está fazendo aqui? Fique longe do meu filho, sua louca! — disse uma voz masculina atrás dela.

Ela virou a cabeça para trás e viu um rapaz, na faixa de vinte e pouco anos, pele clara e olhos azuis. Vestia um agasalho azul, com camisa branca por dentro e calça jeans. Ele tinha uma aparência marrenta e robusta e que seguia em direção a ela, com o dedo apontado em riste para ela.

— Largue o meu filho e suma daqui antes que eu chame a polícia!

— Pegue a bolsa da mamãe, meu querido! — pediu ela enquanto se levantava.

O menino obedeceu e pegou a bolsa. Assim que o pegou no colo, ela começou a andar apressadamente, dando uma volta no playground. O berro do homem chamou a atenção das crianças e das pessoas.

— Largue o meu filho, sua vadia! Não me obrigue a bater em você, se não soltar o meu filho.

— Vai em frente! Vai em frente! Mas ele é meu filho e ele vai junto comigo! — ela berrou para o homem atrás dela, que caminhava apressadamente preocupado e, ao mesmo tempo, furioso enquanto ela o recuava cada vez mais, afastando-se do playground para longe.

As pessoas e as crianças aglomeraram perto do playground, assistindo a cena do homem brigando e xingando a mulher que carregava o menino no colo, que segurava a bolsa da mãe.

A mulher de sobretudo começou a correr. Sabia que a contagem zeraria a qualquer momento. Ela ficou feliz por ter o filho no colo. Nada ia tirá-lo dela. O homem correu, enfurecido, e deu um murro nas costas dela, que gritou de dor. O menino ficou assustado e começou a chorar. Ela ajoelhou-se no chão, agarrando o menino no colo, com toda a força. O homem, trêmulo e enfurecido, arrancou o filho com violência aos berros:

— Largue o meu filho, sua vadia! Você vai ser presa por raptar o meu filho!

— Nãããããooo! Ele é meeeeu! É meeeeu! — a mulher berrou.

O homem pegou o menino, que largou a bolsa no gramado e chorou. No colo do pai, ele esticou os braços para ela, chamando-a de mamãe. Ela agarrou a bolsa para si, chorando e berrando pelo nome do seu filho:

— Léo! Meu Léo! Eu te aaaaamo taaaaaanto. — E ela caiu no choro.

O homem e o menino se distanciaram dela quando, de repente, uma forte explosão veio em suas mãos e, em seguida, viu o mundo rodopiar rapidamente, que distanciava dela, e logo viu o céu, indo em sua direção por alguns segundos, e depois voltou a ver o parque abaixo, com pessoas correndo por todos os lados, aos berros, ainda rodopiando em alta velocidade e depois atingiu o chão e rolou sobre o gramado. Ela viu ali, a alguns metros de distância, o seu próprio corpo, que fora despedaçado e espalhado por todos os lados, em chamas, as pessoas e as crianças berrando, correndo em pânico. O homem e o menino no colo caíram no chão e choraram, abraçados. E logo em seguida, o mundo escureceu, pouco a pouco, na sua frente.

— Porra! — falei e me senti muito mal pelo que acabei de testemunhar. Olhei para a esfera

luminosa na palma da minha mão. Estava segurando a alma de uma mãe cujo filho era negado a ficar com ela. Eu não sabia o porquê e o que ela tinha feito para ser impedida de vê-lo. Ela se matou, quase levando o filho junto com ela. — Você é uma puta louca!

PARTE IV

FELÍCIA

24

— Pronto! Agora você vai sentir-se melhor e vai dormir bem hoje — ela disse, depois de aplicar a injeção na veia de um dos braços do paciente na cama do leito do hospital.

— Obrigado, Felícia! Se você não fosse comprometida, eu poderia convidá-la para um jantar especial — disse o homem de cinquenta e poucos anos, calvo e barrigudo, dando em cima dela, que usava uniforme de enfermeira. — Eu tenho muito amor para lhe dar, meu doce. Sei que você gosta de mim.

Ela não gostou do jeito como ele a tratou, mas foi obrigada a rir para não deixar transparecer a repulsa que sentia por ele. Um velho tarado e pervertido que não tirava olhos dos seus seios, e ela sempre sabia que, quando saía do quarto, ele examinava sua bunda com sorriso matreiro. *Nojento!*

— Fico lisonjeada, senhor. Acho melhor você comportar-se direito, senão alguém vai reclamar de você. — E era ela que ia reclamar e pedir para alguém lhe trocar para atendê-lo. A cada visita com ele lhe dava náusea. Não era à toa que era um homem solitário para a idade dele. Nenhuma mulher, em plena consciência, iria sair com ele que a tratava de um jeito bem repulsivo, sem nenhuma atitude de cavalheirismo e de boa educação em relação às mulheres.

O paciente assentiu e colocou a mão dele na bunda dela, apalpando-a com um sorriso estampado na face como se estivesse alcançando o estado de glória. *Desgraçado! Espero que morra logo e vai pro inferno e pra puta que pariu!*, pensou ela com um sorriso forçado, segurando para não batê-lo. Tudo o que ela fez foi tirar a mão dele na sua bunda educadamente e afastou-o imediatamente. Não queria mais ser tocada por ele. Até a textura da pele dele lhe causava arrepio de tanto desprezo que sentia por ele. *Asqueroso nojento!*

— Uma boa noite para você! — despediu ela. — Velho asqueroso! — falou bem baixinho ao sair do quarto do hospital, carregando a bandeja metálica com injeção e empola vazia do soro. Após deixar os produtos descartáveis na lixeira hospitalar, foi para seu posto no balcão da enfermaria. Era noite e todos os pacientes estavam dormindo, pelo menos alguns. O longo corredor estava vazio e silencioso. Sentou na cadeira, exausta depois de vários atendimentos com pacientes, aplicando injeção de soro para diminuir a dor e verificar o estado de cada um. Sentiu uma tensão no seu pescoço atrás, quase chegando latejando, e também sentiu dor nas suas pernas depois de permanecer um longo tempo andando de um lado para o outro que parecia não chegar no fim. Tudo o que ela queria nesse momento era voltar para a casa do Henri e tomar um bom banho na banheira, acompanhada de seu marido. Mas não podia sair do posto sem que a outra pessoa assumisse seu lugar conforme combinado, porém a colega de trabalho estava atrasada. Tinha avisado-a que teve um imprevisto e que chegaria ao hospital um pouco mais tarde. Como Felícia era compreensiva, falou que estava tudo bem e que aguardaria com a chegada dela. Porém, tinha passado mais de uma hora e a colega não apareceu mais. Foi por essa razão que ela

ficou tensa, de tão exausta e ansiosa de voltar logo para casa. E também estava preocupada com Henri. Ele não ligou mais para ela desde que saiu de casa para trabalhar. Pegou o seu celular que estava na bolsa guardada debaixo do balcão e ligou para ele. Ouviu tocando por um tempo, mas ele não atendeu. Desligou o celular, estranhando o sumiço dele. Não era do feitio dele não a atender. Ele sempre a atendia logo na primeira chamada rapidamente. Mas agora tinha ficado ausente o tempo todo. Começou a pensar que ele estava aprontando alguma coisa. Ou que ele poderia ter sofrido um acidente. *Espero que não!*

Alguém tocou a mesa do balcão três vezes, o que a assustou. Viu que era Alexandro, o enfermeiro do outro lado do balcão, sorrindo para ela. Ele era um rapaz de trinta e poucos anos, lindo de morrer, barba por fazer, corpo atlético, cabelo curto passado a máquina, olhos castanho-claros. Mesmo com a distância entre os dois por conta do balcão, ela podia sentir o perfume dele exalar no ar. Um perfume agradável e sensual que combinava com ele.

— Por que essa cara de preocupação, minha gata? — perguntou, em voz baixa e grossa, que para ela era gostoso de ouvi-lo. Todas as mulheres gostavam do tom da sua voz.

— É o meu marido! — respondeu.

— Fugiu com a outra? — perguntou, rindo.

— Engraçadinho! Claro que não, Alex! É que ele não me ligou hoje. Ele sempre me ligava todos os dias, mas hoje não me ligou. Por isso que estou preocupada.

— Ele deve estar ocupado.

— Nessa hora? Não! Ele costuma ficar em casa vendo os programas dele.

— Ele tem amigos? Talvez saiu com eles para beber cerveja.

— Tem, sim! Mas ele não tem esse costume de sair com amigos para beber como você costuma fazer nos finais de semanas. Ele é diferente. Ele é um homem bem caseiro mesmo.

— Parece um cara tão sem sal. Ao contrário de mim, eu nasci para ser um homem divertido. Pena que você não quis ficar comigo — disse ele, fazendo carinha de cachorro abandonado e esquecido. Quando ele fazia isso, ela ficava toda derretida. Todas as mulheres ficavam e ele sabia muito bem disso. Sua arma era isso. Fazer carinha para conquistá-las.

— Olha, se vai começar com essa história, acho melhor parar por aí e volte ao seu posto de trabalho — falou, precisava dar um ponto final nessa história.

— Não, não vou começar não. Imagina! Prometemos que seremos grandes amigos, apesar do nosso momento muito especial.

— Foi só dessa vez. Não voltarei a cometer o mesmo erro — disse ela, balançando a cabeça, custando a acreditar na roubada que meteu ao conhecê-lo e envolvê-lo.

— Foi só dessa vez? Ah, fala sério? Não me faça rir, Felícia. Fizemos, deixe-me... — ele

começou a contar nos dedos visualizando quantas vezes que ele e Felícia já tinham feito sexo. — Oito vezes. Isso não é apenas uma vez ou duas. Eu sei que você gostou de mim. Te fiz uma mulher de verdade.

Ela riu discretamente. Ele tinha contado errado. Ela sabia perfeitamente quantas vezes foram: doze vezes. Quatro vezes na casa dele, duas no motel, três no carro, duas no depósito do hospital. E uma vez no quarto ao lado do paciente em coma.

Depois de pensar no seu envolvimento com Alexandro, ela não podia negar que teve momentos maravilhosos com ele. Olhou-o seriamente, mordiscando levemente o lábio inferior, lembrando-se do momento íntimo. Ele sabia fodê-la melhor do que qualquer um, principalmente seu marido. Só de pensar na maneira como ele a fodia tão bem a deixava excitada. *Lindo. Gostoso. Tesudo*, pensou ela. Porém, o maior problema era o fato dele ser muito cafajeste, que saía com mulheres diferentes e não nasceu para assumir o papel de um homem fiel, algo que ela tentava evitar. Mesmo que não tenha sido uma mulher fiel – disso ela estava bem ciente quando o envolveu – para Henri, ela não queria mais cometer um deslize. O maior perigo era justamente o fato do Alexandro ser um homem extremamente sedutor e com senso de humor, diferente do marido dela, que era um cara sempre sério.

Toda vez que ela ficava lembrando que fez coisas loucas com Alexandro, seu coração disparava. Ele era uma aventura sexual dificilmente negado para qualquer uma. A vontade que ela sentia para experimentar mais uma vez era grande e temia não conseguir mais resistir a ele. Tentou, mas não conseguiu. Era fraca. Seu corpo pedia para isso. Ser bem fodida. Porém, a sorte veio quando a colega de trabalho apareceu em boa hora para assumir e Felícia, aliviada, já poderia voltar para casa. A colega era uma mulher de quarenta e poucos anos, alta e usava óculos de grau.

— Com mil perdões, querida! Tive que resolver um imprevisto.

— Está tudo bem, Luzia! Aqui está supertranquilo — respondeu.

— Até ele aparecer, não é? — perguntou séria ao olhar para o enfermeiro. Ela conhecia seu histórico de mulherengo. Todas as mulheres no hospital o conheciam. Muitas falaram bem dele. Poucas falaram mal por serem rejeitadas e não ter o amor correspondido.

Alexandro levantou as duas mãos para cima, fazendo cara de que foi pego em flagrante pela sua tentativa de investir em cima de mim.

— Com ele não tem problema! Já estou acostumada a lidar com esse tipo de gente sem-vergonha — disse Felícia, toda séria, mas quase rindo na cara dele.

Alexandro olhou surpreso para ela. Não gostou de como foi tratado, justamente por ela com quem tivera um caso.

— Xô, vai trabalhar! Deixe-nos em paz! — pediu Luzia, gesticulando para ele vazar.

Ele não disse nada, apenas olhou para mim desapontado e depois deu ombros para Luzia.

— Você não sabe o que está perdendo, querida. Tenha uma boa-noite! — disse ele para Felícia e depois deu um aceno de despedida para Luzia.

Felícia e Luzia ficaram olhando para a bunda dele rebolar, que era bem durinha e gostosa de ver, e depois olharam uma a outra com risinho de malícia.

— Ai, menina! Como somos más! — disse Luzia, deixando sua bolsa que carregava em cima do balcão. — Nossa! Estava chovendo muito lá fora.

— Eu vi! Pudera, né? Ficou tanto tempo sem chover.

— Verdade! Agora, com a chuva, não vai faltar mais água na nossa cidade.

— Sim, mas coitado do Henri. Ele estava torcendo que não chovesse essa semana.

— Ah, por causa da colheita de milho — disse ela. Já estava ciente de que Henri coletaria plantação de milho com a máquina. Se a plantação ficasse molhada ou úmida, não poderia ser feita até que ficasse bem seca.

— Isso mesmo! Mas ele vai colher outros dias. Bom, agora que você está aqui, eu vou para casa. Estou preocupada com ele.

— Eu realmente peço desculpa por atrasar. Tive um problema sério em casa. Outro dia, eu explico tudo para você. Pode ir agora! Não deixe-o ficar esperando.

— Ok! — disse ela, pegando a sua bolsa debaixo do balcão e pegou a chave do carro. — Amanhã a gente conversa mais. Beijos.

— Beijos. Se cuida, querida!

Felícia assentiu e saiu apressada no corredor do hospital, depois entrou no elevador, apertando o botão para o andar da garagem.

A descida não levou menos que um minuto, tempo suficiente para Felícia ajeitar seu uniforme. Saiu do elevador e caminhou pela garagem somente para funcionários. Seguiu em direção ao seu carro, prata. Abriu a porta e entrou no veículo. Podia ouvir o barulho de chuva lá fora, que estava muito forte. Colocou a chave na ignição e, antes que ligasse o motor, a mão masculina surgiu de repente atrás dela e tapou a sua boca para impedir que gritasse.

Felícia olhou no retrovisor e sabia quem era. Ela riu. Ela sempre sabia e não era primeira vez que isso acontecesse com ela. Era Alex. O rosto dele aproximou-se do seu pescoço, beijando-a longamente. Ela gemeu, deixando o seu corpo todo mole, entregando a ele para adquirir o prazer sexual. *Delícia! É isso que eu gosto muito.* Ela gostava de sentir a sensação e a maneira de como ele a tratava, de como ele sabia seduzi-la prazerosamente. Ele enfiou o polegar na boca dela e ela chupou-o lascivamente. Seu corpo ardia e, louca por desejo, saiu da poltrona e foi atrás dele, onde Alex baixou a calça rapidamente, pronto para transar. Ele agarrou o cabelo dela enquanto ela cavalgava em cima dele, fazendo o carro balançar de um lado para o outro. *Foda-se o que outras pessoas vão pensar de nós!*, pensou ela, fora de razão tomada pelo prazer da carne irresistível. Tudo o que ela queria era ser fodida bem gostoso. O rosto do Alexandro ardeu pela sensação do calor de prazer. A trepada durou alguns minutos e ambos chegaram ao clímax. *Delícia!*, pensou ela. O corpo dela ficou todo trêmulo, excitado e logo em seguida sorriu, com seus braços em torno do torso largo e forte do Alexandro, com seu odor de masculinidade, o seu suor. Ela estava exausta.

— Agora, chega! Estou morta de cansada! Estou sem energia e com muita fome. Você não presta para nada, viu?

— Não presto para nada, mas no quesito do sexo sou bem útil para você, não é?

— Não me provoque, Alexandro. Não sei por que ainda insisto em ficar com você? Por que você não me deixa em paz? Ai, Deus! Por que você tem que aparecer no meu caminho? Eu pareço uma viciada e você é a minha droga. Como vou me livrar disso?

Alexandro riu, com as mãos apertando nas nádegas dela. Ela gostava do jeito como ele a apalpava.

— Porque você me ama e gosta do meu sexo.

— Ah, seu bobo! Pare de ser convencido.

— Se você me ama, por que não larga aquele babaca e fique comigo? Juntos podemos explorar novos mundos. Vai ser uma grande aventura para nós! Topa?

— Eu não posso fazer isso. Eu amo ele e vou ficar com ele até o fim da minha vida. Eu sei que você tem outras mulheres, porque eu reconheço um garanhão de longe. Me diz uma coisa: quantas mulheres você tem além de mim?

— Só você!

— Fala a verdade!

— Eu tô falando sério.

— Mentira! As minhas amigas me disseram que transaram com você. Eu aposto que você trepou com todas as meninas na cidade.

— É mentira delas! É inveja delas que você está comigo e por isso quer separar você de mim, minha linda.

— Não, você é que está mentindo. — Comecei a rir. — Como consegue mentir assim? Não tem vergonha na cara? — Ela bateu no ombro dele várias vezes, brincando.

— Eu juro pelo que é mais sagrado, você é a única da minha vida. Você é linda!

— Acho tão bonito quando você fala assim, tão romântico, mas só que não. Não confio em você. Uma vez garanhão sempre será um, é isso que você é.

— Está bem! Quer a verdade? Então, lá vai o drama. Já tive uma namorada em outra cidade, mas, como ela teve problemas demais para uma pessoa só como eu, terminei o namoro. Pronto! Já está a verdade.

— Por quê? Todo mundo tem problema. Coitada dela!

— Ela é complicada. Família complicada. Nada dá certo. Por isso, eu parti e vim parar aqui. Gosto de mulher inteligente, sensual e que saiba trepar bem sem nenhum remorso e consciência pesada.

— Se está pensando em mim, pensou errado. Tenho consciência pesada e remorso sim. Não sei por que estou fazendo isso. Mas vai chegar uma hora que eu e você teremos que parar de nos ver. Não posso colocar meu casamento em risco.

— Tem certeza de que você quer viver com ele para o resto da vida? Pensa bem, querida! Ele não tem nada muito interessante para lhe dar. Você quer isso mesmo?

A pergunta dele a pegou de surpresa. Ela estava plenamente consciente do seu ato, de que estava sendo uma esposa infiel. E já se arrependeu toda vez que transava com Alexandro, mas não conseguia resistir ao encanto dele. Ele sabia seduzi-la e fodê-la tão maravilhosamente bem e não queria perder a oportunidade de sentir essa sensação que a levava em outro nível, como se estivesse acabando de atravessar o portal proibido do universo orgásmico. Ele era *uma* galinha de ovo de ouro que não podia ser jogado para fora.

— Prefiro estar com ele — respondeu ela categoricamente, mesmo com sua escolha um tanto incerta, mas escondia isso para ele. — Desculpe, mas espero que você entenda. Eu gosto de você, é um cara legal, carinhoso, mas gosto demais do meu marido.

— Está bem! Não vou insistir para você mudar de ideia. A vida é sua e você decide como quer viver. Mas se mudar de ideia, sabe onde eu moro.

Ela não falou mais depois dessa conversa. A ideia de viver com um homem para o resto da vida era algo que a deixava muito insegura. *Será que o casamento terá uma felicidade duradoura?*, pensou. *Será que ele me amaria quando eu for ficar velha?* Ela não suportaria a ideia de ser trocada por outra mais nova como aconteceu com muitos homens que se separaram das esposas justamente por causa disso: da idade, da velhice e da falta do sexo. *Henri faria isso comigo?* Disso ela não sabia. Só o tempo lhe diria. Olhou para ele e viu que sorria para ela, para os seus seios enquanto as mãos dele apalpavam as suas nádegas. Depois, ele beijou seu pescoço, lambuzou seu suor e depois sua boca. Foi um beijo bem demorado e molhado. *Do jeito que eu gosto muito.* Após isso, ambos vestiram seus uniformes e Alexandro saiu do carro, olhando para cada lado para não ser visto por alguém. Ao entrar no elevador, ele sorriu acenando para Felícia. Ela fez o mesmo e depois ligou o motor do carro.

A rua estava molhada e vazia, iluminada por alguns postes de luz. A água da chuva descia profusamente pelo para-brisa, lembrando uma minúscula cachoeira. O barulho dos limpadores deslizando sobre o vidro dianteiro soava um tanto sinistro. O sinal fechou, de repente. Felícia pisou no freio e aguardou um pouco, deixando outros carros passarem na frente. Notou uma forte luz de farol alto atrás do carro dela. Olhou pelo retrovisor e conseguiu enxergar parcialmente o condutor, dentro do veículo vermelho. Os limpadores, quando se moveram para o lado, enxugando a água no vidro, revelaram uma mulher de cabelos vermelhos berrantes, que lhe encarava com seriedade. Felícia permaneceu imóvel, fitando-a pelo retrovisor. Uma mulher linda e sexy. Sensualmente provocante. Sentiu uma pontada de inveja por ela ser tão linda. Depois, examinou-se pelo espelho.

— Meu Deus! Estou ficando velha! Tempo cruel! — disse enquanto olhava para suas rugas discretas nos cantos dos olhos. Não se conformava com a ideia de envelhecer rápido. O futuro a assustava muito. Uma ponta de tristeza despontou em si quando olhou para seus quadris. Achava-se feia, mesmo sendo estupidamente linda e atraente. Porém, sempre encontrava um defeito em tudo no seu corpo. Sonhava buscar um corpo perfeito de uma mulher mais perfeita ainda. Mas sabia que estava longe de realizar. Não existia perfeição, apenas a aceitação da imperfeição. Era aceitar felizmente pelo que tinha ou viver iludida em busca de um corpo que não podia ser mais perfeito daquilo que sempre sonhou, porque, uma vez que chegasse lá, sempre encontraria outra imperfeição. Um círculo vicioso que podia tornar-se perigoso se continuasse buscando obsessivamente. Ela sabia disso e caiu na real. Já viu muitas mulheres que fizeram cirurgias plásticas e todas reclamaram que suas novas versões ficaram piores de como eram naturalmente e se arrependeram. Logicamente que ela viu alguns casos bem-sucedidos, mas poucos tiveram sorte e outras nem tanto. Lembrava no tempo da sua adolescência quando era uma garota feinha com rosto cheio de espinhas, na qual ela foi alvo de piadas na escola dizendo que tinha se masturbado muito, contribuindo para as espinhas. Levou um tempo para descobrir que isso não era verdade e sim pelo hormônio de adolescência que desencadeou as indesejáveis espinhas. Hoje em dia já se encontrava vários tratamentos para livrá-las e manter as boas aparências. No mundo em que vivia agora, onde a mídia glorificava o poder da beleza e da juventude para ganhar mais ibope, a beleza era, aos olhos da sociedade hipócrita, fundamental. Ela resmungou só de pensar nisso e afastou-se do espelho, amaldiçoando alguém que inventou o espelho que refletia a imagem da verdade.

Depois pensou no Alexandro e o sexo que fez com ele. Ela lamentava pelo fato do seu marido não ter a mesma nuance sexual que o enfermeiro. Mas ela tinha que escolher um dos dois: a fidelidade ou o adultério. Optou por ficar com o primeiro, pelo motivo mais óbvio: casamento a longo prazo. O carro vermelho buzinou para ela. Expressou um ar sério, indignada pela atitude desrespeitosa daquela mulher atrás dela. Olhou novamente pelo retrovisor e a viu gesticulando, apontando para cima, em direção ao semáforo. O sinal estava verde, ela tinha se distraído. Pisou

imediatamente no acelerador e seguiu em frente. O carro da mulher virou para outra rua, ainda de farol alto.

Ela manteve seus olhos focados no asfalto, havia pouco movimento naquela madrugada. Os postes intermitentes faziam um jogo de luz e sombra sobre seu rosto, a água da chuva não parava de deslizar pelo para-brisa. Calada e pensativa, ela voltou a imaginar o corpo do Alexandro. De quantas vezes ficou com ele. Só de pensar nele, sentia-se mais excitada. *Droga! Não consigo parar de pensar nele. Ele é um perigo para mim. Não posso nem chegar perto desse delícia, senão o meu corpo entra em ebulição*, pensou ela. O som das paletas dos limpadores ainda soava estridente a cada movimento, causando certo calafrio, nesse momento. Gotas de chuva tamborilavam no teto do carro. A combinação dessas duas sonoridades gerava uma sensação estranha e, ao mesmo tempo, um efeito hipnotizador para ela, aliado ao trabalho estressante e exaustivo, fisicamente e emocionalmente. Virou na próxima esquina e continuou a conduzir o carro com calma, apesar de estar preocupada com o que teria acontecido ao Henri, o porquê ele não ligou mais. *Será que ele descobriu que eu estava tendo um caso com Alexandro? Sem chance!* Não tinha como ele saber disso, acreditava. A menos que Alexandro tivesse a ousadia de ir até ele e contar sobre o caso dele com ela. Se ele fizesse isso seria um cara morto. Isso ela garantia. Um forte clarão irrompeu, iluminando toda a rua, exigindo mais atenção dela, devido aos riscos que uma tempestade poderia causar: uma queda de árvore; uma derrapagem na rua escorregadia; um raio que pudesse cair por perto. Nenhuma dessas hipóteses era descartável. Por sorte, ela estava acostumada a dirigir, e muito bem. Ao contrário do que muitos homens pensavam, elas não eram tão barbeiras.

A rua seguinte era longa e reta, circundada de postes com luzes amareladas e prédios comerciais, todos fechados. Havia alguns carros estacionados nos meios-fios. Ao aproximar-se de um cruzamento, o sinal fechou. Pisou no freio e, enquanto aguardava, suspirou. Tudo o que desejava, naquele momento, era chegar em casa. Olhou para o final da rua, onde as luzes dos postes piscavam, voltando a normalizar-se depois, o que já havia acontecido antes. Parecia que a fiação elétrica falhava ao se aproximar desses postes. Mesmo as luzes que ficavam ao lado de seu carro piscaram várias vezes, juntamente com o clarão do relâmpago. Estranhando esse fenômeno, ela inclinou a cabeça na janela e olhou para a lâmpada do poste ao lado, para tentar descobrir o que estava causando a interferência elétrica. De repente, o rádio começou a tocar sozinho, o que a assustou muito. Havia somente um barulho de chiado, que ficava cada vez mais intenso. As luzes dos postes acima do carro ainda piscavam. Neste momento, ouviu uma voz no meio da interferência sonora do rádio. Uma voz masculina. Ele gritava. Ela ficou assustada porque a voz parecia, e muito, com a do Henri. Podia jurar que ele estava chamando seu nome. Não sabia se foi exatamente o que ela ouviu. Aumentou o volume do rádio, para ouvir melhor se era a voz dele mesmo em meio ao chiado. Ficou atenta por alguns segundos, ouvindo o chiado insuportável e então veio a voz dele, que dizia:

— *Vagabunda!*

Felícia ficou pálida e não tinha certeza se foi isso que ouviu mesmo. Porém, o rádio então voltou a sua normalidade, tocando uma música de rock clássico em volume máximo, que a deixou tomada de susto, quase sobressaltada para fora da poltrona. Por pouco, quase saiu do carro trêmula de pânico. Mas manteve-se calma, graças à vantagem de ser enfermeira em caso de situação extrema. Assim que conseguiu tranquilizar-se, com o coração acelerado diminuindo

pouco a pouco, desligou o rádio e tudo ficou em silêncio. Ela considerou esse fato muito estranho, ainda mais com a voz do Henri no rádio. Era ele mesmo? Parecia a voz dele. Até chamou o seu nome. Depois de recuperar do susto, pensou que poderia estar imaginando a coisa, que estava cansada demais e que depois do sexo com Alexandro teve como o resultado a sensação de *mea-culpa*. Começou a ficar envergonhada só de pensar no que tinha feito com Alexandro, traindo seu marido não uma vez, mas várias vezes. Olhou para o retrovisor e não havia ninguém atrás de dela. A rua continuava vazia, com o sinal aberto, sob a forte chuva.

Pisou no acelerador e seguiu a estrada. Queria chegar em casa o mais rápido possível e abraçar Henri, amá-lo mais e jurar a si mesma que jamais voltaria a trai-lo. Já até pensou em trocar de turno para não encontrar mais Alexandro novamente. Era melhor para ela, melhor para Alexandro e melhor para Henri. Assim ninguém sairia machucado, de coração partido.

Assim que chegou em casa, a primeira coisa que fez foi procurar Henri para ver como ele estava e o porquê de ele não retornar a ligação. Procurou-o pela sala achando que ele estaria vendo televisão, mas não estava. A sala estava vazia, de luz apagada. Todos os cômodos estavam com as luzes apagadas e, quando ele deixava o lugar assim, era um sinal de que ele já havia subido para o quarto. Antes de subir a escada que levava para os quartos, ela viu as sujeiras de lama espalhadas por todo o chão. Podia ver as pegadas dele. E a sujeira prosseguia pela escada até no andar superior. O que estava acontecendo com ele?

— Henri? — chamou-o, agora com medo. Pensou na possibilidade de um invasor na casa tenha feito algo ruim com o seu marido. Mas não ouviu nenhum barulho, nem a voz dele e qualquer movimento suspeito que despertasse sua atenção. Apenas ela, sozinha em casa.

Subiu a escada, toda cautelosa, e foi para o seu quarto. Foi então que o encontrou dormindo na cama, em frente à televisão ligada, que exibia um programa evangélico apresentado por um pastor com cinquenta e poucos anos, que segurava a Bíblia, recitando uma das passagens bíblicas, o Evangelho de Lucas, diante de centenas de fiéis no templo. *"Eu os batizo com água. Mas virá alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de desamarrear as correias das suas sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo. Ele traz a pá em sua mão, a fim de limpar sua eira e juntar o trigo em seu celeiro; mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga"*.

Felícia viu as botas dele largadas no chão, cobertas de lama. Henri nunca foi assim, de deixar sujeira em casa. *Vai ver que ele estava com muita coisa na cabeça e nem se deu conta do que tinha feito*, pensou. Sempre havia uma primeira vez para cometer um deslize como esse. Olhou para ele e viu que não havia nada errado. Apenas tinha um aspecto cansado, como sempre tinha em todas as noites depois de trabalho puxado na fazenda. Ele nunca foi um homem preguiçoso. Era trabalhador, sempre acordava cedo, cuidava da fazenda e pagava as contas em dia. Um homem perfeito até demais para ela. Fora essa razão de ser um homem perfeito e certinho que fez com que quisesse ter um caso com Alexandro por ser um homem cheio de defeitos e que estava ciente. Suspirou. A imagem do amante todo nu, olhando-a maliciosamente, apareceu na sua cabeça. Precisou esquecê-lo. *Chega de pensar muito nele*. Desligou a TV e a imagem do pastor, erguendo a Bíblia diante dos fiéis e recitando a passagem bíblica fervorosamente, se apagou imediatamente, deixando apenas um ponto luminoso na tela, que foi reduzindo pouco a pouco, até refletir apenas a sombra da silhueta do corpo dela.

Permaneceu quieta no quarto, com a sua mão quase encostando-se ao rosto dele, olhando para ele por um tempo. Balançou a cabeça. *Meu Deus! Ela* sentiu-se envergonhada agora. *O que foi que eu fiz?* Sentiu o cheiro do seu corpo e temia que o perfume do Alexandro impregnado na sua pele depois do sexo podia despertar a suspeita dele. Ela não sabia qual seria a reação dele se descobrisse o seu segredo. Ela já o viu explodir algumas vezes por coisas descabidas, xingar

palavrões, socar na parede quando perdia a paciência, até mesmo jogar garrafa de cerveja para longe, mas nunca sequer machucou uma pessoa, nem uma mulher, nem um homem que o provocou. Ele sabia conter sua agressividade. Mas ela não fazia ideia de como seria se ele soubesse que ela e Alexandro tiveram um caso. Ele bateria nela? Ele bateria em Alexandro? Ou, talvez, ele lhe pedisse para sair da casa dele e não voltasse a vê-lo nunca mais. O casamento chegaria ao fim. Ele sofreria e ela também, e nem teria mais coragem de ficar com Alexandro, depois de tudo. Ou ficaria com ele depois de muito perdão e choros? Se Alexandro não fosse tão cafajeste assim, até que ela ficaria. Mas não quis correr o risco de ser traída futuramente. Pensou muito que era melhor não vê-lo mais, nem esbarrar com ele no mesmo turno. Saiu do quarto e entrou no banheiro. Precisava arejar a cabeça, pensar melhor sobre o seu destino. Abriu as duas torneiras, misturando as temperaturas da água, que começou a encher a banheira.

Parou em frente ao espelho, aguardando a banheira encher, expelindo vapor quente por todo o banheiro. Seus olhos permaneceram fixos no espelho, encarando sua própria imagem com um ar pensativo. O barulho da água borbulhante causava-lhe uma sensação tranquilizadora. Tirou seu uniforme, calcinha e sutiã. Começou a examinar o seu próprio corpo no espelho. Ao perceber a sua cintura que ela achava um pouco feia, por causa da gordura localizada, amarrou a cara. Jurou que nunca mais voltaria a comer hambúrguer e outras frituras. Afastou-se do espelho, fechou as torneiras e, nua, mergulhou na água tépida. A água envolvia o seu corpo, cobrindo parcialmente os bicos endurecidos dos seios, excitados pela agradável sensação que lhe percorria por dentro. Esfregando os seios delicadamente e de maneira sensual, inclinou a cabeça para trás, com os olhos fechados. Visualizou o rosto atraente do enfermeiro e sua boca convidativa. Sentiu um desejo incontável de tocar aquela boca. A outra mão estava submersa, entre as pernas dobradas. Seus joelhos despontavam na superfície da água espumante e perfumada. Sentiu um toque masculino acariciar-lhe uma de suas pernas, deslizando até a coxa. Moveu a cabeça para frente e abriu os olhos. O homem que a tocava era Henri e não Alexandro, como ela pensava que era. Estava dentro da banheira, totalmente despido.

— Henri! — exclamou, assustada, cobrindo imediatamente seus seios com os braços. Estava envergonhada por se imaginar com outro enquanto o seu marido estava ali na sua frente, nu. Era como se estivesse pegando-a em flagrante com outro homem. — Pensei que você estava dormindo.

Henri não disse nada. Fez apenas um sinal de silêncio e, em seguida, sorriu para ela, voltando a tocar sua perna macia.

— Hoje não, meu querido. Estou cansada demais. Deixe isso para amanhã, pode ser? — pediu, com ar sério.

Mas ele não desistiu dela, sabia o que estava fazendo. Seus dedos continuavam a deslizar sobre as pernas dela. Desejava-a. Seus olhos penetravam os dela, seu sorriso era cativante e sedutor. Ele estava estranhamente diferente e mais sedutor do que ela lembrava. Havia algo viril nele, algo másculo sendo transportado nele, e isso a deixou surpresa e excitada também. Os lábios dele tornavam-se mais sensuais, convidando-a. *Será que estou sonhando?* Ele agia como Alexandro, mas era Henri mesmo. O jeito como ele a pegou, o olhar lascivo em cima dela, ela não teria forças para recusá-lo. A verdade era que ela gostava muito de sexo, gostava de ser fodida. Queria ser fodida mais uma vez. Resolveu entregar-se ao momento de prazer mais uma

vez. Ser tocada por este homem na banheira levava-a à loucura. Sem mais oferecer resistência, relaxou e seguiu em frente.

Henri avançou em cima dela, com a água escorregando pelo grande e musculoso dorso. Sua boca tocou a dela. No meio de suas pernas estava preenchida pela cintura de Henri, que a tocava. A água transbordava da banheira, molhando todo o piso, à medida que Henri movia seu corpo viril sobre o dela. Ela gemeu ao pressionar aquelas nádegas firmes, lisas e arredondadas do Henri, que emergiam da água. Arranhava-lhe deliciosamente a pele escorregadia. Henri também gemeu, seus olhos faiscavam de prazer e desejo animalescos.

Ele balbuciou alguma coisa que ela não conseguia entender, mas sua expressão pareceu misturar excitação e admiração. A água da banheira continuava a transbordar. Henri, com suas grandes mãos, agarrou o pescoço dela, apertando-o. Ela sorriu, ardendo de excitação com o corpo dele adentrando o seu violentamente. *Sexo selvagem. Agora que a coisa vai ficar interessante.* Estava gostando desse lado selvagem do Henri, que até agora ela desconhecia do que ele era capaz.

Porém, Henri estava indo longe demais e ela sentiu a mão dele apertar cada vez mais forte o seu pescoço. Ele estava machucando-a.

— Vai devagar, Henri.

Mas ele não afrouxou a mão na garganta dela. Ao contrário disso, continuou a apertar mais. Ele não cessava o movimento de vaivém dentro dela, cada vez mais violento. Seu rosto expressava uma fúria colérica. Não se parecia mais com Henri. Pareceu ser outra pessoa. Henri não a largava, fodia-a com força.

Felícia ficou horrorizada. Implorou para ele parar, mas ele não parou. Ele começou a grunhir, como um louco. Ela queria sair da banheira imediatamente. Alguma coisa estava errada com ele. Mas Henri não a deixou sair. A mão dele ainda estava no seu pescoço. Ela tentou gritar, mas não conseguiu. Estava sem ar. O rosto de Henri estava irreconhecível. Ele estava furioso. Mas por qual razão ele ficou assim tão de repente? Nesse momento, forçou a cabeça dela debaixo da água. Os seus braços e as pernas debatiam em desespero sob o pesado corpo dele, espalhando água por todos os lados. Tentou, a todo custo, subir à superfície da água. Como viu que era inútil afastá-lo, chegou à conclusão de que era o fim da sua vida.

Ela não sabia por quanto tempo ficou submersa, que pareceu uma eternidade, mas conseguiu emergir bruscamente, recuperando o ar. Ofegante e com o coração disparado, colocou seus braços sobre a borda da banheira. Confusa, não entendeu o que tinha acontecido com ela. Podia jurar que Henri estava ali na banheira havia pouco, mas agora ele simplesmente sumiu. Procurou-o e não o viu mais no banheiro. Apenas ela, sozinha e mais ninguém. Onde ele teria ido?

Ela saiu da banheira, vestiu o roupão de banho. Logo em seguida, foi até o quarto onde podia ouvir o barulho de chiado, parecido com o que ouviu do rádio no carro antes de chegar em casa. Ao entrar, a televisão estava ligada, com imagem em interferência. Achou que foi Henri que ligou, porém ele não estava no quarto. Ouviu o barulho da batida da porta lá em baixo, repetidamente.

— Henri? — chamou-o em voz alta para ele lhe ouvir. Mas ele não respondeu. *Henri estava ficando cada vez mais estranho*, pensou, preocupada. *Pode ser que ele esteja com algum problema*. Pensou, acreditando nessa possibilidade para o comportamento dele. Desceu a escada para vê-lo. Assim que chegou ao final dos degraus da escada, ela viu a porta destrancada da varanda, abrindo e fechando sozinha várias vezes. Havia um vento forte lá fora. Olhou por toda a sala e também os cômodos através das portas abertas, e não viu sinal do Henri. Todos os cômodos estavam com as luzes acesas.

— Henri! Cadê você? — chamou-o, esperando pela resposta dele. Mas nenhum sinal dele. A batida da porta continuava e isso começou a irritá-la muito.

Foi até a porta para trancá-la. Após isso, caminhou em direção a cozinha, pensando que ele devia estar ali, bebendo alguma coisa. Provavelmente cerveja. Mas nem sinal dele na cozinha. Na mesa não havia nada, o que era estranho. Henri costumava deixar as comidas prontas na mesa para ela assim que chegava em casa depois de um longo dia no hospital. Nem mesmo um copo de laranja. Nem sentiu o cheiro de comida no ar. *Henri não fez jantar?* Em vez disso, tudo o que conseguiu ver era um envelope amarelo e fotos espalhadas em cima da mesa. De longe, não podia ver do que se tratava. Também, perto do envelope, um copo vazio virado para o lado. Começou a ficar preocupada e também a curiosidade lhe falava alto sobre aquele envelope amarelo com fotos à vista. Aproximou para ver o que era e quando as viu seu coração saiu da sua boca. Henri descobriu do seu caso com o Alexandro. Ela estava em todas as fotos, em cenas comprometedoras que a deixou ruborizada de vergonha. *Eu não acredito que ele contratou um detetive para me seguir*. Deveria estar puta de vida por ele ter feito com ela, mas não sentiu assim, em vez disso, sentiu que merecia isso. Foi ela que começou tudo, foi ela que permitiu que chegasse a esse ponto. Ela deveria ter dito *não* para a investida do Alexandro, porém, ela não conseguiu. Ele a atraía. O sexo, tudo que vinha dele era maravilhoso e ela gostou muito. Agora, ele descobriu tudo sobre seu caso. Ele tentou matá-la na banheira, mas não fez. Ou pensou que

estava morta, submersa. Ela não tinha certeza disso, mas a atitude violenta dele a deixou com medo. Já tinha atendido muitos casos de mulheres agredidas por traição. Algumas não conseguiram sobreviver em virtudes das lesões graves: esfaqueamento, tiro, estrangulamento. Os homens, quando eram traídos, se tornavam as piores espécies que a Humanidade já criou. Incomodada pelas fotos, e tomada de raiva, não por ele, mas por si mesma por permitir que tivesse chegado a esse ponto, jogou tudo na pia, encheu de álcool e riscou o fosforo, com a chama ganhando vida. Jogou-a sobre as fotos, sendo consumidas pelo fogo até suas imagens se tornarem cinzas. As fumaças subiram. Abriu as janelas para arejar o lugar e tirar o cheiro de fumaça. Ainda chovia muito lá fora. Foi então que viu Henri.

Ele estava nu, com suas nádegas à mostra, caminhando em direção ao estábulo onde guardava as ovelhas, sob a forte chuva torrencial. *Que diabo ele está fazendo numa hora dessa, com essa tempestade?*

— Henri! — gritou, na tentativa de chamar a atenção dele. — O que você está fazendo?

Ele não a ouviu. Se ouviu, a ignorou. Ele estava furioso com ela, aparentemente. *Quem sou eu para julgá-lo? A culpa foi toda minha. Oh, Deus! Eu o decepcionei.*

— Henri, volte para casa. Vamos conversar, está bem?

Ele não virou para ela. Apenas seguiu, reto, até entrar pela porta do estábulo. A escuridão dentro dele o cobriu por inteiro. O que ele estava fazendo lá, pelado? Ela não quis nem pensar no que ele pretendia com as ovelhas. Se fizesse algo que pudesse deixá-la horrorizada, ela partiria sem pestanejar para nunca mais voltar a vê-lo. Tinha que ver o que ele estava fazendo.

Saiu de casa, sob a chuva forte, correndo em direção ao estábulo, com medo dos relâmpagos que clareavam o milharal, os seus pés descalços afundavam na lama, o vento forte batia no seu rosto. Ao chegar à porta do estábulo, não ouviu nenhum som de animais, nem dos movimentos deles. Estava quieto demais lá dentro e o cheiro estava estranho. Um cheiro horrível, que a fez sentir muito mal. As luzes dos relâmpagos iluminaram por dentro e viu algo que a deixou preocupada.

Henri estava ajoelhado, comendo alguma coisa nojenta, molhada, de cor escura. O rosto dele estava estranho e havia um estranho brilho no seu olhar na escuridão. Seu coração disparou. Estava vendo ali algo que não era normal. Não era do feitio dele. Ele nunca agiu daquela maneira. E não sabia o que estava comendo. Aproximou-se de uma viga que sustentava o telhado onde havia um interruptor. Ligou-o e a luz da lâmpada em cor âmbar iluminou o local e o que viu ali a deixou em estado de horror: Henri estava no meio das ovelhas mortas, destroçadas, com tripas e entranhas espalhadas ao seu redor. Ele estava comendo ferozmente o intestino de uma delas e depois a olhou, com a face animalesca e esfomeada, coberta de sangue.

Ela cobriu as mãos na boca. Não queria gritar para não chamar a atenção dele, para não provocá-lo a ter uma reação imprevisível, tal como as pessoas drogadas tendo alucinação achando que algumas coisas estavam atrás deles. Mas ela não conseguia entender o porquê ele surtou. Ele tinha tomando algum tipo de droga bem pesada? Ela o conhecia bem, ele nunca se envolveu com nenhum tipo de droga, nem aspirina para dor de cabeça ele queria tomar, por teimosia mesmo. Temendo pela sua segurança por causa do estado mental do Henri fora do

normal, ela teve que sair dali, mansamente, para não assustá-lo e chamar a ambulância. Ele precisava de uma ajuda médica urgentemente antes que piorasse as coisas.

Faltando poucos metros para chegar à casa algo chamou sua atenção. O som estranho de uma flauta tocando. E o cheiro fétido e nauseante assaltou sua narina. Ela parou de andar e virou para o lado, para a direção do milharal. Ali era que vinha o som estranho. Podia ver as folhas da plantação de milho movendo-se como se fossem um mar em meio à tempestade. Os relâmpagos, que riscavam o céu, iluminaram o local. Por uma fração de segundos, ela podia jurar que havia alguém parado entre as folhas. Estava longe, mas foi capaz de enxergar algo ali no meio do milharal escuro. Parecia um vulto alto, magro, careca e de pele negra misturando com as folhas da plantação. Ela não tinha certeza do que viu. Aquilo era uma pessoa ou fruto de uma pareidolia[2]? Não tinha certeza, já que, quando veio outro clarão de relâmpago, ele ou ela não estava mais ali. O som da flauta tocando também se foi. E o cheiro que ela sentiu há pouco também se foi. Sentiu seu corpo arrepiar. Ouviu o grito do Henri, que vinha no estábulo, e foi bem alto, o que a deixou aterrorizada. O grito não parecia ser do Henri, mas de outra coisa, como se não fosse desse mundo. Depois, seus olhos voltaram para o milharal novamente, que, por alguma razão desconhecida, lhe chamava.

PARTE V

MILHARAL NEGRO

Fim da linha. Custei a acreditar no que vi ali na minha frente, quando a luz da esfera iluminou nesse lugar. Havia um vasto milharal, mas suas cores eram escuras demais. Talvez pela falta de ausência da luz natural não era possível determinar qual era a sua cor real, se era verde ou simplesmente preta. A luz da esfera, que variava entre azul e verde, não conseguia revelar a cor das suas folhagens. Pareciam que as folhas eram negras mesmo.

Fiquei parado por um momento, indeciso. Deveria entrar ali? O que será que havia do outro lado, ou no meio do milharal, se é que era um milharal mesmo ou apenas parecido? Pensei rápido. O tempo era precioso. Se voltasse atrás, iria perder meu tempo e sem esquecer que teria que encarar aquelas criaturas que devoravam as esferas das almas dos mortos. E se prosseguisse, talvez eu tivesse uma chance de sair desse mundo. Ou não? Porra de dúvida! Senti-me na pele do personagem de videogame, Mario Bros, correndo em todos os obstáculos por vários níveis, cada vez mais obscuros, medonhos e perigosos, para chegar a uma saída e ganhar um prêmio que era preservar a minha vida. Será que a tal escuridão, seja lá o que fosse, estava preparando algo para mim? Mas o quê? Continuei receoso. Devia ir ali ou não? O milharal não parecia nada perigoso, mas aí que morava o perigo e eu sabia disso. Será que eram apenas plantas? Dúvida... Dúvida... A dúvida ainda permeava minha mente. *Não, a mim não engana! Eu sei que tem coisas aí dentro. Não vou cair nessa armadilha. Não sou idiota!* Finalmente, tomei uma atitude que talvez fosse a mais sensata. *Sim, é mais sensato, se eu quiser viver mais. Há outros caminhos.* Recuei o milharal e voltei atrás, para o mesmo caminho percorrido anteriormente.

À medida que deixei o milharal para trás, vi milhares de pontinhos brancos vindo em minha direção: as esferas luminosas. Ouvi os sons que vinham daquela luminescência, eram os passos apressados. Pareciam que as pessoas estavam correndo em minha direção. Quando a luz da esfera iluminou um pouco mais adiante, as criaturas emergiam na escuridão, com seus rostos medonhos e emitiam sons guturais, correndo de quatro, como os caninos.

Fiquei horrorizado diante das dezenas de criaturas que corriam em minha direção, cada vez mais perto. Virei meus calcanhares para trás e corri mais do que nunca, enquanto as criaturas tentavam me alcançar. Milhares de esferas passaram por cima de mim e foram para o milharal, para se esconder das criaturas. Continuei correndo e vi o milharal se aproximando e não pensei duas vezes quando saltei para dentro dele. Tombei, rolando no chão, envolto pelas folhagens. Sem levantar, olhei para as criaturas para checar se elas não entraram também. Mas elas pararam bruscamente diante do milharal e começaram a reagir violentamente, emitindo um som gutural. Tentaram entrar, mas não conseguiram. Elas temiam o milharal e voltaram para o lugar de onde vieram, deixando-me sozinho aqui. As centenas de esferas desapareceram da minha vista. Provavelmente escondidas entre as folhagens.

Eu também fiz o mesmo, escondendo-me, esperando que a *Coisa* acalmasse um pouco. Meus dedos da mão desocupada enterraram na areia macia, sentindo a textura áspera e fria. Não

demorou muito quando ouvi uma voz masculina ecoar em algum lugar perto dali. Não estava mais sozinho. Confesso que fiquei feliz ao ouvir uma voz humana nessa porra da escuridão.

— Sangue de Cristo, inebriai-me. Água do Lado de Cristo, lavai-me.

Eu olhei para cada lado, tentando descobrir de onde vinha a voz.

— Ó bom Jesus, ouvi-me. Dentro de Vossas chagas escondi-me. Não permitais que eu me separe de Vós. Do inimigo maligno defendei-me. — Ouvi novamente a voz dele.

Eu me levantei e tentei prestar mais atenção à voz do homem em meio ao vasto milharal. Não podia enxergar o dono da voz.

— Ei! Que bom ouvir a sua voz, cara!

— Sangue de Cristo, inebriai-me. Água do Lado de Cristo, lavai-me.

— Henri! — Ouvi a segunda voz. Era de uma mulher. O engraçado era que eu conhecia essa voz, que parecia ser da minha esposa. Ela também estava aqui? Ai, ela também foi trazida para cá?!

— Henri, você pode me ouvir?

— Felícia! Eu não acredito que você está aqui também. Eu estou aqui! Onde você está? Você está bem? — perguntei, temendo pela segurança dela. Mesmo que ela tivesse me traído, mesmo que eu sentisse raiva dela partindo o meu coração, ela não merecia estar aqui. Não nesse lugar. Embora o meu sentimento por ela ainda fosse uma mistura de saudade e raiva, amor e ódio na mesma medida, como a moeda de dois lados. A maneira como me tratava com carinho depois do sexo, como me beijava ao acordar, como acariciava meu cabelo. Como tudo era bom e gostoso quando estava com ela antes dela me trair. Decidi então que estava na hora de deixar o meu rancor e raiva de lado e salvá-la, para prová-la que eu ainda a amava, que estava disposto a tudo para que ela ficasse bem. Tudo o que eu queria era esquecer a traição e recomeçar do zero, uma nova chance para nós. Amava-a demais para esquecer, amava-a demais para nos distanciar. Prometi a mim mesmo que, assim que conseguisse tirá-la nesse mundo louco, eu a perdoaria. Eu sei que ela voltaria a me amar, por tudo o que fiz por ela. Eu tinha esperança.

— Não permitais que eu me separe de Vós. Do inimigo maligno defendei-me.

— Você pode me ver, Henri? Você pode me ouvir?

— Eu posso te ouvir, meu amor! Mas não consigo te ver. Onde você está, Felícia? Você pode me ver?

— Na hora da minha morte chamaí-me. E mandai-me ir para Vós, para que com vossos Santos Vos louve, pelos séculos dos séculos.

— Henri? Por favor, não me abandone. Venha comigo, pelo amor de Deus!

— Não tenha medo, querida. Vou te achar! Aguenta aí!

Corri sem saber qual direção devia seguir, podia ouvir a voz dela, mas não sabia exatamente de onde vinha. O meu peito era açotado pelas folhas como se estivesse levando várias chicotadas.

— Sangue de Cristo, inebriai-me. Água do Lado de Cristo, lavai-me.

— Fale comigo, meu amor. Preciso ouvir a sua voz.

— Eu te amo, Henri! Perdoe-me pelo que te fiz. Perdoe-me!

— Não permitais que eu me separe de Vós. Do inimigo maligno defendei-me.

— Eu também te amo, Felícia! Onde você está?

Por um descuido meu, pisei no pequeno buraco do solo, torcendo o meu pé e acabei me desequilibrando sobre as folhas mortas e secas. Gritei de dor. Meu pé começou a inchar. Chorei de dor, medo e também desespero. Era tudo junto e misturado. *Felícia!* Pensei muito nela.

Então, eu vi uma luz surgir entre as folhas. Não era a esfera que vinha em minha direção. Era uma luz que envolvia uma pessoa. Quando enxerguei com mais atenção, vi o rosto angelical da Felícia. Ela estava usando apenas um longo vestido branco, que reluzia. Seus lábios vermelhos de batom a tornavam uma jovem linda e sexy. Ela me chamou:

— Henri!

Eu nunca fui tão feliz na minha vida. Quando encontrei o meu amor, já estava me sentindo melhor e seguro estando perto dela. Ela era o meu porto seguro. Assim que me estendeu a mão, eu a segurei, sentindo o seu calor.

— É você mesmo, Felícia? Você é real?

Ela sorriu para mim.

— Estou tão feliz em te ver! Senti muito a sua falta. Do seu cheiro, do seu perfume. Do cheiro do seu corpo. Da sua joaninha. Da sua pele de pêssego. Dos seus olhos de esmeraldas. Do seu lábio quente e macio. Tudo, tudo, tudo em você eu sinto falta! Meu amor, eu sinto muito a sua falta! O que você tiver feito, eu vou te perdoar. Queria que você soubesse que eu sempre te amarei. Você é minha vida, meu amor.

A esfera de luz na minha mão começou a brilhar com intensidade, mudando a sua cor original para vermelho-alaranjado. Eu não entendi o porquê dela ter ficado aparentemente nervosa. Eu a ignorei e foquei no meu amor, na minha luz e salvação.

Felícia então ficou em cima de mim, levantou seu vestido, revelando sua genitália e, em seguida, sentou-se em cima de mim.

— Querida, o que você está fazendo?

— Henri, quero que me foda! — disse ela, com a cabeça inclinada bem próxima ao meu ouvido enquanto fazia o movimento sexual sobre mim. — Você pertence a mim e eu sou sua. Toda sua! Quero tudo o que é seu dentro de mim. Oh, Henri! Como eu te amo tanto! Foda-me, Henri.

— Não sei se devemos... Isso não está certo!

— Psiuuu! Não fale mais nada. Tudo o que eu quero agora é ser fodida. Fode-me, seu maldito canalha! Fode-me com toda a sua força animal. Diga-me, Henri, você é um bom fodedor? Prove-me de que você é melhor que ele.

Senti raiva quando ela mencionou *ele*. Eu sabia a quem ela referia. *O enfermeiro*. Tomado pela fúria, puxei minha calça para baixo e deixei-a montar em cima de mim. Ela movia-se sobre mim num ritmo frenético, acompanhado com seu gemido sensual.

Um estranho som veio de algum lugar escuro dentro do milharal. Algo grande, mortífero e mortal. E eu ainda permanecia ali, com a Felícia em cima de mim, enquanto a esfera começou a queimar a minha mão novamente. Foi aí que entendi. A esfera estava me alertando de que alguma coisa terrível estava prestes a acontecer.

Felícia gritava de prazer. Ela movia-se cada vez mais frenética, e, às vezes, cavalgava com toda a força, fazendo-me soltar gritos de prazer e expirar ar pelos meus pulmões com o impacto do seu corpo sobre minha cintura. Ela parecia mais pesada, e ao mesmo tempo ganhava um prazer inigualável. Foi então que começou o horror diante dos meus olhos: seu corpo sensual começou a rachar, com as fissuras espalhando-se totalmente por ele, e através delas saíam as chamas.

Felícia estava transformando-se em alguma coisa. Seu corpo macio e delicado ficou cinza. O rosto dela ficou distorcido, como tivesse nascido deformada. E seus olhos tornaram-se brancos e opacos, fitando-me enquanto cavalgava em cima de mim. Sua pele foi caindo, aos pedaços, revelando apenas músculos e ossos. Seus cabelos soltos foram ficando cada vez mais finos e secos, que balançavam no ar, dançando em vida própria. Ela abriu a boca e emitiu um som estridente que ecoou por todo lugar, fazendo a terra da escuridão tremer.

— Não... não... não! — gritei, agoniado.

Não era Felícia. Era alguma coisa que se disfarçou como Felícia. Maldita seja! Tentei me livrar dela, mas a luta era inútil. Porque ela tinha uma força sobre-humana.

— Sangue de Cristo, inebriai-me. Água do Lado de Cristo, lavai-me. — Ouvi novamente a voz do homem.

Pela boca aberta da mulher-criatura, eu vi que dentro havia uma bola de fogo na sua goela, com sua luz de chamas cada vez mais intensa, que brilhava em seu rosto.

— Deixe-me em paz, sua maldita! — berrei.

— Não permitais que eu me separe de Vós. Do inimigo maligno defendei-me.

A mulher-criatura agarrou no meu pescoço, com suas mãos em carne viva. Agarrei seus braços, tentando me livrar dela. Então, seu rosto começou a desintegrar, como cinzas, sendo levadas, ou sugadas por uma direção, como se um forte vento soprasse contra ela.

O corpo dela desintegrou – começando pelo pescoço, depois seus seios, sua cintura – com as chamas que tinha dentro de si até se transformar em poeiras douradas e reluzentes, não restando mais nada dela.

Minha mão, que segurava a esfera luminosa, começou a doer. E vi a sua luz irradiar cada vez mais forte. Ela estava me alertando. Minha palma foi queimada mais uma vez, como aconteceu na outra mão. Senti o cheiro da minha carne sendo assada. A minha palma estava se transformando em carne viva. Doía pra cacete! Mas que se fodesse, não podia largá-la. Não agora! Tinha que aguentar. Então, ouvi o som de passos se aproximando. A *Coisa* está vindo em minha direção. Apressando. Cada vez mais. Eu já podia ver alguém vindo por entre as folhas do milharal. Finalmente, surgiu uma pessoa. Um rapaz. E pelo aspecto do seu rosto, estava aterrorizado. Ele me viu.

— Ajude-me!

Eu fiquei sem reação. Foi tudo rápido e eu não sabia que o rapaz era real, se era um deles como aconteceu com a minha esposa que virou cinzas. Nesse lugar eu não podia confiar em mais ninguém. O rapaz foi atingido por alguma coisa atrás dele, que o empurrou e fez o seu rosto bater no chão, quebrando o nariz. Ele levantou a cabeça, com o nariz sangrando e me olhava em súplica. Ele estava aparentemente apavorado.

— Ajude-me!

Fiquei quieto, indeciso. Não tirei meu rosto do seu em desespero. Ele estendeu a mão para mim. Eu fiz o mesmo, mesmo que indeciso. Antes que os meus dedos alcançassem os dele, a coisa surgiu de repente, com as garras negras e longas cravando diretamente na coluna do rapaz, que soltou um berro de dor, e logo em seguida foi erguido do solo de maneira súbita em questão de segundos. Ouvi o grito dele ecoar no ar até que silenciou-se. Permaneci quieto, procurando para não chamar a atenção da *Coisa*. Não queria ter o mesmo fim que ele.

Senti coceira nas palmas das minhas mãos. Eram feridas sendo rodeadas por algum tipo de mosca, ou inseto em busca de carne humana para alimentar. Minhas mãos ainda estavam entrelaçadas sobre minha barriga, que inchava e desinchava, repetidamente, de acordo com a minha respiração, que era longa e serena. Meus olhos estavam fechados. Estava esperando a morte chegar, mas não chegava. Queria continuar vivendo, mas não dava mais. Até quanto tempo teria que aguentar nessa escuridão sem fim? Onde estava a *Coisa* que vivia na escuridão para me atacar com facilidade? Era uma presa tão fácil, com meu cheiro de carne humana, teria atraído mais coisas na escuridão, mas até agora nada apareceu. Senti minha barriga borbulhar, como se tivesse enchido de milhares de bolhas de gases estourando. Era a fome me chamando. Estava ficando insuportável. A fome era tanta, que chegava a doer no meu estômago. O cheiro da carne queimada da minha mão me pareceu tão delicioso... embora grotesca... mas o cheiro... me lembrava um hambúrguer, mesmo que não tivesse sido salpicado de sal ou tempero. Precisava acabar com a fome. Será que valeria a pena comer um pedaço de carne da minha mão? Será que seria doloroso demais do que a própria fome? Não sei mais qual seria o pior: a fome me consumindo lentamente ou comer a minha própria mão. Comecei a chorar, sem saber mais o que fazer. Não havia ninguém para me salvar e me tirar dessa maldita escuridão.

De repente, algo inesperado aconteceu. Eu sabia que era uma questão de tempo que alguma coisa diferente, e boa, aconteceria. Havia uma claridade emergindo de longe, bem no meio do milharal, que aumentava com intensidade. Fiquei surpreso pela beleza da luz.

— Siga a luz! — dizia a voz da minha esposa. A voz vinha naquela luz prateada que brilhava intensamente.

E junto com ela, ouvi duas vozes masculinas falando em idiomas diferentes. Era latim, ou hebraico, não sabia, não era conhecedor dessas línguas, mas era um idioma estrangeiro.

— Siga a luz, meu amor! Siga a luz!

Comecei a rir não de loucura, e sim pela felicidade de ver uma luz maior e mais brilhante que já vi na minha vida. Aquela era uma luz de verdade, uma luz para o fim do meu pesadelo. Teria chegado próximo do fim do caminho da escuridão? A luz permanecia no mesmo lugar, imóvel. Larguei a esfera da minha mão. Não havia mais necessidade de segurá-la, já que a luz era suficiente para iluminar tudo ao seu redor. A esfera saiu em disparada, voltando para o seu lugar de origem de onde peguei. Comecei a andar apressadamente, mancando, em direção à luz. Tentei apressar mais, não queria que a luz desaparecesse da minha frente. A minha esposa estava lá, para me salvar? Podia ouvi-la me chamando sem parar. *Siga a luz. Siga a luz.* Esqueci a dor, mesmo com as folhas me chicoteando sem piedade. A luz era tudo o que mais me importava. Ela era a minha esperança. A minha saída para esse pesadelo. Corri para valer.

31

Custei a acreditar que cheguei perto da luz no meio da clareira do milharal. Era, na verdade, um grande fogo, todo branco, que brilhava intensamente. Porém, não havia nenhum calor que emanava nela. Nem frio. Quando ela iluminou todo o meu corpo detalhadamente, vi que estava em um estado tão deplorável, magro, onde podia ver os ossos das minhas costelas quase expostos pela falta de carne. *Que estranho!* Parecia que fiquei há meses sem comer nada. Vi minhas mãos, meus dedos imundos, cobertos de sangue seco. A calça toda suja, rasgada e fedida pra cacete. Mas isso não me importava mais. Estava agora perto do fogo de luz. Comecei a andar em torno do fogo, que tinha mais ou menos cinco metros de diâmetro. Notei que havia algo a mais dentro dela. O que seria aquilo que emanava da luz? Fiquei imóvel, atônito, tentando compreender. A luz era tão intensa, que fazia meus olhos apertarem e temi encostar no fogo brilhante. Eu não fazia ideia do que o fogo seria capaz de fazer. Se eu tocasse nele, eu iria me queimar vivo num piscar de olhos? Pior, poderia fazer meu corpo explodir no instante em que a ponta do meu dedo encostasse-se ao fogo de luz?

— Siga a luz, meu amor! — A voz da minha esposa vinha daquela chama de luz.

E também as vozes dos homens falando em latim, que pareciam gritar diretamente comigo, mesmo eu não podendo enxergá-los.

— Siga a luz! Ouça a minha voz, Henri, siga a luz! Estou aqui!

Meu coração estava disparado, sem tirar os olhos das chamas. O que eu tinha a perder? Se eu ficasse aqui, morreria. Se eu entrasse ali e morresse, bom, pelo menos eu tentei? O medo, tão forte quanto pensei, me deteve. Fiquei imóvel, indeciso.

A voz da minha esposa me fez mudar de ideia. Ouvi-a me dizer:

— Henri, eu te amo muito!

Ela estava esperando por mim do outro lado da luz. Através do fogo branco. Não perdi mais tempo pensando aqui. Eu avancei e enfiei uma das mãos dentro do fogo. Senti que a luz tinha certa textura, como líquido, mas sem nada de água ou algo molhado. Como não me machucou, eu avancei mais devagar até colocar meu rosto dentro dela.

Na minha frente, eu vi a minha esposa de pé, com as mãos dadas e envolta de crucifixo. Ela estava muito triste, de olhos avermelhados. Quando me viu, como se me reconhecesse, ela ficou feliz.

— Meu amor, é você mesmo?

Ao lado da cama, vi dois homens com batinas. Eram padres. Um deles, o mais velho, estava segurando a Bíblia aberta citando uma passagem em latim. O outro, o mais jovem, jogava água benta em cima de mim. As vozes deles eram fortes, firmes, como se tentassem me enfrentar. Depois vi os meus braços amarrados na cama. A minha pele estava horrível, quase branca cinzenta. Vi meus pés também amarrados e usava apenas um pijama, todo manchado de sujeira, que, a julgar pelo cheiro, era da urina e dos vômitos.

Porém, não durou por muito tempo quando alguma coisa enrolou no meu pescoço, e me puxou de volta ao mundo da escuridão, afastando-me do fogo de luz. A minha esposa e os padres foram deixados para trás, onde as chamas de luz ocultaram-os por completo. Então, o fogo branco pouco a pouco se transformava na cor vermelha. Parecia fogo de sangue. A luz vermelha iluminou meu rosto. Não quis afastar mais para não perder a chance de entrar no fogo novamente. Quando tentei aproximar, algo prendia o meu pescoço.

Era um tentáculo pálido, como a pele de uma pessoa morta. Meus olhos seguiram pela extensão do tentáculo para ver de onde vinha isso. E foi aí que vi que eu não estava mais sozinho. Havia mais alguém ali, oculto pelas folhas do milharal. Senti a queimadura do tentáculo no meu pescoço, fazendo a carne da minha pele chiar, saindo fumaça. Gritei. Olhei para o fogo de sangue. Precisava entrar lá dentro, para sair daqui. O tentáculo me puxou para trás, me fazendo cair no chão e arrastou-me em direção à criatura, para me impedir que eu chegasse perto da luz. Debatí, cravei minhas unhas na terra, para impedir que ele me arrastasse de volta ao milharal.

Não tem mais jeito, pensei. Não tinha como enfrentar aquela coisa na escuridão. Então, ouvi a voz da minha esposa, que ecoou naquele fogo, que conseguiu dissipar a cor de sangue e o branco voltou em sua forma original:

— Venha! Você consegue! Ouça a minha voz. Siga a luz! Não olhe para trás, apenas veja a luz. Estou aqui, meu amor. Estou aqui.

As vozes dos homens continuavam falando em latim.

A criatura que me agarrava parecia estar incomodada pela presença da voz da minha esposa. Tanto que ela começou a ficar emputecida e puxou-me para me afastar do fogo de luz.

As vozes dos padres vieram, como uma onda, que atingiram em cheio não somente em mim como também na criatura. Não sei por que ela ficou assim de repente ao ouvir as vozes dos padres falarem em latim. Parecia que não gostou de ser descoberta, tanto que me soltou, fazendo um som gutural furiosamente e logo em seguida se afastou de mim, onde seu tentáculo foi recolhido para dentro da escuridão.

Eu não quis mais olhar para aquela criatura seja lá o que fosse, corri em direção ao fogo de luz e saltei dentro dele.

Demorei muito para abrir meus olhos, porque a luz no mundo exterior ainda me incomodava depois que passei um longo tempo na escuridão que acabei me acostumando. Pisquei várias vezes, esfreguei meus olhos, mas assim que a minha visão se acostumou com a luz, finalmente vi minha esposa chorando, ajoelhada, e havia um rosário em suas mãos. Ela estava feliz, agradecendo a Deus várias vezes pelo meu retorno. Eu estava de volta, na minha casa, no meu quarto. Vi os padres fazendo um sinal da Cruz no ar e um olhou para outro, como se não acreditasse no que viu, ou fez. Depois, o mais velho me olhou e disse:

— O espírito maligno não tocará mais no seu corpo. Você está salvo agora.

— O que aconteceu comigo? — perguntei, confuso, sem entender nada que ele acabou de falar.

O jovem padre, com seu semblante dócil e carinhoso, olhou-me por um momento, como se examinasse o meu estado e depois me respondeu:

— Você foi possuído por um espírito, Henri. Você esteve dominado por ele por três meses. Eu e o padre Xavier oramos e confrontamos o espírito por longos dias para expulsá-lo em nome do Nosso Senhor Jesus Cristo. Bom, ao que parece, conseguimos e creio que ele não voltará mais a importuná-lo. Agora, você precisa descansar e se alimentar bem.

Depois que ele me explicou, eu fiquei surpreso e assustado ao mesmo tempo. Eu fui possuído por um demônio. Por que isso aconteceu comigo? Eu pensei de todas as maneiras possíveis sobre o que tinha acontecido comigo e nem me passou pela cabeça que fui simplesmente possuído pelo demônio. De todas as coisas horríveis que passei naquele lugar era algo que somente o demônio seria capaz de fazer. Perguntei para os padres por que fui possuído, mas eles me responderam que acharam melhor não pensar mais nada disso, senão eu poderia enlouquecer. Eles estavam certos. Se eu persistisse em busca da resposta, provavelmente ficaria obcecado em saber tudo sobre o demônio; talvez eu pudesse correr risco com a sensação de que ele ainda estava dentro de mim, porém adormecido e esperando acordar para então tomar meu corpo novamente. Não, era melhor não saber nada dele. Que assim seja mantido segredo e enterrado para o resto da vida. Assim que os dois padres saíram do quarto, depois de me soltar com as cordas, a minha esposa se aproximou e pegou uma das minhas mãos.

— Como você está, meu querido?

— Me sinto cansado!

— Não precisa dizer mais nada. Eu compreendo o que passou. Mas agora você está em paz, você vai ficar bem a partir de agora.

— Eu ouvi a sua voz. Foi a sua voz que me trouxe de volta.

— Sim, eu sabia que você conseguiria ao ouvir minha voz.

Olhei ao meu redor e reconheci o lugar. Era do nosso quarto. Depois olhei para meus braços, que estavam bem esqueléticos, com muitos hematomas e arranhões.

— Foi o demônio que fez isso com seu corpo. Ele... ele fazia coisas horríveis.

Ela me contou das coisas que eu tinha feito. Que matei e desmembrei as ovelhas, que comi as tripas delas. Ela chamou uma ambulância para me deter, pensando que enlouqueci. Depois de vários exames constataram que não havia nada errado comigo, que o meu cérebro estava normal, que não tinha nenhuma droga no meu corpo, ou qualquer anomalia que fosse desencadear a minha súbita loucura. Porém, o meu estranho comportamento continuava a acontecer todos os dias e a amiga dela, Luiza, já tomando conhecimento do fato relatado por ela, disse que tinha algo a ver com a entidade sobrenatural. Luzia acreditava nisso porque era frequentadora de uma casa de espiritismo. Fora por essa razão que Felícia procurou a freira para me benzer, e orou uma Ave-Maria. Foi então que me lembrei daquela pequena esfera branca onde podia ouvir a voz de uma mulher recitando a oração de Ave-Maria. Era ela que estava me protegendo do mal. A minha esposa me contou que, por causa da oração dela, eu entrei em ataque demoníaco, pulei em cima dela, comecei a lamber o rosto dela enquanto me masturbava que nem um louco e gozei na roupa dela. Ela me afrontou, é claro! Por isso que não consegui alcançar a esfera de luz. O demônio usou o meu corpo para atacar a fé da freira e profanar o corpo dela. Quando a freira viu que eu estava realmente possuído, ela entrou em contato com os padres, conhecidos dela, contando todos os detalhes. Eles vieram e deram início a batalha para trazer a minha alma de volta ao mundo terreno. Ela ainda me disse que os padres nunca tinham visto a minha possessão antes, pois estavam lidando com uma entidade nova, desconhecida para a maioria da igreja católica, já que mencionaram todos os nomes do demônio existente para descobrir de qual destes nomes estava dentro de mim, porém ele nem respondeu a eles e mesmo assim eu fui liberado pelo mal. Ela e os padres viram um tentáculo negro saindo da minha boca e depois desapareceu no ar. Por isso que os padres acharam aquilo estranho, por ser algo novo. Tanto que os dois ficaram assustados e por isso que eles fizeram sinal de cruz antes de me falar.

— Vamos esquecer tudo isso e partir para uma nova vida — disse ela. — Não queremos mais ficar aqui em casa, não depois do que aconteceu aqui. Aqui só traz lembranças ruins. Assim que você melhorar, vamos procurar outro lugar, um lugar tranquilo para nós. Está bem?

Eu assenti.

— Quero estar com você, agora e sempre.

— Eu também, meu amor.

— As fotos... — A voz dela estava rouca e seus olhos encheram-se de lágrimas.

Ela estava falando *naquelas fotos íntimas* tiradas pelo detetive.

— Me perdoe pela besteira que fiz, meu amor. Eu não devia... não sei por que fiz isso...

— Não diga mais nada. Isso já não me importa mais, meu amor. Esqueça tudo isso! Se você realmente me ama, está tudo bem para mim. Eu lhe perdoo.

Ela sorriu, com lágrimas descendo no rosto. Depois me abraçou e me beijou. Ficamos abraçados ali na cama por um bom tempo.

Assim que melhorei um pouco, depois de tomar sopa e suco de laranja, a minha esposa me ajudou a levantar da cama e me levou até o banheiro, onde ela encheu a banheira de água morna. Enquanto tirava minhas roupas sujas de urina (estava amarrado na cama o tempo todo por três meses, não tinha como segurar a bexiga cheia) e a minha bunda estava coberta de fezes amareladas. Era bem nojento, deplorável! Não queria mais passar tudo isso de novo não! Minha esposa foi forte o bastante para me ajudar, para me aguentar no meu estado todo fodido. Eu olhei a minha imagem refletida no espelho. Estava com um rosto cadavérico, pálido e havia arranhões. Meus cabelos estavam arrancados e meus olhos quase sem vida. Não me via mais como um belo homem forte com braços fortes, e sim, um monstro que acabou de sair do túmulo. Um morto-vivo, porém ainda vivo. Levaria um tempo para eu recuperar tudo o que havia perdido: a minha forma física e a minha saúde mental e psicológica. O inferno conseguiu me transformar em outra pessoa. Não era mais o mesmo de antes.

— Henri! Acorde! — Ouvi a voz que me fez acordar sobressaltado. Quando me dei conta de que estava no meu quarto, na minha casa da fazenda, e com a minha esposa na minha frente, que ficou assustada pela minha reação exagerada, fiquei lívido. Não estava mais naquela escuridão.

— Está tudo bem, querido. É só um pesadelo!

Eu assenti e abracei-a mais uma vez, para sentir o seu corpo, o seu cheiro, para sentir-me seguro estando ao lado dela.

— O jantar está pronto, Henri! Fiz caldo de galinha e frango assado. Seu prato favorito. Você vai ficar bem. Prometo que vai!

Eu sorri. Me senti o homem mais sortudo do mundo por tê-la conhecido e que jamais me abandonou no momento mais crítico da minha vida. Se fosse com outra, já teria me abandonado no primeiro sinal de possessão demoníaca. Ela não, ela foi até o fim, lutando contra o mal para que eu voltasse a ficar com ela. Apesar que ela pisou na bola pela sua infidelidade, eu iria amá-la para sempre.

Depois de jantar, devorando tudo o que tinha na mesa para saciar a minha fome e beber quase um litro de suco de laranja, eu me senti muito satisfeito, embora eu não estivesse cem por cento pleno e saudável. Ainda estava grogue, tentando digerir tudo o que passei e as imagens das várias criaturas que vi em outra dimensão ainda estavam gravadas na minha mente. Bastava apenas fechar os olhos por um segundo que elas sempre saltavam em minha direção, provocando o meu susto, e abria os olhos, com medo de fechá-los novamente. Entre os meus dedos, estava um cigarro aceso. Somente fumando poderia me ajudar a ficar mais tranquilo. Depois, pensei nas esferas de luzes que eram as almas das pessoas, na maioria delas assassinas e criminosas, que fizeram mal às outras inocentes. E pelo que vi lá, eram milhares delas, que não paravam de chegar. A verdade era que o mundo estava cheio de pessoas criminosas fazendo mal a humanidade e só de pensar nisso me deixava muito mal. Voltei a fumar em silêncio, sentado nos degraus da escada da minha casa, olhando para a paisagem à noite. O imenso campo de milharal, sob a lua cheia, parecia mais como um mar revolto pelo sopro do vento. O céu nunca pareceu tão lindo quanto antes, com sua cor azul da noite, diferente do mundo em que passei. Tal cenário da natureza parecia me hipnotizar. Comecei a pensar muito naquele lugar da escuridão. Onde seria exatamente esse lugar? Não sabia! Também fiquei pensando nas pessoas que foram jogadas naquele mundo e pensei muito a respeito disso. Se o demônio possuiu o meu corpo, lançando a minha alma para aquele lugar, isso significava que eu não era o único possuído, mas também outras pessoas que passaram e, na pior das hipóteses, passarão pelo que passei.

Felícia se aproximou e sentou ao meu lado. O braço dela enlaçou meu corpo, enquanto inclinou sua cabeça sobre o meu ombro. Coloquei minha mão sobre a perna dela, sentindo sua

pele macia. Estava feliz por estar com ela novamente. Não estava mais sozinho. Olhei para o seu rosto, tão sereno e abatido, depois pelo que ela passou. Sem dizer sequer uma palavra um ao outro, eu apenas me aproximei dela, segurei-a pela nuca e puxei-a para mim, colando meus lábios nos dela. Beijávamos com intensidade. Senti seu corpo aquecer. Toquei os seios dela e senti o bico de um deles endurecer. Delícia! As pernas dela tremiam. Há muito tempo, ela não sentia essas coisas depois que fiquei possuído. O beijo foi tão prazeroso, tudo era prazeroso.

Fomos para a cozinha, sem tirar a minha boca na dela, trocando os nossos fluídos corporais. Tomada pelo fogo incontrolável do desejo, ela me empurrou em direção à cadeira, fazendo-me sentar e puxou minha camisa para cima. Tocou meus ombros nus, esquelético, apertando-os. Queria sentir minha carne magra, minha pele, meu cheiro depois de um banho demorado. Por minha vez, tirei também a blusa dela, deixando parte de seus seios à mostra, dentro do sutiã. Joguei a blusa no chão e coloquei as mãos em suas costas, abrindo-lhe o sutiã. Os seios surgiram inteiros à minha frente, com os bicos endurecidos a me desejarem, pedindo para serem acariciados e beijados. Dei uma leve mordida no bico, arrancando dela um gemido. As unhas dela arranhavam levemente o meu dorso. Puxou a minha cabeça para o meio dos seus seios. Lambuzei todo o seu seio. Úmidos, quentes, gostosos. Tirei o seu short curto, junto com a calcinha. Em seguida, puxei-a para perto de mim e comecei a beijar-lhe o ventre, deixando-a trêmula de excitação. Depois de alguns minutos masturbando-a, falei para sentar em cima de mim imediatamente. Ela me obedeceu, levantou-se e montou em cima de mim sem dó. Senti um calor arder entre as pernas dela e, excitado, mordi seus seios. Apertava-lhe as nádegas com força enquanto ela cavalgava sobre mim. E como ela cavalgava bem. *Coisa mais delícia!* Há quanto tempo que não sentia assim!

— Tão bom, tão gostoso! — sussurrava ela, com os olhos fechados.

Gemi a cada movimento dela. Coloquei a mão esquerda por trás da cabeça dela e peguei seus cabelos, puxando-os um pouco para trás. Ela se deliciava com o meu jeito. Seu corpo ganhava um brilho de suor, que parecia dourá-lo todo. Adorava ver isso quando seu corpo ficava ardente. Isso me deixava excitado.

E ela cavalgava cada vez mais forte. Inclinou seu corpo para trás, com a cabeça quase tocando a mesa. Eu segurava a cintura dela, toda suada, enquanto ela fazia movimentos intensos. Gemi, com meu rosto gotejando de suor, que pingava sobre a barriga molhada dela. Felícia me enlouquecia.

Soltei um grito abafado. A excitação era grande, não estava aguentando mais. Com o seu corpo ainda inclinado para trás e gemendo, Felícia esticou os braços sobre a mesa e começou a tremer convulsivamente. Tinha alcançado o seu merecido clímax. Quanto a mim, não cheguei lá, não consegui, mesmo que eu ainda tivesse tesão por ela, não consegui gozar. Mas isso não importava mais para mim. Tudo o que eu queria era deixar minha esposa satisfeita, plena e realizada. Isso era o que me tornava um homem de verdade. Por ela. Por amor.

Felícia inclinou seu corpo à minha frente imediatamente. Olhei para o corpo dela, toda suado, e depois para seu rosto, que agora não tinha mais. No lugar do rosto havia um orifício que abriu bruscamente revelando dentes pontiagudos, tal como a lampreia. Assustado, usei uma das mãos para me defender daquela criatura sentada em cima de mim, mas ela abocanhouna e a arrancou

com força. Gritei de dor ao sentir o osso da mão desprendendo bruscamente do braço, arrancando algumas veias e pele, e o sangue esguichou. Empurrei-a para longe de mim, com lágrimas nos meus olhos por tanta dor, aturdido pelo que estava acontecendo comigo. Atordado, tropecei em meu próprio pé e caí de costas no chão. O sangue não parava de esguichar no toco onde havia minha mão. A criatura colocou-se em quatro, como se fosse animalesca, com seus seios balançando no ar, com sua boca aberta me encarando. Ela estava desejando minha carne. Eu podia sentir isso vindo dela. Eu estava tremendo de choque, do medo, do horror, da dor, e sem força para me levantar. Esforcei-me para ficar longe da criatura, porém ela avançou em cima de mim e me atacou com tamanha violência que jamais vivenciei. Começou a devorar parte do meu corpo, arrancando minha carne, minha pele, e tudo o que eu conseguia fazer era gritar de dor. O sangue descia do meu corpo em profusão, que alastrava uma poça em torno de mim. Eu gritei.

— Querido, acalme-se! Sou eu! — Ouvi a voz dela,

Eu não sei como aconteceu, mas eu vi Felícia nua, em sua forma humana, segurando meus braços agitados. O seu rosto estampava preocupação. Olhei para a minha mão onde foi abocanhada e vi que ela continuava ali, intacta. Olhei para a cozinha e não havia nada de sangue. Nada disso aconteceu. Foi tudo na minha cabeça. Porra! O demônio conseguiu foder a minha cabeça.

— Está tudo bem, querido! Está tudo bem!

Eu fiquei tão confuso e assustado que comecei a chorar. Felícia me abraçou, beijando na minha cabeça e sussurrava no meu ouvido repetindo várias vezes até que eu ficasse mais calmo:

— Calma, querido! Está tudo bem! Está tudo bem!

PARTE VI

SEGREDO

Semanas depois do que aconteceu comigo, eu e minha esposa não tocamos mais no assunto acerca da minha possessão, assunto esse que poderia assustar alguém e que poderíamos perder a amizade e status social. Decidimos que era melhor que tudo o que aconteceu no passado fosse silenciado e enterrado para o resto da vida. Ninguém precisava saber disso. Tudo o que nós queríamos era sermos felizes. Contudo, toda vez que via o rosto da minha esposa, eu via a tristeza nos olhos dela. Ela esforçava para sorrir, mostrar que estava animada por tudo, pelo novo lugar, mas, às vezes, pegava-a pensativa, com o olhar sempre triste. Perguntei a ela o que tinha e ela disse que não era nada, que estava sendo sensível porque era coisa de mulher. Perguntei se ela se arrependeu de casar comigo, e ela prontamente disse que não se arrependeu nada, nem por um segundo, e me dizia que me amava, que desejava estar sempre ao meu lado como uma boa esposa. Fiquei feliz ao ouvir suas palavras e isso me encheu de esperança. Nos amávamos demais, tivemos muitas noites de amor e pretendíamos ter um filho em breve.

À noite, quando a minha mulher estava dormindo, eu fui para a cozinha comer alguma coisa. Estava com fome. Peguei um sanduíche de frango e uma lata de cerveja gelada. Fui lá fora, sentei no banco e observei em silêncio o milharal sob o céu estrelado tingindo-o em um tom avermelhado. Comecei a comer o sanduíche, mastigando devagar e bebi um pouco da cerveja. Depois pensei no Alexandro. O filho da puta tinha fodido a minha esposa. Mesmo que sentisse raiva do que ela fez, eu a perdoei. Ela era fraca, ela tinha desejo, e a culpa foi do Alexandro que a seduziu. Ele sabia que ela era casada, e mesmo assim a seduziu e ela não resistiu ao encanto dele. Eu tive que acabar o encanto dele antes que ele fizesse com outras. Tive que encontrá-lo pessoalmente e ter uma conversa bem séria. De homem para homem. Esperava um momento certo, a hora certa para encontrá-lo.

A minha esposa tinha trocado o segundo para o primeiro turno, para evitar que o encontrasse no hospital, o que foi ótimo para mim, mas não o suficiente para acabar a minha raiva que senti por aquele vagabundo. Quando ela foi dormir mais cedo, eu fui até o hospital e esperei por ele. Eu sabia quem ele era. Já vi o rosto dele. Um homem boa-pinta, garanhão, que deixava mulheres babando por ele. Ele estava se achando o maior foda do mundo, mas eu cortarei as asas dele quando o encontrasse. Depois do fim do segundo turno, eu o vi saindo do hospital de moto. Eu, que estava no carro, segui-o até a casa dele, que não era lá grande coisa, mas não era feia o bastante para afugentar qualquer pessoa. Ao deixar a moto na garagem, ele entrou na casa já tirando a camisa do uniforme, pronto para um banho. Deixou a porta destrancada. E o melhor era saber que ele morava sozinho. Isso facilitaria o meu trabalho com ele, sem nenhuma testemunha.

Abri o porta-luvas e peguei a arma. Um calibre 38, comprada ilegalmente, sem nenhum registro de autorização. Mas foda-se! Ia usar apenas uma vez e jogá-la para longe do local do crime. Tudo o que eu queria era dar um fim nele. Saí do carro, enfiei a arma na cintura atrás das minhas costas, escondendo por baixo da camisa larga. Não queria que ninguém me visse

portando a arma. Olhei para a rua vazia. *Ótimo!* Aproximei-me da casa e espionei através de uma das janelas. A cortina estava parcialmente aberta e isso me permitiu ver lá dentro. Uma sala cheia de decoração exótica, meio mexicana, e havia muitas velas acesas colocadas em todos os lados, criando um clima romântico. Podia ouvir a música do CD player ligado. Era rock, o cara tinha um bom gosto musical, mas péssimo na escolha de mulher errada. Olhei novamente para a rua, para verificar se ninguém estava me olhando. Não queria ser visto como um suspeito. Todo cuidado era pouco. Não tinha ninguém. Entrei na casa e perambulei pela sala, esforçando para não fazer nenhum barulho suspeito. Ouvi barulho de chuveiro ligado. Ele estava cantando, até que ele cantava bem. Fui até a cozinha e vi a mesa grande, toda arrumada, com duas taças de cristal reluzindo pelas luzes das velas. No meio da mesa uma garrafa de vinho. Ele esperava por alguém. Um encontro. Uma garota, logicamente. O cara não cansava de foder a cada mulher diferente. Usou a minha e vai usar a outra. *Filho da puta!*

A minha raiva que senti por ele cresceu. Ouvi o chuveiro sendo desligado e depois ele começou a assobiar. Eu me apressei para me esconder, encostado na parede ao lado da porta do corredor, onde ele apareceria em breve. Esperei por um tempo, ouvindo os passos dele, o ouvindo mexer no móvel, provavelmente procurando as roupas elegantes, para ficar mais sedutor. Eu faria a mesma coisa quando tinha um encontro muito especial. Pensei na Felícia sendo fodida por ele. Senti o ódio crescer no meu coração. Sacudi a cabeça, para tirar a imagem dela sendo chupada por ele. Os passos dele vinham em minha direção. Puxei a arma nas minhas costas e a segurei com firmeza. Era a segunda vez que eu ia tirar a vida de alguém. A diferença era que eu não estava com medo quando apontei para o meu pai, que chacinou minha família. Eu estava embebido de raiva, louco de desejo de vingá-lo. O meu coração disparou. Teve um momento que comecei a pensar se eu deveria realmente fazer isso com ele? Valeria a pena? Não sabia, mas a raiva não passava nunca, queria acabar essa sensação de raiva, de ser traído. Isso estava me matando e não estava aguentando mais. Ela me traiu. Isso quebrou a minha confiança com ela. Isso partiu o meu coração. Odiei ser chifrado. Odiei muito por isso. Alexandre saiu pela porta ao meu lado, sem perceber a minha presença. Ele estava usando uma calça social, uma camisa vermelha feito de linho, símbolo da paixão e do amor. Ah, também o símbolo da traição, da morte. Ele examinava a sala e depois entrou na cozinha. Eu segui o percalço dele, com a arma apontada para ele. Bastava puxar o gatilho e a bala atingiria em cheio nas costas dele. Ou na nuca dele. Estava a pouco metro de mim. Era simples e rápido. Era minha chance para amenizar a minha dor pela traição. Quando entrei na cozinha, os meus passos chamaram a atenção dele. Ele virou para o lado e me viu, surpreso. Ele ficou todo contido, quase imóvel, assustado ao ver a arma na minha mão.

— Calma aí, rapaz!

— Cale a boca, seu maldito! — gritei. Minha saliva saiu pela minha boca.

— Olha, você pode levar tudo o que quiser — disse ele, assustado.

— Não estou aqui para roubar, seu babaca! Você fodeu a minha mulher.

— Quem?

— Felícia!

Ele me olhou espantado, com a boca entreaberta.

— Ah, então você é o marido da Felícia?

Eu ri de raiva dele.

— Ela me contou sobre mim, não é? Mas dessa vez ela não vai mais te ver.

— Por mim, tudo bem! Mas você deveria deixar de ser frouxo e babaca.

Não acreditei que ele tinha muita cara de pau para me provocar, com a minha arma apontada para ele.

— Eu não tenho medo de nada. Se quer atirar, vai em frente. Pouco me importa se morrerei ou não. Mas uma coisa é certa, foi a melhor trepada que tive com sua mulher.

A raiva subiu à minha cabeça. Aproximei-me até ele, com a arma encostando bem no meio da testa dele. Ele não reagiu, ficou apenas me olhando. Meu dedo estava no gatilho, pronto para apertá-lo.

— Tu queres morrer, é isso, seu filho da puta?

— A morte não fará diferença para mim. Mas e você? Está disposto a deixar sua mulher sozinha quando você ficará atrás das grades? Ela vai te odiar para o resto da vida.

O meu corpo estava trêmulo, de nervosismo e raiva. Queria apertar o gatilho, mas não consegui. Comecei a suar frio, com o coração a mil por hora. Ele era um cara que não tinha medo de morrer e eu sim, e mais ainda se fosse para cadeia, até o fim da minha vida. Não podia fazer isso, não desse jeito. Visualizei o rosto da minha mulher decepcionada ao me ver algemado, sendo levado pelo carro da polícia e julgado pelo crime passionai e indo para a penitenciária na qual ela jamais voltaria a me ver novamente. Não, não podia fazer isso. Não assim! Abaixei a arma e me afastei dele, com os meus olhos ainda fixando furiosamente nos dele.

— É isso que você vai fazer? Vai desistir assim? Não quer atirar em mim?

Eu balancei a cabeça, negando.

— Não vou fazer isso. Mas eu sei que alguém fará com você. Alguém que descobrir que você trepou com a mulher dele. Então a sorte terá acabado e você irá para o inferno que é seu lugar, seu filho da puta desgraçado! Fica longe da minha mulher.

Após dizer isso, eu virei de costas e me aproximei até a porta, pronto para sair da casa, sentindo aliviado por não ter feito uma grande besteira, que poderia custar a minha vida e minha liberdade. Já bastava o inferno que passei naquele lugar escuro.

— Você me decepcionou, Henri. — Ouvi-o com uma voz estranha. Não era a voz do Alexandro que tinha ouvido antes, mas de alguém desconhecido em casa.

Virei para o lado e fiquei estarecido quando vi que era apenas Alexandro. Mas os seus olhos...

Eram todos brancos e opacos.

Fiquei calado, engolindo em seco. Senti a mesma sensação que tive quando estava naquele lugar escuro e perseguido por uma entidade que tanto me atormentou. Essa mesma entidade estava no corpo do Alexandro, me encarando? Além dos seus olhos brancos, a pele da sua feição humana estava diferente, mais branca, sebosa. As luzes das velas faziam o seu rosto parecer mais assustador. A boca dele estava estranhamente diferente. Tinha deixado de ser sedutor para ter um aspecto mais aterrorizador. Eu mesmo fiquei com medo somente de olhá-lo. Ele me intimidava, era inquietante vê-lo todo calmo, me observando, me esperando. Quanto mais eu o olhava, mais sentia o arrepio percorrer meu corpo e não cessava nunca. Uma sensação de coisa ruim mesmo.

— Eu estava te esperando nesse momento, Henri — disse ele, com a mesma voz que usava naquele lugar escuro. O meu algoz da tortura. *Filho da puta!* — Sente-se! — ordenou-me com firmeza. O tom da voz me deixou aterrorizado. Eu sentei na cadeira em frente dele sem tirar os meus olhos dos dele. Coloquei a arma em cima da mesa, ao meu alcance para que eu tivesse tempo o suficiente para me defender caso o demônio ousasse chegar perto de mim. Ele pegou a garrafa de vinho e encheu a taça dele e depois a minha. Ele estava agindo elegantemente, apesar do seu aspecto demoníaco, e depois se sentou, pegando a taça e a brindou para mim no ar. — Brindaremos pelo seu retorno ao mundo dos vivos.

Eu não quis brindar com ele. Não estava a fim de fazer amizade com um demônio que assumiu em forma humana. Ele, acreditei eu, esperava que eu nunca brindaria com ele e mesmo assim fez um gesto de cumprimento para mim com um sorriso e logo em seguida bebeu todo o vinho de uma vez, deixando que o líquido vermelho escorresse na sua boca, manchando a sua camisa. Colocou a taça vazia sobre a mesa e vi que havia dezenas de centopeias dentro dela, vivas, mexendo-se e rastejando-a.

— Como foi o seu passeio lá? — perguntou para mim enquanto a costa da mão limpava a sua boca.

— Você fala naquele lugar escuro?

Ele riu.

— Maldito seja! Você destruiu a minha vida.

O demônio deu ombros para mim, como se não se importasse com o que aconteceu comigo e pelo estado em que fiquei depois dessa experiência. Depois, eu fiquei observando o corpo do Alexandro, tentando adivinhar há quanto tempo ele esteve ali.

— Desde que saí do seu corpo — ele respondeu sem que eu fizesse uma pergunta. Tinha lido meu pensamento. — Pobre menino! Você nem faz ideia de como a alma dele está agonizada. —

Ele começou a gargalhar.

Eu sabia do que ele estava falando. Sabia de onde a alma estaria agora. Naquele lugar da escuridão por onde eu passei a travessia de horror, quase beirando à loucura. Eu não sabia se eu lamentava ou celebrava por aquele filho da puta que fodeu a minha esposa merecer estar naquela merda do lugar até o fim da sua existência.

— Estou pouco me lixando para ele estar naquele inferno. Quero que ele apodreça lá!

— Com certeza, ele vai! Depois eu vou pegar a sua mulher. Ela vai ter o mesmo destino que você.

Não! Ela não! Não a minha esposa.

— Não ouse tocá-la! — falei em tom ameaçador, apontando o meu dedo em riste para ele.

— Você é que não se atreva a me ameaçar, seu merdinha! — disse ele em voz alta e ameaçadora, expressando uma face enfurecida de um jeito que fez o meu corpo gelar de medo. A presença dele junto com as velas, o lugar, carregavam uma atmosfera pesada, e eu era capaz de sentir coisas ruins de maneiras palpáveis. — Não fosse por mim, você não estaria aqui no seu mundo, vivo e inteiro e sim naquele lugar onde você ficaria para sempre. Para toda eternidade. Portanto, não ouse me desafiar! Ousa?

Eu chacoalhei, engolindo em seco. Eu seria capaz de partir em uma boa briga com qualquer homem, não me importando com seu atributo físico, fosse alto, gordo, magro, mas não com esse ser na minha frente. Ele não era humano. Não tinha como enfrentar uma coisa que foi capaz até de me possuir e levar a minha alma para aquele dito lugar que tanto me amedrontou. Achei melhor não desafiá-lo.

O demônio viu que eu estava sendo obediente, por assim dizer, então acalmou-se, a sua face tomou uma forma mais serena, exceto por seus olhos brancos e opacos, que continuavam inquietantes para mim.

— Não se preocupe com sua mulher. Não agora. Não amanhã. Nem depois do amanhã. Não tão cedo. Há outra pessoa que está na frente da lista. Mas uma hora chegará a vez da sua mulher.

— Por que está fazendo isso comigo? Por quê?

— Tenho uma pergunta pertinente para você. Por que você poupou a vida do Alexandro? Eu esperava que você apertasse o gatilho para acabar de vez o que tanto lhe atormentava. Mas não fez. Por quê?

— Você queria que eu cometesse um crime?

— Sim, mas não fez. Por quê?

— Com a graça de Deus, não é? — falei e vi que ele sorriu. Ele sabia que estava debochando por eu mencionar a palavra de Deus. Parece que mencionar o nome Dele nem surtiu o efeito de

afugentá-lo. Ele estava calmo demais, com seus olhos brancos me examinando, capaz de ver a minha alma.

— Por quê? — insistiu ele com a mesma pergunta.

— A verdade é que a minha consciência falou mais alto do que o ódio no meu coração e isso salvou a minha vida.

— O que te fez mudar de ideia para não meter a bala na cabeça dele? Diga-me, Henri, foi algo que passou na sua cabeça para desistir apertar o gatilho da sua arma? O que passou exatamente na sua cabeça, Henri?

— Porque eu não sou um monstro como o meu pai foi com a minha família. Não quis seguir o mesmo caminho que ele.

O demônio ficou quieto, ainda com aquele sorriso inquietante, como se apreciasse a minha dor pelo passado. Ele piscou com seus olhos brancos e depois me perguntou com sua voz ruidosa, sussurrante, que me causava calafrios. Odiei ouvir a voz dele. A voz carregada de maldade, capaz de provocar um choque na alma mais bondosa.

— O que fez o seu pai a querer matar a sua mãe e sua irmã?

— Achei que você soubesse toda a resposta. Me disseram que demônio sabe tudo. Tudo é balela?

— Eu só quero ver o que você sabe do seu pai.

— A bebida. Minha tia me contou que ele bebeu demais. Ele surtou. Eu não estou entendendo por que todas essas perguntas? Aonde você quer chegar com isso?

— Logo você vai saber. O seu pai não era o bom policial que salvou o menino adotivo que ia ser assassinado pela vizinha dele, mas que matou a sua própria família? Era ele mesmo o seu pai que um dia foi um bom policial?

— Sim, era ele mesmo. Por quê?

— Porque, Henri, se seu pai não tivesse salvado o menino, nada disso teria acontecido com sua mulher.

O que ele estava me dizendo me era muito estranho e não estava entendendo aonde ele queria chegar.

— Não sei do que você está falando. O que o menino tem a ver com a minha mulher?

— Você não entendeu, Henri? Esse homem safado aqui — disse ele, apontando para si mesmo, referindo-se ao corpo do Alexandro —, que fodeu a sua mulher, um homem crescido sem família e que se tornou um viciado em sexo, era o menino que seu pai salvou. Entendeu agora ou quer que eu desenhe para você, seu tolo?

Fiquei em choque. Era tudo o que eu senti nesse exato momento. Ele foi salvo pelo meu pai para anos depois comer a minha mulher? *Putá merda!* Se não era coincidência, não sabia mais o que pensar depois dessa descoberta aterradora.

— Apesar do garoto ter sobrevivido, isso não quer dizer que eu parei por aí mesmo. Não, Henri. Não parei. Eu fui atrás do seu pai.

Engoli em seco. Eu sabia que ele tinha algo a ver com meu pai depois de todas aquelas perguntas estranhas.

— Tirei a sua família do mesmo jeito que fiz com a dele.

Meus olhos encheram-se de lágrimas. Visualizei o rosto da minha mãe sofrendo, com a garganta cortada, vi a minha irmã correndo em direção ao meu pai para abraçá-lo antes de levar uma facada na cabeça. Visualizei as imagens de horror que fez o meu coração comprimir até sangrar pela dor.

— Por que está fazendo isso? Por quê?

O demônio suspirou e depois sorriu ao fitar meus olhos.

— Você não faz a menor ideia, não é, Henri? É irônico ver que o mundo é grande demais para você, mas a verdade é que ele é muito pequeno para você. Só que você não vê isso como eu vejo. Você, seu pai, sua esposa, Alexandro, a família dele, todos estão interligados, do passado, presente e futuro. Toda essa consequência se deve ao fato de um acordo não cumprido para atender à exigência dele. Ele espera a chegada da hora para se revelar ao mundo.

— Quem? E de que acordo você está falando? — perguntei, surpreso. Não estava entendendo nada.

— Aí que está a questão, Henri, que isso torna mais interessante para mim e vai ser divertido ver qual será o desfecho quando você descobrir a verdade.

Mais uma vez, eu fiquei confuso, sem entender nada do que ele estava querendo me dizer.

— De que acordo você está falando? Quem é ele? Eu exijo saber.

— Você quer spoiler, Henri? É isso que você quer ouvir?

— Sim! — respondi em voz alta. Queria entender toda essa história de uma vez por todas. O mistério que o demônio estava fazendo me deixou agoniado, desesperado pela busca da verdade.

— Não! Não vou dar resposta tão facilmente para você. Isso perderia a graça toda.

Maldito seja!

— Eu quero a resposta. Agora!

— Você vai encontrar uma resposta. E quando você encontrar, acredite em mim, ficará tão

chocado que você se arrependerá por ter descoberto a verdade. E quando descobrir essa verdade, aí que a sua verdadeira natureza virá à tona. É esse desfecho que anseio ver.

O demônio me fitou por um tempo, com seu olhar gélido percorrendo dentro de mim. Já me conhecia, além do meu medo, do meu defeito, ele esteve dentro de mim e esse era o meu maior medo. Ele me conhecia melhor do que eu mesmo. Senti as minhas mãos suando frio. Senti arrepios no meu corpo.

— Minha nova natureza? O que você quer dizer com isso?

— Você saberá!

— Responda-me!

De repente, ouvi um som baixo, porém familiar. Era o mesmo som da flauta que ouvi naquele lugar da escuridão. Todas as velas começaram a cair sozinhas, chamando a minha atenção. Era como se elas tivessem sido derrubadas propositalmente por um dedo invisível. As chamas alastraram nos móveis e nas cortinas. Até na cozinha, as velas caíram também. Voltei a olhar para o demônio de olhos brancos.

— O que está acontecendo aqui?

Ele não me disse nada. Só ouvi o som tocando monotonamente. Longo e agudo. Ele começou a rir. Estava fazendo tudo isso, para colocar sua casa em chamas. Não sei por quê.

— Você está fazendo isso de propósito? Responda-me. Que acordo é esse que você está falando? Qual é a minha nova natureza?

Ele não me disse mais. Apenas sorriu satisfeito, fitando-me em silêncio com seus olhos brancos enquanto as luzes das chamas aumentavam com intensidade. As chamas começaram a subir nas pernas da mesa da cozinha.

Eu afastei-me da mesa e me aproximei da porta, pronto para sair da casa. A pele do seu rosto, tomado pela chama, começou a queimar, transformando em carne, que cheirava a podridão. Abriu a boca, onde saiu um vômito branco e logo em seguida surgiu um longo e grosso tentáculo negro, que por ser cada vez mais grande, longo e grosso à medida que saía pela goela, rasgou a sua mandíbula e a sua cabeça despedaçou-se em pedaços de carne vermelha. Surgiu ali no meio da chama uma criatura alta, negra e esguia que crescia até alcançar o teto, com um tentáculo no lugar dos braços, tomado em chamas. Seus olhos brancos e opacos me fitavam em um aspecto mais demoníaco. Ele começou a emitir um som gutural alto, o verdadeiro grito do demônio. Não quis ficar mais ali, já foi suficiente presenciar a cena de horror deplorável. O corpo do Alexandro se foi e isso significava que a alma dele jamais voltaria para o corpo que não mais existia, consumido em chamas. Não sei por que ele fez isso para se autodestruir, mas não quis nem saber dele.

Eu saí da casa antes que a chama tomasse todo o lugar. O som da flauta se foi. Não consegui mais ouvi-lo novamente. Entrei no carro e fiquei ali por um tempo, observando o fogo da casa crescer, chamando a atenção de toda a vizinhança. Espessas fumaças negras subiam no céu.

Antes que alguém suspeitasse de mim por ser a última pessoa que ficou ali quando aconteceu a chama, eu liguei o motor do carro e saí dali. Durante toda a trajetória até a minha casa, eu fiquei pensando naquilo. Mal consegui dormir direito. Estava aterrorizado demais para conseguir pregar os meus olhos.

No dia seguinte, na manhã, eu e Felícia estávamos tomando café, tentando esquecer o que testemunhei. Eu estava grogue, de olhos inchados. Felícia até me perguntou se eu estava bem. Eu respondi que sim e que tinha dificuldade de dormir. Ela acreditou e disse que ia conseguir arranjar um remédio para eu dormir melhor. O telefone tocou e ela foi atendê-lo. Depois de alguns minutos, ela voltou com lágrimas nos olhos, sentando ao meu lado e enchendo o café na xícara, com as mãos trêmulas, aparentemente nervosa.

— O que aconteceu, minha querida? Quem era ao telefone? — perguntei. Nunca tinha visto a minha esposa daquele jeito.

— Era a minha amiga Luzia. Ela me avisou que um colega que trabalha no hospital morreu em um incêndio na casa dele.

Fiquei em silêncio. Eu vi que ela gostava muito dele, mesmo sem saber que o demônio o possuiu. Tudo o que eu fiz era tocar a mão dela com carinho. Depois do café, liguei a televisão e procurei a notícia do local. Apareceu um que dizia que foi encontrado um corpo carbonizado no local que era a cozinha, cujo estado estava bem destruído. Muitas testemunhas informaram que o jovem enfermeiro, que se chamava Alexandro Ortiz, estava em casa, que ele era uma pessoa legal, cheia de vida e possuía senso de humor. Também contaram que ele foi sobrevivente dos assassinatos cometidos pela vizinha Jennifer Moreira e o caso naquela época repercutiu pelos moradores da cidade, pois ela era conhecida por sua ação comunitária e ajudava os mais necessitados, mas depois do que ela fez com a família Ortiz, a imagem dela foi bastante denegrada e xingada. Até o túmulo dela foi revirado e destruído, com pichações que dizia que ela estava no inferno.

Após ver isso, eu desliguei. Não quis mais saber sobre isso. Tampouco do passado triste do Alexandro. Voltei a ficar junto com Felícia e ficamos abraçados o dia todo, olhando para o milharal. Estávamos decididos a vender a casa e procurar uma nova longe da minha cidade, para esquecer de tudo.

Eu e minha esposa começamos a arrumar nossa casa, colocando as roupas nas malas, guardando os pequenos objetos decorativos nas caixas para levá-los para a casa nova. Além das louças e utensílios de cozinha, tudo aquilo que era indispensável para colocar no caminhão de mudança, que chegaria nessa tarde quando tudo estivesse empacotado, pronto para despachá-los.

No quarto da minha tia, abri as cortinas da janela depois de muitos anos, deixando que a luz do sol entrasse. O cheiro do mofo pairava no ar e a atmosfera trouxe uma nostalgia de quando era viva e feliz, ao meu lado, para me cuidar, me contar várias histórias, ajudar nas tarefas escolares, lembrava muitas coisas boas sobre ela. Depois olhei para o crucifixo fixado na parede acima da cama, intocável, exceto pela luz do sol que parecia abençoá-lo. Abri as portas do guarda-roupa e o cheiro de mofo acumulado assaltou a minha narina, a ponto de me fazer espirrar, mas não surtiu efeito. Apenas esfreguei o nariz com a costa da mão e depois fiquei mexendo nas roupas penduradas nos cabides.

As roupas da minha tia eram todas antigas, no estilo do oitentista. *Vou doar as roupas dela para igreja*, pensei. *Creio que ela gostaria que fosse assim*. Peguei as sacolas de plásticos e com a ajuda da minha mulher, dobramos as roupas e colocamos dentro delas. Ao esvaziar o guarda-roupa, minha esposa puxou as gavetas e viu as calcinhas e sutiãs dela, e achou que era melhor jogá-las fora, afinal, quem, em sã consciência usaria as roupas íntimas usadas pela falecida? Isso não pegaria bem para ninguém. Ela colocou-as em outra sacola para depois jogá-las no lixo.

Na última gaveta, eu encontrei uma pequena e retangular caixa envolta de papel de decoração vintage decorativo e eu já tinha visto isso muitas vezes quando a minha tia pegava-a para ver algumas coisas, algo que eu não fiz questão de perguntá-la. Não tinha interesse em saber das coisas pessoais dela. O que era dela sempre era dela enquanto eu tinha outro interesse, que era namorar e divertir-me com meus amigos. Agora que ela se foi, encontrar essa caixa foi o que despertou a minha curiosidade. Afinal de contas, o que tinha de tão especial ali que minha tia fez questão de guardá-la com tanto carinho durante todo esse ano?

Abri a tampa da caixa e vi um pequeno papel branco com as letras da minha tia, que era um trecho da Bíblia: *Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça*. Por baixo do bilhete, havia um diário com capa de couro preto envelhecido, recortes de jornais e fotos. Papéis escritos à mão, em uma caligrafia estranha que não parecia ser dela, mas de alguém que desconhecia, talvez amigas ou parentes dela. Depois vi as fotos. Da família dela. Avós. Minha mãe e minha tia quando eram jovens. Fotos da família de geração para geração, vi uma dela, totalmente gasta com o passar do tempo, uma família reunida, três homens adultos com terno e chapéu pretos, duas mulheres com dois bebês no colo e três crianças entre cinco a dez anos. A foto talvez era por volta do ano de 1920.

Outra foto que vi era um grupo de seis mulheres, sendo uma delas negra, todas jovens, que

vestiam apenas roupas pretas, juntas uma a outra, com as mãos dadas em frente à máquina de fotografia. Atrás delas, perto da floresta, havia uma antiga casa de madeira com dois andares. A casa eu desconhecia e nem sabia onde ficava.

Demorei um pouco para reconhecer uma delas, do lado esquerdo, era a minha tia quando jovem. A foto foi tirada nos anos setenta. Ela era bonita, mas possuía um aspecto muito sério. Talvez uma garota rebelde. Depois vi outras garotas que nem consegui reconhecer quem era, mesmo com nomes escritos à mão feita pela minha tia na parte inferior da foto. *Gertrudes Ortiz, Carol Hermann, Jennifer Moreira, Caroline Vidal, Érica Montenegro* e, por fim, o nome da minha tia, *Samara Monteiro*. Sorri pela foto.

Peguei os recortes dos jornais todos embaralhados e comecei a ler um por um, para matar a curiosidade:

JOVEM PROSTITUTA É ENCONTRADA MORTA NA FLORESTA. O ano era 1992 e mostrava uma foto com um corpo coberto de lona preta. A vítima era Melissa Ortiz. Em frente do corpo, estava o jovem policial de pé, olhando para o cadáver. O policial era o meu pai quando jovem. A vítima deixou um filho de três anos, Alexandro Ortiz, que ficou sob os cuidados tutelar do Roberto Santos, primo da Melissa e padrinho do menino.

MENINO SOBREVIVE DA CHACINA POR UMA VIZINHA LOUCA. Era 1996. Alexandro Ortiz tinha sete anos. A foto, em preto e branco, mostrava o menino dentro do carro da polícia, com o rosto sofrido e coberto de sangue, olhando para o fotógrafo que tirou a foto sem nenhuma permissão e, mesmo assim, colocou no jornal com a finalidade de vender mais. Um filho da puta, não é?

MADAME BRANCO PRESA EM FLAGRANTE VENDENDO DROGA ÀS JOVENS. Uma senhora de quarenta e poucos anos foi pega em flagrante vendendo saquinhos de cocaína para adolescentes sem saber que estava sendo monitorada pela polícia. Era uma mulher negra muito conhecida nas favelas como Madame Branco por causa da cor da cocaína. A foto mostrava-a mulher tentando esconder seu rosto usando um casaco em meio à multidão de repórteres e fotógrafos. O recorte mencionou que ela tinha uma filha de dez anos que foi mandada para um abrigo de adolescentes.

Olhei para a foto de seis jovens e vi a garota negra jovem e bonita, diferente de como ela ficou na foto ao quarenta e poucos anos, abatida e prejudicada pelo efeito das drogas. Lamentei que as pessoas pudessem se envolver com esse tipo de droga que as levaria às ruínas sem o menor esforço para pensar nas consequências.

MISTÉRIO DA SEITA SATÂNICA PERMANECE. Não dizia em que ano foi, já que a tinta preta no jornal estava apagada, dificultando a minha leitura. Mas havia alguns trechos que foram possíveis de ler: *A casa de campo é incendiada, cujo corpo foi encontrado carbonizado. Testemunha informa que viu seis garotas fugindo no local do crime pela floresta, sendo que uma delas carregava um bebê no colo, mas seus nomes e paradeiros são desconhecidos. Polícia ainda investiga.*

Olhei novamente para a foto com seis garotas. As roupas pretas. A casa atrás dela. A impressão que tinha ao ver essa foto era que parecia mais como um grupo de bruxas envolvendo

magia negra. Será que era isso que estava vendo? Bruxas? Essa revelação sobre o passado da minha tia começou a me assustar e não estava gostando nada disso. Minha tia manteve isso em segredo durante anos. A verdade estava vindo à tona para mim.

Olhei outros recortes:

POLÍCIA INVESTIGA DESAPARECIMENTO DO BEBÊ. Março de 1972. O trecho do jornal relatava sobre o desaparecimento do bebê de seis meses, Arthur Hothz, quando a mãe, Amélia Hothz, estava pendurando as roupas no varal e só se deu conta quando percebeu que o bebê não tinha chorado o dia todo. A polícia acredita que o bebê tenha sido sequestrado. Tinha até a foto dele em preto e branco, todo fofo e risonho, de olhos arregalados, provavelmente tomado de susto pelo flash da máquina fotográfica.

Esse nome, Arthur Hothz, eu já o conhecia. Ele era um televangelista muito famoso no Brasil e tinha um canal que transmitia o culto religioso todos dias no seu templo erguido pelos dinheiros dos fiéis, ao vivo, nas madrugadas.

BEBÊ SEQUESTRADO É ENCONTRADO NA IGREJA. Era março de 1972. O funcionário da igreja encontrou o bebê abandonado dentro do confessionário quando ouviu um choro. Foi levado à polícia. Foi relatado que havia um estranho símbolo marcado a fogo em brasa no seu peito. Fiquei chocado pela tamanha crueldade com o pequeno ser. Ser marcado como se fosse um bezerro? Para quê? O que as meninas fizeram com ele foi imperdoável. Abominável.

BEBÊ MARCADO A FOGO TEM FINAL FELIZ. Um mês depois de ser encontrado na Igreja e após investigação da polícia e do conselho tutelar, que durou muitos dias, finalmente o bebê era devolvido aos braços da verdadeira mãe, Amélia Hothz.

MULHER DESAPARECE MISTERIOSAMENTE. O trecho dizia: Mulher de 42 anos, Carol Hermann, saiu de casa sem deixar nenhum recado. A filha dela, Patrícia Hermann Mourão, 21 anos, e o marido, José Mourão, de 55 anos, notificaram ao departamento da polícia o desaparecimento dela. Não havia indício de arrombamento da casa e a possibilidade do sequestro era descartada. A causa do desaparecimento dela era desconhecida. Foi o ano de 1996. Curiosamente, um dia depois do assassinato da família do Alexandre que ela decidiu desaparecer.

Este recorte trouxe mais uma revelação que me deixou estarrecido. Não era pelo fato da mulher desaparecer, deixando o marido e a filha em desespero e sim, por descobrir que a referida desaparecida era a avó da minha esposa Felícia, por causa do seu sobrenome, por causa do nome da mãe dela, Patrícia Hermann Mourão. Ela tinha me contado algumas vezes sobre a avó dela que desapareceu sem nenhuma explicação e até hoje o seu paradeiro, viva ou morta, ainda era desconhecido. Quanto aos pais dela, ambos faleceram em um acidente de carro.

Olhei novamente a foto. Procurei uma delas que pudesse ser a avó da Felícia. Pela ordem do nome anotado, vi que ela ficava no meio, ao lado da garota negra. Era uma jovem com o rosto mais redondo, de cabelos soltos e olhar enigmático.

Deixei os recortes na caixa e peguei o diário dela. Abri a capa e vi todas as páginas rascunhadas com caneta de tinta preta. Frases, letras, desenhos, rascunhos, tudo misturado para

cada folha. Vi alguns desenhos de bebê com o coração arrancado por uma mão adulta. Senti meu coração comprimido cada vez mais por uma mágoa pelo que a minha tia havia feito por algo tão obscuro, cruel e maligno. Eu admirava-a tanto pela sua sabedoria, inteligência e tudo de bom que ela fazia, mas agora, depois de ver isso... não sabia mais o que dizer. Decepção era a palavra que mais me definiu nesse exato momento. Então lembrei do recorte anterior que dizia que uma testemunha vira seis jovens fugindo com um bebê no colo enquanto a casa pegava fogo. Elas não mataram o bebê.

Folhee mais folhas e vi mais figuras grotescas, demoníacas com tentáculos saindo na parte do corpo, que somente o pior pesadelo era capaz de produzir tal imagem. Não estava mais segurando como um diário comum para expressar sentimentos, poesias, e pensamentos, e sim um livro recheado de coisa de malignidade. Não entendi o porquê ela guardou essa coisa ruim na caixinha. Para ter uma boa recordação? Acho que não. O bilhete com trecho bíblico dizia o contrário, falava sobre perdão. Ela queria ser perdoada. Algo me dizia que ela deixou isso para eu ver, para eu descobrir o que ela tinha feito. Se ela quisesse manter tudo isso em segredo, ela poderia tacar fogo nessa caixa para apagar todas as evidências do passado dela, mas não fez isso. Havia também o fato dela ter interesse em recortar as notícias relevantes em todos os jornais impressos que considerava importantes e que tinha ligação com ela e as amigas dela. Ela não fazia isso por hobby como eu pensava, ela fazia isso para eu saber sua história através dos recortes de jornais.

Larguei o diário e voltei a olhar novamente para a foto com seis garotas. Comecei a pensar, juntando as peças através dos recortes para formar uma história: uma delas, não sei quem foi, sequestrou o bebê, e elas foram até a casa do campo com um homem lá dentro, talvez um líder da seita, e fez pacto com o demônio cujo nome não sei quem era em meio à invocação, marcando o símbolo no peito do bebê, que chorou de muita dor pela queimação na pele. Porém, algo fez as meninas mudarem de ideia. Talvez o choro do bebê as deixou sensibilizadas. Decidiram não matar mais o bebê e o líder tentou persuadi-las, para dar continuidade ao ritual satânico, mas algo saiu errado. Uma delas confrontou o líder, que saiu machucado e ficou inconsciente; em seguida, elas colocaram fogo da casa para impedir que o líder as perseguisse e matasse o bebê. E uma delas devolveu o bebê ao orfanato, que o devolveria aos braços da mãe.

Essa seria a história, mesmo não sabendo cem por cento com exatidão da sua veracidade. Agora, tentei entender qual era a ligação disso. E também havia outra pergunta que não saía da minha cabeça: *por que estávamos sendo atacados pelo demônio?* Eu, Alexandro, meu pai, todas as pessoas ligadas a essas seis garotas. Lembrei do demônio falando sobre o tal acordo que não foi cumprido para atender à exigência dele. *Que acordo ele estava falando? E quem era ele a quem o demônio referia? O líder?* Olhei a foto das jovens. Pensei. Bebê marcado a fogo para invocação. Essa invocação fazia parte do ritual que não foi finalizado. Era esse o acordo não cumprido? Ele estava falando do ritual? Que as garotas não finalizaram o ritual, que invocaram o demônio para matar o bebê. E como isso não aconteceu, elas quebraram o acordo, ou seja, ritual, e trouxeram uma consequência para elas e, posteriormente, para nós. Sem êxito do ritual, o demônio começou a perseguir uma por uma as pessoas próximas das pessoas que negaram o acordo com ele. Por isso, elas pagaram preços altos dessa consequência, que atormentariam para o resto da vida. Aconteceu tanta infelicidade, tormento e tragédia. Estávamos marcados pela maldição da família do passado. De geração para geração. Essa conclusão fazia sentido para mim. Mas ainda tinha uma pergunta que não consegui responder: *Quem é ele que pediu*

exigência para cumprir o ritual? O demônio me disse que ele esperava a chegada da hora para se revelar ao mundo. Não estava falando do líder que foi morto em uma casa incendiada. Ele estava falando do outro, alguém mais forte, poderoso, para se revelar ao mundo quando o ritual fosse cumprido com sucesso. O Anticristo? Não sabia!

Olhei novamente a foto, examinando mais atentamente. Vi uma coisa que chamou minha atenção. Uma das janelas do andar superior da casa, eu vi uma coisa oculta na escuridão, que parecia a silhueta de uma pessoa negra. Pensei que era a sombra refletida na janela por alguma imagem do exterior, confundindo com uma pessoa diante dos meus olhos. Só que era pessoa mesmo. Examinei-a de perto, apertando os olhos para captar o contorno da silhueta negra atrás do vidro da janela e então vi seus olhos brancos, discretos, mas eram olhos mesmo. De repente, a claridade do quarto desapareceu, tomado pela sombra. Olhei lá fora, através da janela, e vi que as nuvens engoliram o sol. Como se o mal estivesse me observando. Comecei a me sentir muito mal. Aquele mesmo pressentimento de coisa ruim voltou à tona e agora mais forte, que fez as minhas mãos tremerem.

— Não vou te perdoar pelo que fez comigo e com outras famílias! Que Deus tenha piedade de você, tia!

Após eu dizer isso, ouvi um barulho de algo arranhando na superfície. Virei o meu rosto para o lado para verificar a origem do barulho e vi o crucifixo que estava pendurado na parede em cima da cama da minha tia virando lentamente de cabeça para baixo. Meus pelos ficaram eriçados de repente e senti um aperto no meu pescoço, em pânico.

Larguei a foto na caixa e tapei-a imediatamente. Não quis tampouco saber da foto. Não quis nem saber se a minha tia tinha algo a ver com o demônio. As roupas pretas, um grupo de seis mulheres, uma casa estranha perto da floresta... não, não queria saber tampouco a porra disso. Minha tia fez algum culto satânico. Se arrependeu e quis atear fogo na casa para livrar-se do mal. *Foda-se! Problema dela. Ela que começou.* Agora eu queria esquecer dessa história, dessa coisa de demônio. Não queria mais saber disso. Joguei a caixa na sacola, junto com as roupas íntimas da minha tia. Levei-as e joguei no lixo. E ponto final. Melhor não saber mais nada. Depois que joguei as coisas dela no lixo, o sol finalmente voltou a brilhar.

Arrumamos nossas coisas e partimos logo sem nenhuma saudade da minha casa e da minha terra. Dias depois aqui estamos, instalados nessa casa nova em um bairro pacato de família, da cidade de São Paulo, e torci para que tudo fosse normal para nós. Nada de susto. Nada de surpresa desagradável. Nada de coisa de outro mundo. A noite estava silenciosa, permitindo-me ouvir os cricrilar dos grilos que se escondiam entre os matos na proximidade da minha casa. Senti a brisa acompanhada pelo cheiro de jasmim que me envolvia. Eu sorri. Estava tudo em paz nesse momento. Foi uma boa escolha ter vindo aqui. Bebi cerveja na lata. Após esvaziá-la, amassei-a com apenas uma mão só para mostrar que ainda tinha um pouco de força e joguei no mato ali perto, sem me importar que estava poluindo a rua. Não estava mais a fim de cuidar de tudo. Arrotei e voltei para o meu quarto. Minha esposa estava dormindo, sossegadamente. Deitei com cuidado para não acordar e virei o meu corpo, com o meu rosto voltado para o dela, apenas para olhá-la por um tempo, para apreciá-la e sentir-me um homem sortudo por ela ser a minha esposa.

O outono chegou. Tudo transcorria maravilhosamente bem para mim e para a minha esposa. Fomos convidados para ir com a família Manezzo passar uma tarde de piquenique no parque, no final de semana. Para voltar a ter uma vida normal, logicamente que aceitamos.

Quando chegou o tão esperado final de semana, eu e minha esposa, juntos com nosso vizinho, estávamos sentados onde havia um playground para as crianças brincarem. Cada casal trazia lanches, como: sanduíches, refrigerantes, cervejas e torta de cereja em fatias.

Conversamos sobre nossas vidas, nossos trabalhos, as coisas que gostávamos de fazer e ríamos muito das piadas que o Sr. Manezzo contava sem nenhum pudor. Eram piadas sujas que nenhuma criança deveria ouvir.

Olhei para a minha esposa e lhe disse que a amava e que estaria pronto para criar uma família com ela.

— Boa tarde, querida. Você está linda hoje! — disse minha vizinha, acenando para alguém. Ela exibiu um sorriso, que parecia forçado e artificial, e seus olhos demonstravam preocupação.

— Obrigada — respondeu a mulher.

Ela olhou para mim e falou baixinho:

— Não gosto daquela moça. Ela é louca!

Olhei para a tal moça, que já estava se afastando, caminhando em direção ao playground. Ela usava um sobretudo roxo. Eu a reconheci imediatamente. Vi uma das crianças, um menino de cabelos pretos e cacheados, correndo em direção a ela, com os braços esticados.

— Mamãe!

Fiquei calado, pálido e assustado.

Minha esposa percebeu que eu estava meio estranho, por causa da minha reação. A verdade era que eu tinha presenciado uma cena em algo horrível e estava prestes a acontecer de novo. A esfera de luz que peguei quando estava em outra dimensão não mostrou a visão do passado, mas sim o que viria pela frente, no futuro, ou seja, o agora. *Déjà vu! Premonição?* Não sabia! Mas que ia acontecer, isso ia mesmo!

— Querido, você está bem? O que foi que você viu para ficar assim? — ela me perguntou. Pelo tom da sua voz, estava preocupada comigo.

Eu não respondi. Estava perturbado demais para prestar atenção ao seu redor. Tudo que eu olhava era para aquela moça com seu sobretudo roxo e depois para a sua bolsa. Poderia visualizar com maior clareza, como uma visão de raios X, o que tinha dentro dela. A bomba com sua contagem regressiva, contando.

Temí que eu teria que passar por tudo isso de novo. Então, tudo o que eu podia fazer, em vez de ir atrás da moça para impedir que a bomba chegasse a playground e causar vítimas, era pegar na mão da minha esposa e sairmos do parque às pressas, minutos antes de ouvir a explosão que causaria pânico.

Assim que entramos no carro, houve um pânico geral lá fora. Felícia podia ver a fumaça subindo vindo na praça onde ficamos há poucos minutos atrás e ficou sem entender nada que aconteceu, mas ficou bastante assustada, ainda mais ouvindo os gritos lá fora. As pessoas que estavam no parque saíram correndo apavoradas, as outras foram para o local da explosão para socorrer as vítimas.

— Meu Deus! Foi um atentado terrorista?

Eu não falei nada para ela. Quanto ela menos soubesse a verdade que testemunhei enquanto estava em outra dimensão melhor ainda. Queria protegê-la. Meu coração estava disparado, minhas mãos tremiam. Estava nervoso com a situação toda. Liguei o carro e saímos do lugar. Quando cheguei na estrada, apareceu ambulâncias, viaturas e bombeiros, com sirenes ligados, correndo em alta velocidade, para o local da explosão. Eu lamentei pelas vítimas e poderia ter feito algo para impedir, mas mesmo assim não quis. Queria deixar tudo para trás.

A luz do indicador de nível de gasolina piscou. Estava quase acabando. A sorte era que essa mesma estrada levava para um posto de gasolina não muito longe dali. Já tinha visto-o antes. Assim que o vi, estacionei ali e enchi o tanque. Depois que paguei, voltei ao carro, puxei o cinto de segurança e o preendi. No momento em que coloquei as minhas mãos no volante, olhei para o para-brisa e vi três lindas mulheres, paradas fora do estabelecimento comercial perto do posto de gasolina, onde vendia bebidas. Elas exerciam uma forte atração em mim, como sereias cantando lindamente para me atrair.

Algo me dizia que eu voltaria a ver aquelas três mulheres novamente. Nós iríamos para um lugar reservado, onde faríamos um sexo grupal. Depois disso, elas seriam *mortas*. Estripadas. Meu desejo falou alto por isso. Eu iria matá-las usando uma adaga que compraria em uma loja de caça e pesca. A escuridão dentro de mim me pedia para fazer isso. O prazer, o medo, a excitação, a adrenalina, me pedia isso. A lâmina da adaga afiadíssima cravando na pele de cada uma delas, cortando em uma linha reta, que ia do ventre até o meio dos seios. Com as duas mãos, abria a pele, rasgando-a e, em seguida, tiraria todas as suas entranhas. Mas antes de jogá-las no chão, eu provaria o seu sabor de carne quente. O sangue escorreria na minha boca, delirando com seu sabor com prazer, como um vampiro faminto. Apenas de pensar nisso, esbocei um leve sorriso, não era involuntário, mas por vontade mesmo. Não sei por que, mas pareceu tão... prazeroso.

— Henry? — Minha mulher me chamou. Mas não a olhei porque não consegui tirar o olhar daquelas mulheres.

Quando eu senti isso com o meu pensamento nefasto, me dei conta no que eu estava prestes a tornar-me. Era isso que o demônio estava querendo me dizer? Que eu estava prestes a me tornar um assassino de mulheres? Um *serial killer*? Era isso que ele estava querendo me dizer? Era essa a consequência que eu teria que arcar por ter escapado naquele mundo da escuridão? Que eu descobriria a minha nova natureza depois de descobrir o passado da minha tia e seu envolvimento com a seita satânica. Agora, eu estava sentindo algo novo me despertando. Uma coisa nova e poderosa crescendo em mim, e o pior era que eu estava começando a gostar dessa nova sensação. *Não! Não!* Sacudi a cabeça com força, para dissipar o pensamento mórbido, não era o meu tipo, nunca fui assim. Não, eu me recusava a acreditar nisso. *Não posso ser! É coisa da minha cabeça! Maldita cabeça falando uma coisa terrível! Não sou nada disso não!*

— Henri? — minha mulher, mais uma vez, me chamou.

Minha voz interior insistia para matá-las. *Mate-as! Mate-as!* Vi a adaga na minha mão rasgando a pele de cada uma delas, o sangue em profusão no chão, as entranhas entrando na minha goela. Eu estava rindo e dançando em torno dos corpos despedaçados das mulheres, nu. Primeiro dancei com as ovelhas desmembradas, agora as mulheres. Sorri involuntariamente.

— Henri? Está me ouvindo?

Virei o meu rosto, lutando para livrar do pensamento horrível e olhei para minha mulher. Quando a vi, seu rosto estava derretendo como se fosse cera vermelha, revelando pouco a pouco o seu crânio coberto de músculo vermelho vivo.

Estava começando tudo de novo. Eu sabia que não era real. Nada disso era real. Tinha que acreditar em mim de que nada disso era real.

— Você está bem, querido? — perguntou ela enquanto os lábios carnudos apodreciam e caíam aos poucos.

— Está tudo bem, querida! — falei, esboçando um sorriso mesmo vendo seu rosto derretendo, com alguns pedaços de carne caindo aos poucos. Era horrível, mas eu não podia entrar em desespero. Não podia surtar, não agora. Não tão cedo assim. Eu sabia que nada disso era real. Logo, logo ia passar.

— Henri?

— Sim, meu amor?

— Você me ama? — perguntou ela, com a mão sem pele humana, apenas músculo, que sangrava pousando sobre a minha coxa. — Você me acha bonita?

Olhei lá fora e vi as três mulheres, que agora não possuíam mais pele humana, e sim músculos vermelhos e vivos, que ao menor movimento, os músculos espremiam e saíam sangue. Elas sorriam para mim. Ignorei-as e olhei para Felícia, com ar assustado, meu coração disparava cada vez mais rápido, mas lutei para esconder dela. Não queria deixá-la preocupada mesmo que a sua aparência fosse horrenda demais para mim, mas era questão de tempo voltar à normalidade. Era apenas minha cabeça que estava criando coisas horríveis ao meu redor. Sacudi a cabeça, para me livrar do pensamento demoníaco. Olhei para ela e esforcei para sorrir, para esconder a minha preocupação.

— Você me ama, Henri? Ama?

— Sim, meu amor! Eu te amo, mais do que você nem imagina. É melhor sairmos daqui e voltar para casa. Lá é mais seguro para nós.

Ela não falou mais, apenas concordou comigo, sorrindo para mim com sua beleza de anatomia de músculo diante de mim. Tinha que acostumar com essa beleza de horror, porque eu sabia que não ia durar muito tempo e logo ia voltar a sua normalidade. Não podia enlouquecer na frente dela, não queria ser internado no hospital psiquiátrico, nem tomar remédio. Tinha que fingir que estava tudo bem. Tinha que viver a minha vida normal, mesmo com a minha visão distorcendo a realidade. *Filho da puta! O maldito demônio fodeu minha cabeça.* Agora não adiantava mais chorar. Precisava preservar um pouco da sanidade que sobrou em mim. *Mate as putas, Henri! Não! Mate-as! Mate-as!* Não, não e não! Vai se foder, seu maldito demônio! Tinha que preservar a minha mente a qualquer custo. *Preciso disso!*

Mas caso eu não conseguisse mais segurar a minha sanidade, eu tinha outra opção. Olhei diretamente para o porta-luvas. Por trás dela, podia visualizar perfeitamente a minha arma, a mesma que tentei matar o amante da Felícia, mas que não o matei. Ela estava ali, quieta, envolta na escuridão, me esperando. Eu prometi que a usaria quando eu não conseguisse mais segurar o mal que brotava em mim. Que colocaria o cano da arma na minha boca e meteria a bala no meu miolo. Mas não faria isso, não perto da Felícia. Ela não merecia ver o fim do meu destino. Não em casa. Faria isso quando eu estivesse bem longe, longe das pessoas, talvez um campo vazio... uma floresta... um lugar distante e isolado, onde ninguém me encontraria, ou talvez sim, porém muitas semanas depois, já em estado de decomposição, onde vermes me devorariam.

Porém, tal pensamento mudou quando olhei para a minha mulher e vi que ela sofreria a mesma consequência pelo qual eu passei, que ela estava marcada pela maldição do demônio. Queria contar tudo o que descobri naquela caixa cheio de recortes e o diário da minha tia, mas Felícia não merecia sofrer. Nem merecia saber que sua avó tentou matar um bebê e fazer pacto com o demônio. Que ela desapareceu justamente por causa disso, para fugir do mal. *Não, ela não pode saber disso.* Amava demais a minha mulher e tudo o que eu queria era vê-la feliz. Eu tinha que tentar alguma coisa, para salvá-la enquanto houvesse um pouco de sanidade em mim, antes que eu decidisse estripar as garotas. Tudo o que eu sabia era que o demônio ia atrás dos parentes ligados aquelas garotas da seita porque o acordo não foi cumprido. Que o bebê estava salvo. Ocorreu então o tal pensamento: *E se eu terminar o que elas não conseguiram fazer? Matar aquele bebê, para cumprir o acordo com o demônio? Seria que isso iria pôr fim na perseguição do demônio?* Talvez sim, talvez não. Mas tinha que tentar. Eu sabia o que aconteceria a seguir se eu cumprisse o ritual. Que seja lá quem ele fosse chegaria e se revelaria ao mundo quem era de verdade. Teria que ver aonde isso ia dar. A sorte era que eu já sabia quem era o bebê sequestrado, eu sabia o nome dele e onde ele estava. Eu já tomei uma decisão e iria até o fim, custe o que custasse, para o bem da minha mulher, para mim e para todos os envolvidos.

Liguei o rádio e, curiosamente, ouvi a música *Demons*, de Imagine Dragons, que eu tinha ouvido algumas vezes. Segurei a mão da minha esposa, sentindo seu músculo úmido, pegajoso e gelado, onde o sangue dos dedos dela escorria por entre os meus ao espremê-los mesmo que delicadamente. Calado, observei lá fora, onde podia ver uma linda e vasta planície, que se estendia até o final do horizonte. Eu sorri, tinha que sorrir, para mim mesmo, para me convencer de que estava tudo bem. Tinha que acreditar nisso. Que tudo ia ficar bem. Que tudo ia dar certo. Que o acordo com o demônio tinha que ser cumprido, para pôr um fim na maldição. Caso contrário, eu teria um encontro com o calibre 38 antes que eu virasse um *serial killer*, um ser que eu não desejaria viver.

When you feel my heat

Look into my eyes

It's where my demons hide

It's where my demons hide

Don't get too close

It's dark inside

It's where my demons hide

It's where my demons hide [\[3\]](#)

PARTE FINAL

SHIRLEY

A luz pálida da manhã de inverno entrava pela janela do quarto rústico da cabana instalada no meio da floresta, em Campos do Jordão. Na cama de casal, encontrava-se dois corpos nus, abraçados, que aqueciam um ao outro. Shirley Amorim, uma jovem negra de vinte e poucos anos, observava longamente o dorso de pele clara, largo, com os dedos deslizando sobre ele, acariciando-o. O cheiro perfumado dele, misturado com o odor do seu sexo, era inconfundível. Ela suspirou. Estava amando-o. O sexo tinha sido maravilhoso para ela.

— Bom dia, meu gato gostoso!

— Bom dia! — disse ele em voz baixa, sem virar para o lado. Parecia não querer conversar e nem acordar. Queria dormir mais, depois de foder a noite toda com a namorada.

Os dois permaneceram em silêncio, sentindo o calor da sua pele junto com o outro. Ela colocou seu rosto no dorso dele, ouvindo a batida do coração dele, a respiração dele. Ela queria aproveitar o máximo momento de estar junto com ele, pois o destino para os dois eram de incertezas. Ela sabia disso. Depois, lembrou da conversa que teve com ele depois do sexo. Uma conversa sobre o passado dele, que o deixou entristecido e que lutava para esquecer e tocar a vida. Ela ficou séria, pensativa, pensando o quanto ele passou por maus bocados quando era criança.

— Até agora não consigo esquecer o que você me falou sobre o que aconteceu com seus pais. Meu Deus! Que coisa horrível! Sinto muito por tudo o que você passou.

— Prefiro que não toque no assunto. Vida que segue!

— Está bem! Prometo que não tocarei mais nesse assunto. Eu mesma já passei maus bocados. Os meninos da escola me chamavam de coisas horríveis por causa da minha avó. Olha ela aí, Cheiradora de Pó. Cuidado com essa netinha de psicopata. Ah! Que saco, viu?

Ouviu-o suspirar e depois bocejou. Virou o corpo para o lado, espreguiçando-se. Ela viu que o pau dele estava duro, rígido como uma rocha. Ereção matinal. Ela riu.

— Está bem animadinho hoje, não é?

— A sua voz me excita, meu amor — disse Alexandro, com um sorriso malicioso.

Ela riu.

— Vamos combinar uma coisa, meu amor?

— Qual?

— Chega de falar do passado, está bem? Águas passadas. Tudo o que eu quero agora é estar com você. Linda e sexy do jeito que eu gosto — disse ele, colocando seu corpo em cima dela, com o rosto quase encostando no dela. Viu a alegria estampada no rosto do Alexandro, olhando para os olhos dela. Apesar do mau hálito da manhã, ele nem ligou para isso. Tudo o que ele queria naquele momento era fodê-la novamente.

— De novo?

— De novo sim!

— Aguenta mesmo?

— Sim, pode apostar que sim.

— Nossa, haja fogo que você tem aí.

— Você nem faz ideia do que tem dentro de mim. Sou um deus do vulcão prestes a expelir mais lava de fogo para você.

Ela riu e enlaçou os braços em torno do pescoço dele. Ele ajeitou o quadril nos dela sem tirar os olhos dos dela e a fodeu por um bom tempo.

Depois do sexo quente da manhã fria, eles passaram a ficar mais juntos do que nunca, desde tomar café com *croissant* e frutas na cama, passearam pela floresta para contemplar o belo lago, e voltaram para a cabana. Eles passaram uma tarde maravilhosa e, antes que anoitecesse, Alexandro saiu da cabana levando um machado para buscar mais lenhas. Precisava delas para colocar na lareira à noite. Seria a noite mais fria, mas o amor entre os dois seria aquecido, aliado a um bom vinho. Shirley estava na cozinha, olhando pela janela, vendo Alexandro, com o machado na mão, parecendo um másculo lenhador e isso a deixava feliz.

Na floresta, ele encontrou um tronco com galhos caídos no chão e ao examinar que o mesmo não se encontrava apodrecido, começou a cortá-lo usando a sua força ao golpear com o machado, fazendo o grosso galho partir-se ao meio, sendo que uma parte era lançada no ar e logo em seguida caía no chão ao lado dele. Depois de cortar alguns pedaços de galhos, ele fincou o machado no tronco caído e inclinou para juntar as lenhas quando alguém apareceu atrás dele, colocando os braços cobertos de mangas do agasalho vermelho e uma boca sensual se aproximou no ouvido, com a sua voz sussurrante:

— Olá, meu príncipe! Senti sua falta!

Alexandro se levantou assustado, largando as lenhas no chão, e olhou para a pessoa com a voz sensual. Ela estava toda linda, com seus cabelos volumosos e cacheados, com sua cor inconfundível de negro azulado. Seus lábios estavam vermelhos por conta do batom e havia rímel nos seus olhos, tornando-a uma fêmea fatal e sexy. O suéter vermelho combinava com o seu rosto pálido e seus cabelos.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu queria te ver novamente. Você tem fugido de mim, se escondendo, mas não vai adiantar, porque eu sempre te encontro de qualquer jeito. Tenho minha fonte confiável que me contou onde você estava. Aqui estou eu!

— Olha, por favor, peço que vai embora. A minha namorada está aqui e não quero que ela descubra que você está aqui de novo. Eu imploro, vai para casa.

— Sua namorada? Aquela que está na cabana? Você não me engana, Alexandro. A sua *outra* namorada está grávida e está na cidade pensando que você está saindo com um amigo para pescar, quando, na verdade, está trepando com a irmã dela. Irmã gêmea, Alex! — E ela caiu na gargalhada por alguns segundos. — Acha que eu pensaria que era a mesma pessoa? Só que não! A gravidez dela é que entregou. Se a irmã dela soubesse que você está aqui com a putinha gêmea...

— Como chegou aqui?

— De moto, o que mais poderia ser? Se cheguei até aqui, não voltarei para casa de mãos vazias.

— O que você quer, então?

— Quero você! Quero passar uma noite com você — disse ela, toda atrevida, com a mão na parte íntima dele, sem nenhum pudor com seu olhar malicioso.

Alexandro começou a se aborrecer pela garota e tirou a mão dela, que o apalpava. Não estava sentindo nenhuma atração por essa garota que buscava o prazer fácil. Ele se arrependeu por envolvê-la. Ele transou, tirando a virgindade dela. E desde então estava sofrendo perseguição obsessiva dessa garota, que queria estar mais com ele, envolvê-lo, tê-lo como noivo, futuro marido, futuro pai da criança. Ele avisou que não poderia mais continuar se encontrando com ela, que não havia nenhum interesse amoroso e nem compromisso com ela. Mas a garota não aceitou ser ignorada e esquecida. Ela surtou e não aceitava a rejeição numa boa.

— Vai para casa! Não quero mais problema aqui, está me entendendo?

— Não vou sair, Alex. Não sem você, meu amor!

Alexandro sabia que não seria fácil lidar com ela. Estava lidando com uma jovem com instabilidade mental, apesar da sua beleza angelical e do corpo maravilhoso, mas a mente dela era vazia e triste.

— Vai embora! — gritou ele e virou de costas para ela, pegando algumas lenhas no chão e, quando virou o rosto para o lado, na esperança de que ela tivesse ido embora, mesmo de coração partido, mas fora necessário para que tocasse a vida e achasse um namorado que estivesse à altura dela e do seu desejo. Mas não ocorreu como ele pensava, ela ainda estava ali, olhando para ele, com um sorriso. E apontava uma arma para ele.

— Puta merda! Você só pode estar brincando?

— Não quero ser mandada embora e fui obrigada a tomar essa decisão.

— Não precisava dessa maneira. Não queria cometer uma besteira que possa lhe arrepender mais tarde. Abaixе essa arma, garota!

— Não! Só irei embora se você me foder. Ah, Deus! Eu te amo demaaaaais! Te amo muito! Amo tudo de você. Sua boca, seu corpo, seu pau... você é tão boooooom e gostoso!!!

— Não, você não entende nada de amor. O que está fazendo, isso não é amor, é loucura e loucura de cometer um crime. Por favor, garota, tenha juízo!

— É amor, sim! Uma coisa dentro de mim me corrói totalmente quando estou longe de você.

— O que você está sentindo é obsessão, menina. Só porque eu sou o único homem que tirou a sua virgindade, não quer dizer que seremos como namorados. Não é bem isso que acontece.

— Não quero ouvir papo. Eu quero transar! Transar bastante até aguentar. Abaixе a calça! Vai!

— Como?

— Não se faça de besta comigo. Abaixе a calça ou eu atiro no seu pau, e você vai ficar sem ele. Já posso até ver a notícia do jornal. Homem fica sem pinto por causa da amante louca — disse ela num misto de loucura e de riso. Achava tudo isso engraçado.

— Calma... calma aí! Isso aí machuca, tente raciocinar, menina, o que você está fazendo...

— Tem três segundos para abaixar a sua maldita calça ou eu atiro nele. A escolha é sua!

— Está bem, garota!

— Não me chame de garota, tampouco de menina, porra! Me chame pelo nome. Você me comeu, então eu exijo que me chame pelo meu nome.

— Você está certa! Farei tudo o que você pedir. Mas, por favor...

Ela apontou a arma para a calça dele, pedindo para tirá-la logo. Ele desabotoou o botão da calça jeans e abaixou-a, deixando apenas a cueca branca, com suas coxas grossas.

— Pronto! Está satisfeita?

— Não, não, não estou. Abaixе a cueca também!

— Santo Deus! Você está indo longe demais. É doentio!

— Três segundos ou diga adeus ao seu pau. Três... dois...

E imediatamente abaixou a cueca, revelando seu pau para ela, que ficou totalmente extasiada e sentia o seu coração bater fortemente. Desejo. Sexo. Calor. Corpo a corpo. Era tudo isso que ela

queria nesse momento com ele. Com um homem de verdade.

— Mais!

— Como assim mais?

— Não quero isso. Quero ele bem durinho. Faça seu júnior ficar duro!

— Meu Deus! Você acha que isso é fácil com essa porra de arma apontada para mim, sua louca?

— Pau duro ou fica sem ele. Você escolhe.

Alexandro colocou as duas mãos na cabeça, com vontade de rir pela tamanha loucura da sua amante e ao mesmo tempo suas pernas tremiam como árvores de bambu. Seus olhos, arregalados e horrorizados, marejaram.

— Deus! O que eu fiz para merecer isso?

A garota ficou excitada, alucinada, e segurando a arma. Mas Alexandro não achava isso muito excitante, ao contrário do que ela sentia; ele sentia medo. Achava tudo isso ridículo, patético até. Poderia até ser uma cena cômica se não fosse trágico. Ou ser ridicularizado ou morto, e ele optou pela primeira opção. Precisava se livrar dessa garota obcecada pelo sexo e trazer seu momento de tranquilidade de volta.

— Deite ali, agora!

E ele obedeceu sem dizer nada, deitando no chão sem tirar os olhos dela. Sentiu o solo gelado coberto de folhas coloridas na sua bunda. Estava se sentindo um completo idiota, assustado diante de uma garota obsessiva por ele e do seu sexo. Ela aproximou-se dele com a arma apontada diretamente para ele e com a mão desocupada tirou a sua calça, e estava sem calcinha. Alexandro custava a acreditar que estava diante de uma ninfomaníaca. Mal tinha acabado de perder a virgindade e agora se revelava uma garota psicótica sedenta por sexo. Ela ficou em cima dele, com a arma apontada diretamente para a cabeça dele.

— Faça como fez comigo antes. Quero sua língua em mim! Toque-a! Faça, seu puto desgraçado!

Ele olhava para cima, para os olhos dela e depois para a genitália na sua frente, esperando ser tocada. Ele hesitava, não pelo fato de não querer fazer sexo oral com ela, mas sentia repulsa por ser vítima sendo obrigado a fazer algo contra a sua vontade. Ele não via alternativa, se não tocá-la e fazê-la satisfazê-la, na esperança de que ela fosse embora e deixasse-o em paz. E foi o que fez. Ela começou a esboçar um sorriso de vitória.

Ele sentiu o corpo dela entrando em convulsão. Sentiu o líquido quente cair em cima dele. Ela teve orgasmo. *Mas já?* Porém, ele notou que o líquido que cobria seu corpo era quente e vermelho e que cheirava como sangue. Horrorizado, olhou para cima e ficou em estado de choque. A cabeça dela foi repartida ao meio por um machado, que sangrava profusamente,

descendo por todo o corpo dela. Pelo impacto de choque que ela levou, o corpo tremia involuntariamente e, depois de alguns segundos, despencou sem vida. Na sua frente, Alexandro viu quem segurava o cabo do machado: Shirley. Seu rosto estampava fúria e horror.

A morte brutal da garota foi um grande choque para Alexandro. Era a segunda vez que ele passava pela mesma situação diante do horror; primeiro o assassinato da sua família pela vizinha Jennifer e agora isso. Ele parecia carregar uma sina amaldiçoada e, para onde quer que fosse, algo ruim sempre acontecia. Depois do choque ao ver o corpo morto da ninfomaníaca, ele levou um tempo para pensar. E concluiu que deveria ir à polícia, mas Shirley negou, dizendo que era melhor enterrar o corpo e esquecer o episódio, já que naquele local não havia nenhuma testemunha.

— Mas será que não passou na sua cabeça que ela poderia ter avisado alguém que estava aqui?

— Não creio que ela tenha dito para alguém. Afinal, veio sozinha de moto, não é? Sabe qual é a possibilidade de uma jovem revoltada conduzindo uma moto em alta velocidade acabar sofrendo um grave acidente?

— Não me diga que vamos avisar à polícia que ela sofreu um acidente de moto e teve a cabeça rachada? Acha que a polícia engoliria algo assim? A autópsia saberá que foi o machado na cabeça, Shirley.

— Não, Alexandro, o que eu quero dizer é que os jovens são irresponsáveis pelos seus atos e acabam morrendo ou desaparecendo sem nenhum vestígio. Vamos enterrar o corpo e precisamos achar a moto dela, que deve estar por aí, escondida. Temos que nos livrar do moto. Quanto mais longe do cadáver, melhor.

— Querida, isso não é certo...

— Alexandro, preste bem atenção! Ela ameaçou você com uma arma, poderia ter te matado se não fosse por minha intervenção. Eu salvei sua vida, Alexandro, e peço que você tenha um mínimo de consideração por mim. A minha irmã está grávida e você será o pai dessa criança. Eu não quero você preso, muito menos eu. Não quero que a sociedade deprecie a minha imagem respeitada. Não estou a fim de me ver no jornal dizendo que a neta de Madame Branco é presa pelo assassinato. Não, isso não vai acontecer!

Alexandro a olhou por um momento entristecido, apesar do sentimento de mal-estar pela situação que ele mesmo trouxe ao se envolver com aquela jovem virgem.

— O importante é que não temos nenhuma testemunha aqui e temos que agir enquanto temos o tempo a nosso favor para enterrar esta louca e fazer de conta que ela desapareceu sem deixar nenhum vestígio. Nós nunca soubemos dela, e nem sabemos dela.

Ele meneou a cabeça, finalmente concordando.

— Desmembre-a e separe parte do corpo em lugares diferentes.

— O quê?

— Por que o espanto?

— Você ouviu o que acabou de dizer?

— Sim.

— Por que está assim tão fria pensando nisso?

— Eu sinto muito mal por isso, mas a ideia de ir presa é o que mais tenho medo. Eu odiaria ficar presa naquele lugar. Eu prefiro morrer livre do que viver presa. Você quer ficar preso?

— Não! Claro que não!

— Então, não percamos nosso tempo. Desmembre-a. Use o machado.

Ele estava completamente atônito.

— Por que essa cara? Afinal, você é enfermeiro, não é? Você já viu coisas piores do que essa?

— Mas...

— Corte-a! Eu vou para a cabana e procurar sacos de lixos e pá. Vamos! Não perca tempo! Vista a calça.

Ainda chocado, Alexandro levantou-se e puxou a cueca e calça para cima ao mesmo tempo, fechando o zíper e botão, e então olhou para o corpo da moça. Pegou os pés dela e começou a puxá-lo até o tronco caído da árvore, facilitando para ocultar o corpo, enquanto Shirley voltava para a cabana a fim de pegar o saco de lixo e as ferramentas necessárias para cavar o buraco da cova a sete palmos para as partes desmembradas da jovem.

Com várias machadadas, o corpo foi todo desmembrado. O trabalho havia sido longo e angustiante, correndo contra o tempo e a tensão de ser visto por alguém, o que felizmente não ocorreu. Lançou membros do corpo em lugares diferentes na floresta, incluindo a cabeça. Nunca, durante toda a sua vida, tinha pegado uma cabeça recém-decapitada, ainda mais com um dos olhos abertos, o que lhe custou muitas noites maldormidas e vários vômitos todas as vezes que tocavam as comidas. Desmembrar um corpo humano era completamente diferente do que suturar e tratar as feridas graves dos pacientes. Depois de todos os trabalhos escabrosos, ele procurou a moto dela, o que não consumiu muito seu tempo ao encontrá-la perto da árvore próxima à estrada de areia, com um capacete verde esmaltado com um raio amarelo sobre o assento. Fazia tempo que ninguém passava naquela estrada, exceto ele e Shirley, que iam para a cabana. Era uma propriedade privada, pago pelo aluguel para passar o final de semana na cabana. Com a chave que tinha em mão, ao retirar no bolso da calça coberta de sangue da jovem, ele ligou a moto, colocou o capacete e saiu conduzindo-o pela estrada, para longe da cabana, do corpo enterrado, e levou um tempo para chegar ao destino combinado, o de um penhasco. Sem

ninguém à vista naquele local, ele desceu do moto, e empurrou-a para fora do penhasco, lançando-a pelo abismo da pedra, e ao atingir no solo concreto, a moto se transformou em uma bola de fogo. Alexandro olhou lá embaixo por um tempo, com o capacete na mão e logo em seguida lançou-o também, em sua última queda na qual se espatifou ao atingir com violência nas rochas, rolando abaixo até cessar ao encostar em uma grande rocha íngreme. Ele não estava gostando nada disso, ninguém gostava de uma tragédia, ainda mais com um assassinato, mas o destino nunca dava nenhuma outra opção e restava a ele e à sua amante guardarem um segredo para toda a vida.

Ao voltar para a cabana e tomar um banho, ambos ficaram em silêncio por um longo tempo, pensativos. Não estavam mais com vontade de ficar juntos como faziam antes, nem os beijos e nem os desejos. Ela olhava lá fora, pela janela, com um olhar de tristeza. Tudo o que queria era saber quem era aquela garota.

— Qual era o nome dela, Alexandro?

— Para que quer saber dela? Vai ficar com ciúme mesmo ela estando morta?

— Não, apenas quero saber o nome dela.

— Isso fará alguma diferença para você, porra? Não vou mencionar o nome dela, Shirley. Ela está morta. Morta, ok? Não quero mais tocar nesse assunto. Vamos pegar nossas coisas e cair fora daqui. Não quero ficar mais nem um minuto aqui.

Depois disso, os dois voltaram para a cidade e cada um seguiu caminhos diferentes, onde Alexandro desejou não mais revê-la, incluindo a namorada grávida. Durante a sua caminhada habitual no período da manhã, antes de trabalhar no hospital, ele encontrou um panfleto de uma garota desaparecida colada no poste de luz. Por baixo da foto da garota virginal e sorridente, estava escrito o nome dela que Alexandro não ousou mais mencioná-la: *Annelise Montenegro*. Sentindo remorso e mal-estar pela morte dela, lembrando de onde o corpo desmembrado foi enterrado, ele não aguentou mais o segredo e medo de ser descoberto pela polícia. Por isso decidiu pedir demissão do hospital, pegou todas as coisas dele no velho apartamento, subiu em sua moto, colocando o capacete, e partiu rumo à cidade Alto Alegre, no estado de São Paulo. Ele sentia algo que deveria ir lá, como se o destino daquela cidade o chamasse como o canto de uma sereia que atraía o marinheiro do barco sem saber que ia ao encontro da morte.

Depois que Alexandro a deixou, Sônia Amorim, a namorada grávida, entrou em desespero, sem entender o porquê ele a abandonou sem nenhuma explicação, e Shirley, que já sabia o motivo, não tinha coragem de contar a verdade para ela. Tudo o que ela podia fazer era manter em silêncio e apoiar a sua irmã. Porém, passando uma semana depois do sumiço do Alexandro, o estresse e o desespero fez Sônia perder o bebê e com a perda dele, ela entrou em depressão profunda e jogou-se do décimo andar do prédio, falecendo instantaneamente, com o pescoço quebrado e ossos torácicos expostos para fora, danificando todos os seus órgãos vitais. Shirley ficou aturdida e em estado de choque ao encontrar o corpo da irmã gêmea. Ela chorou muito e a culpa a seguiu todos os dias. Com a morte da Sônia, ela e sua mãe, Sandra Amorim, mais conhecida como a filha da famosa Madame Branco, se mudaram para o Rio de Janeiro, em um bairro de classe média, alugando uma pequena casa no final da rua, onde recomeçariam uma nova vida frequentando a igreja batista todos os domingos, na tentativa de salvar a alma da irmã, acreditando que ela estava no inferno, por tirar a própria vida.

Meses depois, durante a madrugada, Shirley acordou toda suada ao ter um pesadelo perturbador ao ver sua irmã Sônia berrando e gritando socorro enquanto nadava em um mar de sangue que trazia milhares de crânios humanos ao redor dela. Ela sentiu um aperto no coração que parecia comprimir pelo tamanho da dor pensando na alma da sua irmã condenada em um lugar dominado pela escuridão. Seus olhos encheram-se de lágrimas e, como não conseguia mais dormir por conta desse angustiante pesadelo, ela saiu do quarto e foi tomar um suco de laranja guardado na geladeira.

Logo após, ela foi para a sala e sentou-se na poltrona, ligando a velha televisão. Havia um canal de culto evangélico, onde um pastor de cinquenta anos, com camisa branca, gravata e gel no cabelo, andava de um lado para o outro em cima do grande palco em frente da multidão sentada, com um microfone na mão. Conversava com um ouvinte pelo telefone ao vivo sobre seu problema do vício das drogas, orientando-o a buscar ajuda e pensar mais na fé em busca da cura de si mesmo. Shirley começou a tranquilizar-se ouvindo o pastor citar as passagens da Bíblia quando, de repente, a imagem do canal entrou em interferência, com um barulho de chiado. Ela ficou esperando o canal voltar à normalidade, mas a interferência permanecia por muito tempo. Ela bocejou, entediada. Pegou o controle remoto para desligar a televisão, porém sentiu uma presença atrás dela. A mão branca, com dedos longos e esqueléticos, pousou sobre seu ombro. Ela sentiu o ar pesado, capaz de comprimir sua alma. Ao virar o rosto para o lado para ver quem era a pessoa, a primeira coisa que viu foi seus olhos brancos e opacos. Depois, sentiu um aperto na garganta, obrigando-a abrir a boca. Viu um tentáculo saindo na boca do demônio e enfiou na dela, para sua goela. Estava possuindo-a, lentamente. Os olhos dela encheram-se de lágrimas, com seu grito abafado pelo tentáculo na sua goela.

A imagem da televisão voltou à normalidade e tudo o que aparecia era pânico da multidão.

Pessoas gritavam histericamente. A câmera focava para o pastor caído no chão. O sangue saía pela cabeça dele formando uma poça de sangue no chão. Tudo acontecendo ao vivo.

Shirley caiu no chão, sem força para manter-se de pé. Estava trêmula e horrorizada pelo que viu e sentiu a presença do demônio. Ela tentou localizá-lo em sua volta e não o viu mais. Colocou a mão na garganta, sentindo ardência e enjoo. As lágrimas desceram no seu rosto. Fez careta de choro e queria chamar a mãe. Mas não conseguia. Sua voz estava rouca, a garganta ardia. O coração ficou apertado, pelo medo, pelo terror, pelo mal que tirou a sua paz. Ao ouvir as gritarias das pessoas pela televisão, olhou para a imagem exibida ao vivo. Duas pessoas tentaram salvar o pastor, cujo corpo entrou em convulsão de repente. Ele estava vivo, foi o que Shirley pensou. Porém, ouviu um estranho som que mais parecia uma flauta tocando. Quem estava tocando o tal instrumento? Vinha pela televisão ou lá fora? Ela não sabia onde vinha exatamente, mas a sensação era aterradora, como um prenúncio de algo maior e terrível prestes a acontecer. Seria um anjo anunciando o fim dos tempos? De repente, ela viu um tentáculo negro sair em disparada do corpo do pastor, assustando duas pessoas que tentaram salvá-lo. Incrédulos pelo que viram, saíram correndo aos gritos. Enquanto o tentáculo subia e crescia sem parar, veio outro, mais outro e mais outros, um verdadeiro jorro de tentáculos em abundância, que mexiam, subiam, rastejavam no chão, como raízes vivas, enfurecidas e descontroladas vertiginosamente, pegando todos os fiéis que se encontravam na frente do templo. Com as pontas dos tentáculos atravessando nos seus peitos, que explodiram, lançando pedaços de carnes e ossos para fora. Shirley, por alguma razão desconhecida, sabia exatamente o que era aquela coisa tentacular emergindo como se estivesse saindo de um portal dimensional através de um amontoado de carne em pedaço do pastor. Tudo o que ela conseguiu foi sussurrar uma palavra carregada pelo medo que gelava sua alma:

— *Caos.*

A transmissão saiu fora do ar, e tudo o que exibia eram listras verticais coloridas e um longo som de bipe que durou toda a madrugada.

BIOGRAFIA

DENIS LENZI nasceu em 5 de março. É autor das obras publicadas, o suspense sobrenatural *Horas Contadas*, a aventura juvenil *O Entregador de Bonecos* – da série *As Luzes da Inocência*, e o conto infantil *Um Anjo no Moinho*, todos já disponíveis na Amazon. Bastante eclético, gosta de escrever histórias quando é motivado de compartilhá-las para os leitores. Seus gêneros preferidos são suspense, terror e drama, assim como filmes e séries.

Contato: denislenzi@gmail.com

Redes sociais:

Facebook: <https://www.facebook.com/denis.lenzi>

Instagram: <https://www.instagram.com/denislenzi>

Site: <https://www.denislenzibook.com/>

1 - Olhando para cima, há somente o céu / Descanse sua cabeça, vou te elevar / E não vamos desaparecer na escuridão / Não vou deixar você desaparecer na escuridão / Onde estamos agora, você estará segura / Segure minha mão, só por precaução

2 - Pareidolia é um fenômeno psicológico comum em todos os seres humanos, conhecido por fazer as pessoas reconhecerem imagens de rostos humanos ou animais em objetos, sombras, formações de luzes e em qualquer outro estímulo visual aleatório. Fonte:
<https://www.significados.com.br/pareidolia/>

3 - Quando você sentir o meu calor / Olhe nos meus olhos / É onde meus demônios se escondem / É onde meus demônios se escondem / Não se aproxime muito / É escuro aqui dentro / É onde meus demônios se escondem / É onde meus demônios se escondem